

219

A MÃE DE JESUS

VIDA DE MARIA NARRADA ÀS CRIANÇAS

compilada por Milvio, SSP.

EDIÇÕES PAULINAS

Nihil obstat: Sac. Dr. João Roatta, SSP. - São Paulo, 26-9-1967

Imprimatur: † J. Lafayette, Vig. Ger. - São Paulo, 27-9-1967

A história da Mãe de Jesus, narrada nestas páginas, pertence ao passado: faz dois mil anos que as estradas da Palestina viram seu encerramento terrestre. Mas, um capítulo interessante dessa aventura ao mesmo tempo divina e humana, é ainda hoje vivo e atual para nós.

Maria, a Mãe de Jesus, é mãe de todos os homens, porque a todos regenera na graça: é mãe de cada um de nós, e sua história, entrelaçada de esperanças, de "suspenses", de ansiedades, de orações e de bênçãos, renova-se dia a dia no curso da vida de cada um.

Na vida de Maria também nós temos um lugar: você que lê, eu que lhe falo, todos devemos representar um papel, porque a redenção foi realizada para todos e ninguém pode ficar à margem. Diante de Jesus, assim como de Maria, não há lugar para indiferença. Estamos presentes em cada uma das passagens da história da salvação. Choramos com Adão e Eva, culpados de pecado; com os profetas e com os patriarcas, invocamos a salvação e a graça; com os pastores de Belém, saudamos Jesus que renasce continuamente na Igreja; às vezes nos misturamos também nós com a multidão de ingratos que ofendem a Deus e querem crucificá-lo com o pecado; como Pedro, renegamos ao Senhor por medo ou por fraqueza: Maria nos oferece, como a ele, seu amor materno, a fim de que nos arrependamos e peçamos perdão; com os apóstolos participamos da alegria da ressurreição e unidos a centenas de milhões de irmãos, vivemos na Igreja que, unida com Maria, ora por nós para alcançar o divino Espírito Santo.

Por conseguinte, os acontecimentos da vida de Maria, Mãe de Jesus, ainda hoje são atuais e nos envolvem como protagonistas.

Não esqueça jamais isso, meu caro amiguinho, na leitura destas páginas!

A promessa do sétimo dia

Tudo era perfeito

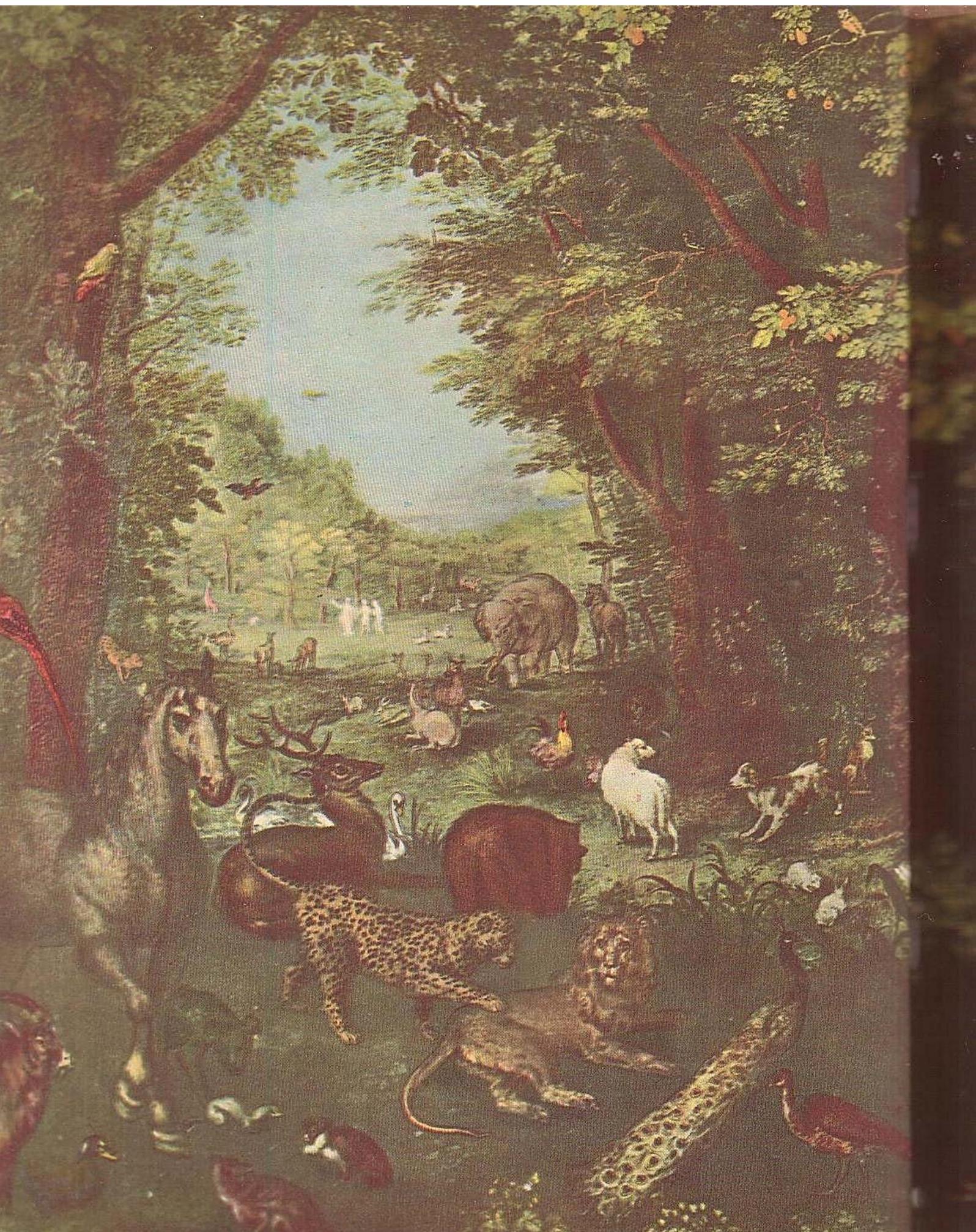
Chegava ao fim a primeira semana do mundo: em seis longos “dias” a palavra todo-poderosa de Deus tinha criado tôdas as coisas, tirando-as do nada: o sol, as estrêlas, o céu, a terra, as flôres, os animais, o mar, tudo...

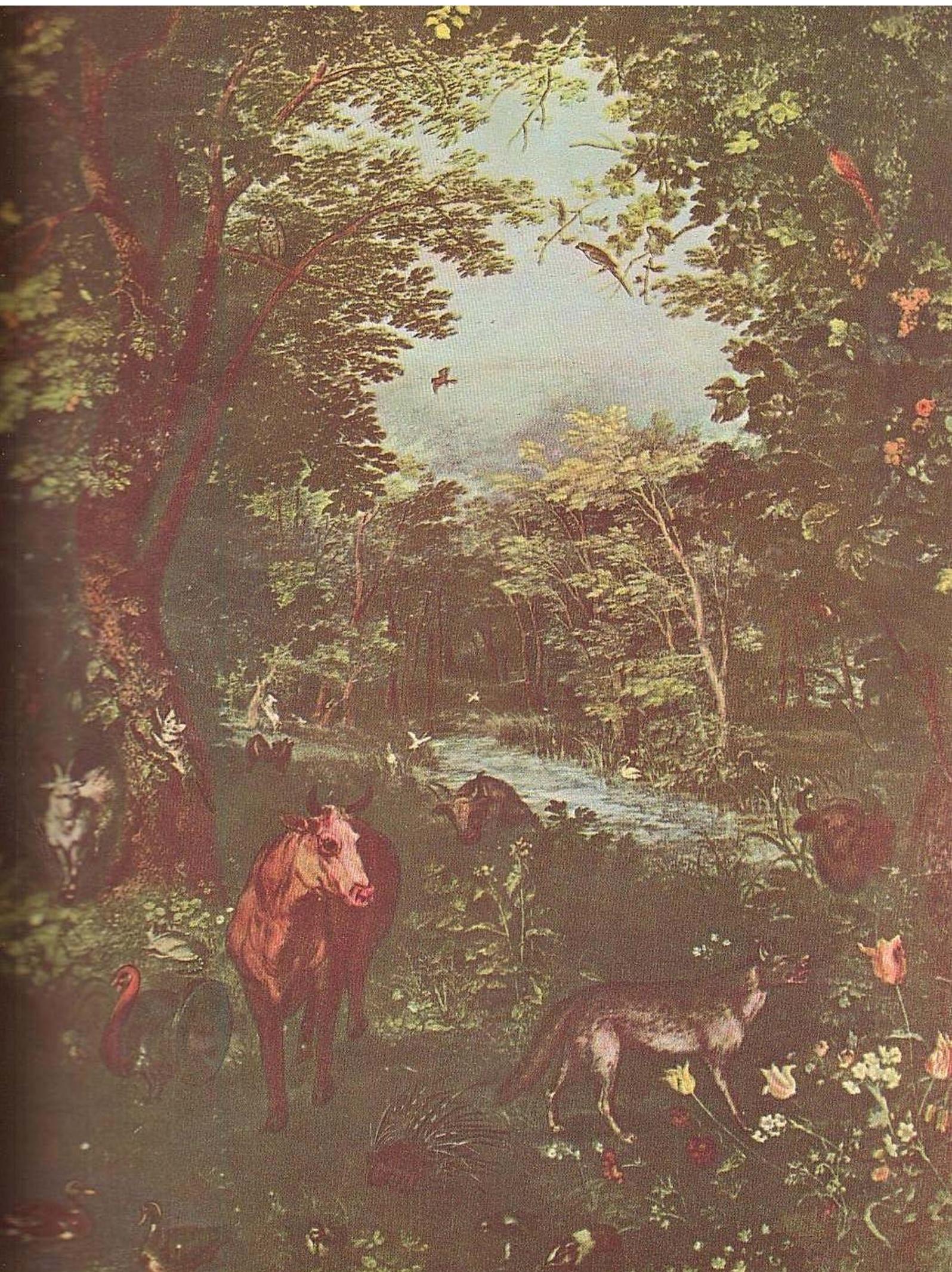
O mundo era maravilhoso: o curso vertiginoso dos astros no imenso espaço sideral prosseguia em perfeita harmonia; na terra, milhares e milhares de espécies diferentes de animais e de plantas sorriam à vida.

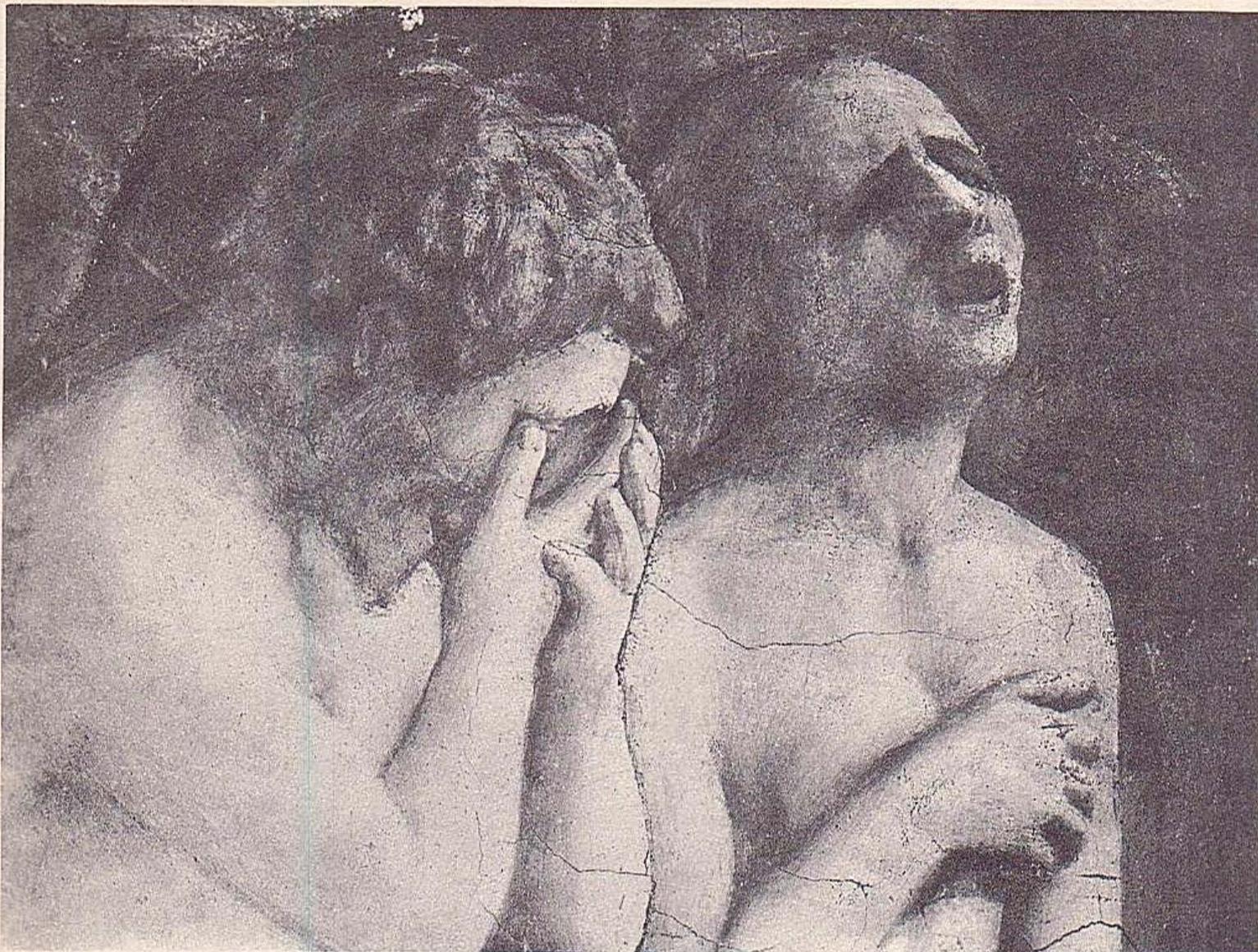
Deus olhou ao redor: a quem iria confiar êsse maravilhoso reino?

Faltava uma criatura racional, capaz de ser feliz no meio de tantas belezas. A sabedoria infinita de Deus realizou, então, o maior de todos os prodígios. Do limo da terra formou o homem, o ser mais perfeito, criado à sua imagem e semelhança, dotado de alma espiritual, livre, inteligente, imortal.

O primeiro homem chamou-se Adão, que quer dizer “feito do barro”. Para não deixá-lo sem companhia, Deus criou Eva, a primeira mulher, mãe de todos os homens. E, finalmente, ficou satisfeito com







TOMÁS GUIDI, cognominado MASACCIO

Florença, *Santa Maria do Carmo*

Expulsão do paraíso terrestre

o maravilhoso trabalho realizado. A Bíblia diz: “O Senhor viu que o mundo criado era bom”, ficou feliz e resolveu “descansar”, isto é, não dar existência a outras criaturas, porque tudo era perfeito.

Era o sétimo dia.

“Tornar-me-ei como Deus...”

Adão era o rei da criação. Deus tinha-o colocado num jardim maravilhoso, revestido de beleza, onde floria eterna primavera, com as mais lindas flôres e as frutas mais saborosas. Era o “paraíso terrestre” lugar encantador, aonde o próprio Deus descia para conversar amigavelmente com Adão e Eva.

Mas, também no mais feliz recanto do mundo o demônio, invejando a felicidade do homem, estava de tocaia. Um dia, Satã disfarçou-se de cobra, e escondeu-se na folhagem de um arbusto. Eva, afastando-se de Adão e cantando doce melodia, recolhia flôres escolhidas no bosque. Assim que se aproximou da cobra, esta saudou-a. Eva não se assustou, porque nenhum bicho podia fazer-lhe mal. Mas ficou surpreendida ao ver uma cobra falar.

— Por que Deus proibiu vocês de comerem as frutas do jardim? — perguntou maliciosamente a cobra.

— De modo nenhum! — sorriu Eva. — Deus sazona para nós tôdas as frutas dêsse jardim delicioso. Adão, meu marido, é dono de tudo... Deus proibiu-nos somente de apanhar as frutas da “árvore da ciência do bem e do mal”. Se comermos dessas frutas, morreremos com certeza.

Era verdade: Deus, para mostrar seu domínio sôbre tôdas as coisas, e lembrar ao homem que tôdas as criaturas deviam obedecer ao Todo-poderoso, tinha reservado para seu domínio exclusivo uma árvore, dentre milhares e milhares que floriam no paraíso terrestre.

Era uma prova de fidelidade que Deus exigia do homem. Mas a cobra insistiu:

— Vocês não morrerão. Deus proibiu vocês de comerem essas frutas, porque se comerem, vocês ficarão como êle, e conhecerão tudo, o bem e o mal.

Eva ficou indecisa. Olhou a fruta proibida: era, de fato, atraente!... Depois olhou em derredor. Deus estava longe, Adão descansava à beira do regato, ninguém podia vê-la. Apanhou uma fruta da árvore da ciência do bem e do mal, e segurou-a firme entre as mãos, enquanto a cobra infernal sorria zombeteira com sua vitória.

Eva pensava consigo mesma:

— Tornar-me-ei também eu igual a Deus... Não precisarei mais obedecer a ninguém... Conhecerei tudo: o bem e o mal...

Levou a fruta proibida à bôca e comeu; sentiu logo em seguida um grande mêdo. E se a cobra a tivesse enganado?... Olhou por todos os lados: a cobra tinha desaparecido. Transtornada, amedrontada, Eva correu e atirou-se nos braços de Adão. O marido compreendeu o drama de sua mulher, e para não lhe desagradar, recebeu de suas mãos a fruta do primeiro pecado, e comeu também êle.

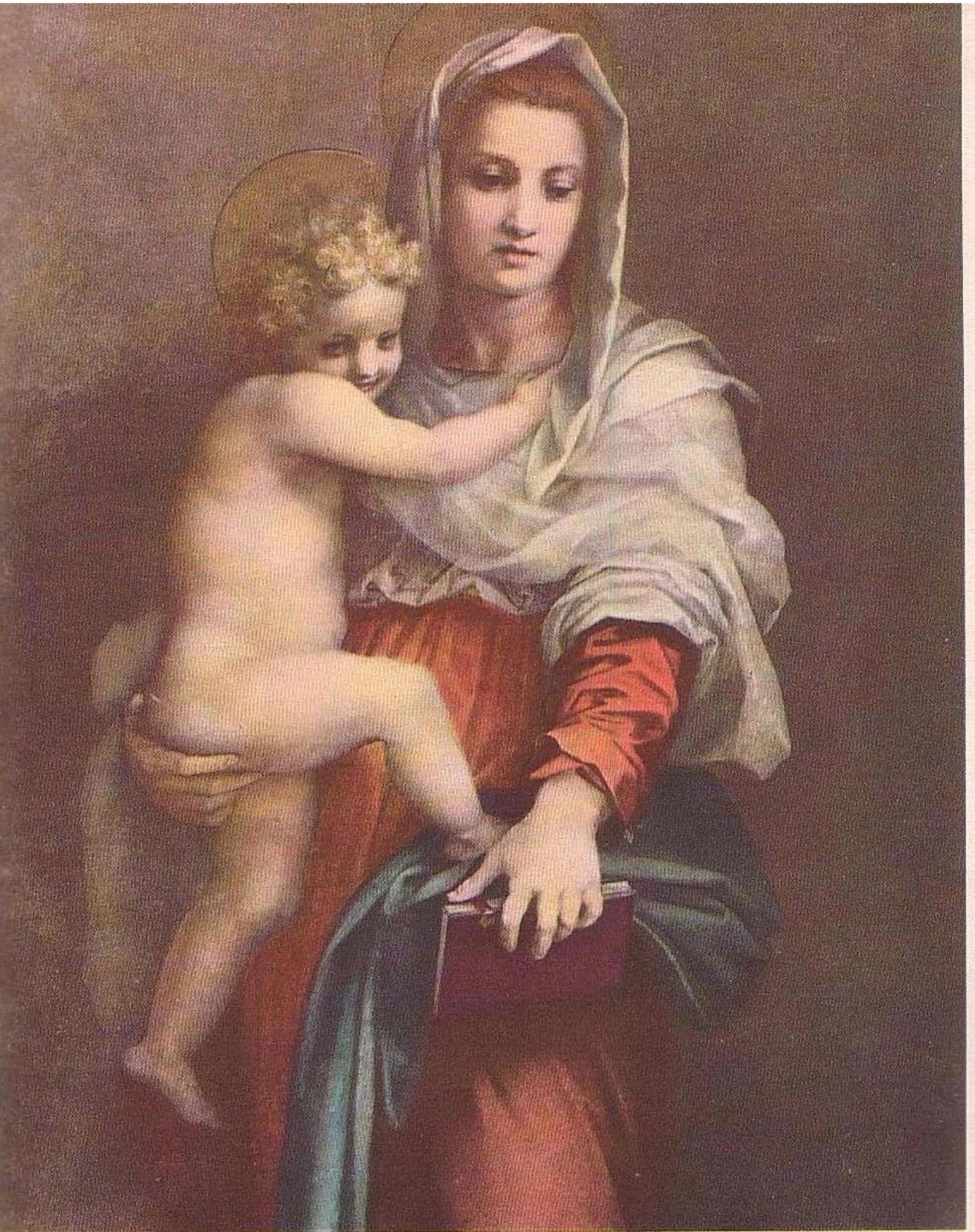
Naquele momento, o homem tornava-se inimigo de seu Criador. Adão e Eva tinham recusado a amizade de Deus, espezinhando sua lei. Êsse primeiro pecado chamou-se "original" porque cometido no início da humanidade. E os homens de tôdas as gerações, até o fim do mundo, ao nascer trazem consigo essa mancha infame.

A esperança na Mulher

A voz de Deus fêz-se ouvir no paraíso terrestre:

— Adão, Adão... onde estás?

O homem não reconheceu a voz amiga. Fugiu e se escondeu entre os arbustos. Mas, a Deus nada se pode esconder, ninguém pode escapar. Ecoaram, então, no jardim de delícias, palavras terríveis de maldição. Adão e Eva inclinaram a cabeça confusos.



Florença, *Uffizi*

ANDRÉ DEL SARTO

A Mãe de Jesus

As conseqüências do pecado original eram gravíssimas. A terra, antes amiga, tornou-se árida, inimiga do homem e, por si, só teria produzido abrolhos e espinhos. Os animais, antes a serviço do rei da criação, tornaram-se selvagens e ferozes. O trabalho, o cansaço, o sofrimento, a doença, o pranto e sobretudo a morte, como Deus tinha ameaçado, tornaram-se a herança do homem desobediente.

Deus amaldiçoou a cobra tentadora, amaldiçoou Eva, amaldiçoou Adão: visto que tinham recusado a amizade de Deus, deviam morrer, isto é, voltar ao pó, porque o primeiro homem tinha sido tirado da terra.

* * *

Antes de expulsá-los para sempre longe de si, o Senhor lembrou-se de todo o bem que tinha querido a Adão e Eva, e resolveu não abandonar ao próprio destino de morte as criaturas mais perfeitas, que êle tinha feito à sua imagem e semelhança.

Foi assim que Deus concebeu um maravilhoso plano de salvação a fim de reconduzir o homem à sua amizade.

“Eis: estabelecerei guerra sem tréguas entre a cobra e a mulher, entre os filhos de Satã e o Filho da Mulher: ela esmagará a cabeça da cobra infernal!”

Para o homem pecador desabrochava a esperança.

Adão pôde, então, erguer o olhar: queria agradecer a Deus, queria perguntar, implorando, quando viria o “Filho da Mulher”, o Salvador do gênero humano, queria saber... Mas o Senhor tinha desaparecido.

E um anjo cheio de majestade, com uma espada de fogo, expulsou-os do paraíso terrestre e ficou de guarda à entrada.

As primeiras lágrimas do mundo

Adão deu a mão a Eva e, a passos lentos, saíram para o desconhecido. Começava a dolorosa marcha da humanidade através do tempo. Fulmíneos coriscos riscaram o céu que, de repente, escurecera. O trovão ribombou terrivelmente. Eva estreitou-se ao peito de Adão, ocultando o rosto. Também Adão tremeu de medo e fechou os olhos para não ver. Ante a natureza que se rebelava e mostrava sua força, os primeiros homens provaram o medo e derramaram as primeiras lágrimas. Correram para se esconder numa caverna, ofegantes de cansaço. Na frente do homem apareceram as primeiras gôtas de suor.

Mas ainda lhes restava uma esperança: o Salvador, o “Filho da Mulher”, que esmagaria a cabeça da serpente.

Quando viria? Ninguém poderia saber, mas Deus tinha prometido: para salvar o homem pecador, o Senhor começa, então, a redenção, a obra maravilhosa do “sétimo dia”, que continua ainda hoje, e não terminará mais.



MOZAICO DO SÉC. VI

Ravena, Igreja de Santo Apolinário in class

O sacrifício de Abel

A antiga aliança

“Voltarás a ser pó!”

Passaram os anos. Adão e Eva viviam numa caverna perto do rio. Tinham aprendido a defender-se dos animais selvagens com o fogo e por isso, junto à sua morada buscavam guarida os animais mais tímidos: cabras e ovelhas, fugiam às garras dos animais carnívoros. Adão cultivava a terra para se alimentar, e Eva lhe dava uma mão, cuidando do pequeno rebanho que conseguira formar.

Tiveram filhos, as primeiras crianças da humanidade. Caim dedicou-se à agricultura e Abel ao pastoreio. Nunca tinham visto o Senhor, mas os pais lhes tinham ensinado a orar e a oferecer em sacrifício as primícias do rebanho e dos campos.

Caim, avarento e ciumento de seus haveres, oferecia sôbre o altar as frutas inferiores, e Deus não apreciava êsse sacrifício, ao passo que apreciava as ofertas de Abel, que imolava os melhores exemplares de seu rebanho.

Tomado de inveja, Caim atacou Abel, ferindo-o com uma pedra. Abel tombou, manchando com seu sangue a entrada da caverna. Inútilmente inclinou-se Eva sobre seu corpo para reanimá-lo; em vão apertava-o contra o peito como que para aquecê-lo: aquêles olhos não se abriram mais!

Só nesse momento Eva compreendeu o que significava a morte; só então percebeu o que significava o terrível “voltareis ao pó donde fostes tirados”, pronunciado por Deus depois do pecado.

Eva chorou por longo tempo, inconsolável: aquêles filhos sem vida era o castigo do seu pecado. Deus fêz ouvir sua voz, a voz terrível da justiça, que se levantava contra Caim, réu do primeiro homicídio:

— Caim! o sangue de teu irmão brada por vingança diante de mim! Tu serás amaldiçoado, porque mataste...

Caim ficou aturdido com essas palavras. Teve mêdo, chorou, desesperou. Eva procurou consolá-lo: também ela, um dia, tinha ofendido a Deus.

Desde aquêles dias de luto e de lágrimas, Eva não cessou de repetir aos próprios filhos, aos filhos de seus filhos e aos mais remotos de seus descendentes, que Deus tinha prometido o perdão, a misericórdia, que Deus reataria novamente a amizade com o gênero humano. Antes, porém, deveria correr muito tempo, os homens deviam ainda sofrer e chorar a fim de reparar a desobediência.

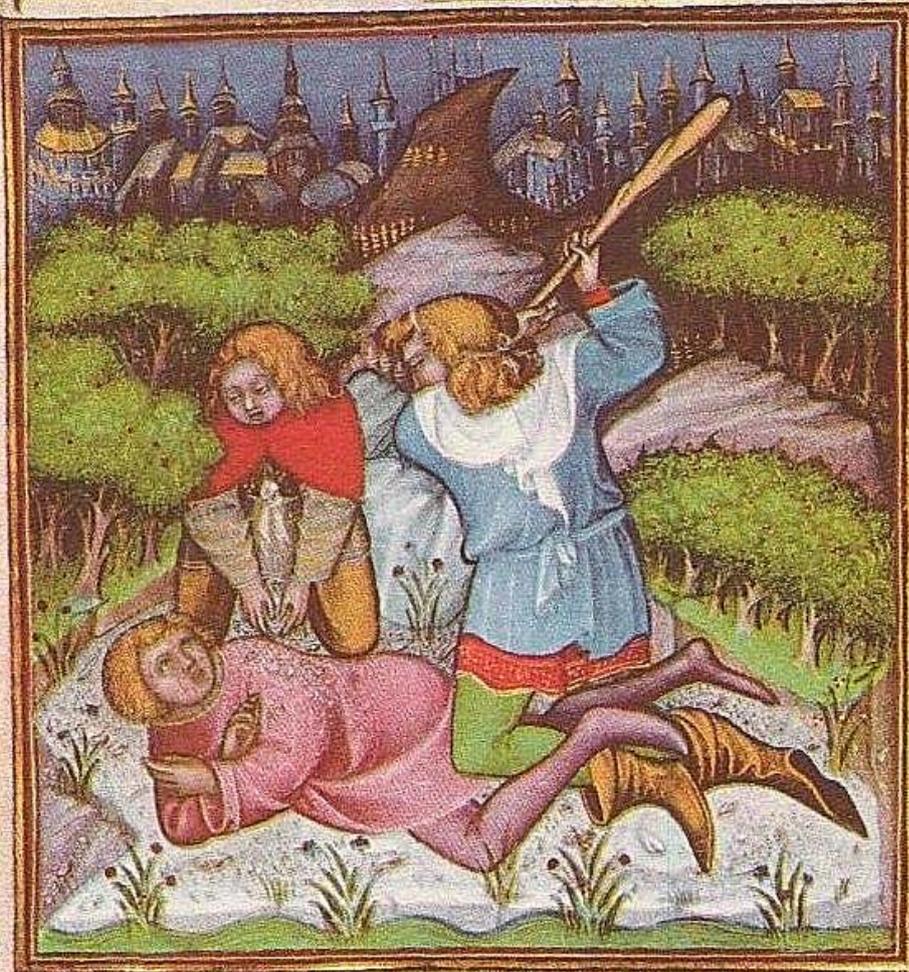
Amiúde Adão e Eva rezavam juntos:

— Senhor, esquecei nossa desobediência. Mandai o Salvador que prometestes para que nos reabra as portas do Paraíso!

Um pacto com o pastor fiel

Com o correr dos séculos, os homens cresceram em número, e formaram tribos e povos. Esqueceram a promessa de Deus. Não só. Muitos esqueceram-se até do próprio Deus e começaram a adorar como ídolos as criaturas: o sol, a lua, animais.

scis tuis .to perpetue beatitudinis consortii
peruenire concedas.



In agenda mortuorum. Ad matutinum
Invocatorium. **R**egem cui omnia in
iunt. Clemente. adoremus. psalmus. dauid.

Deus não podia tolerar que sua promessa fôsse esquecida. Um dia chamou Abraão, um humilde pastor, e fêz com êle um pacto de amizade:

— Abraão, eu serei teu Deus, proteger-te-ei. Terás por pátria uma terra fértil com muitas pastagens para teus rebanhos. Farei de ti um grande povo. Os teus descendentes serão numerosos como as areias do mar e como as estrêlas que brilham no firmamento. Podes, por acaso, contá-las? Pois bem, numerosos assim serão teus descendentes. Tu, porém, deverás ser fiel ao meu pacto: Andarás sempre na minha presença, isto é, adorarás sòmente a mim e não ídolos, e te conservarás sempre bom. Como sinal dêste pacto, determinarás que teus filhos circuncidem todos os meninos oito dias depois de nascidos.

A circuncisão, um corte aplicado com uma pedra afiada, era dolorosa, mas exigido por Deus como prova de fidelidade.

Abraão prometeu observar o pacto do Senhor e, finalmente, após anos de expectativa, alcançou a graça de ter um filho. Circuncidou-o de acôrdo com a ordem de Deus, e lhe pôs o nome de Isaac.

* * *

Deus quis provar Abraão, como tinha provado Adão e Eva no paraíso terrestre. Apareceu-lhe e disse:

— Abraão, toma teu filho que tanto amas, e sacrifica-o em minha honra sôbre o altar!

O pobre pai viu-se desfalecer: como poderia êle matar o próprio filho que tanto desejara? Além disso, se matasse seu filho único, como poderia ter uma descendência numerosa como as estrêlas do firmamento? Mas, logo se controlou: precisava obedecer a Deus. Chamou Isaac e, juntos, encaminharam-se para o monte do sacrifício. O rapaz, ignorando o que o esperava, corria alegre e feliz, enquanto ao pobre pai Abraão sangrava o coração. Chegados ao lugar, o velho pai amarrou o filho e estava para sacrificá-lo, quando um anjo lhe segurou a mão:

— Pára, Abraão! Não faças mal ao menino, porque Deus quis provar tua fidelidade e já viu tua obediência heróica!

Deus renovou seu pacto com Abraão, que se tornou o primeiro chefe do povo escolhido do Senhor, aquêle povo que devia manter viva

no mundo a fé no único Deus verdadeiro e a esperança no Messias salvador.

Êsse pacto chamou-se Antiga Aliança ou Antigo Testamento. O nôvo pacto ou Nôvo Testamento, Deus o realizará por meio do Messias, o "Filho da Mulher".

Deus é mais forte do que o faraó do Egito

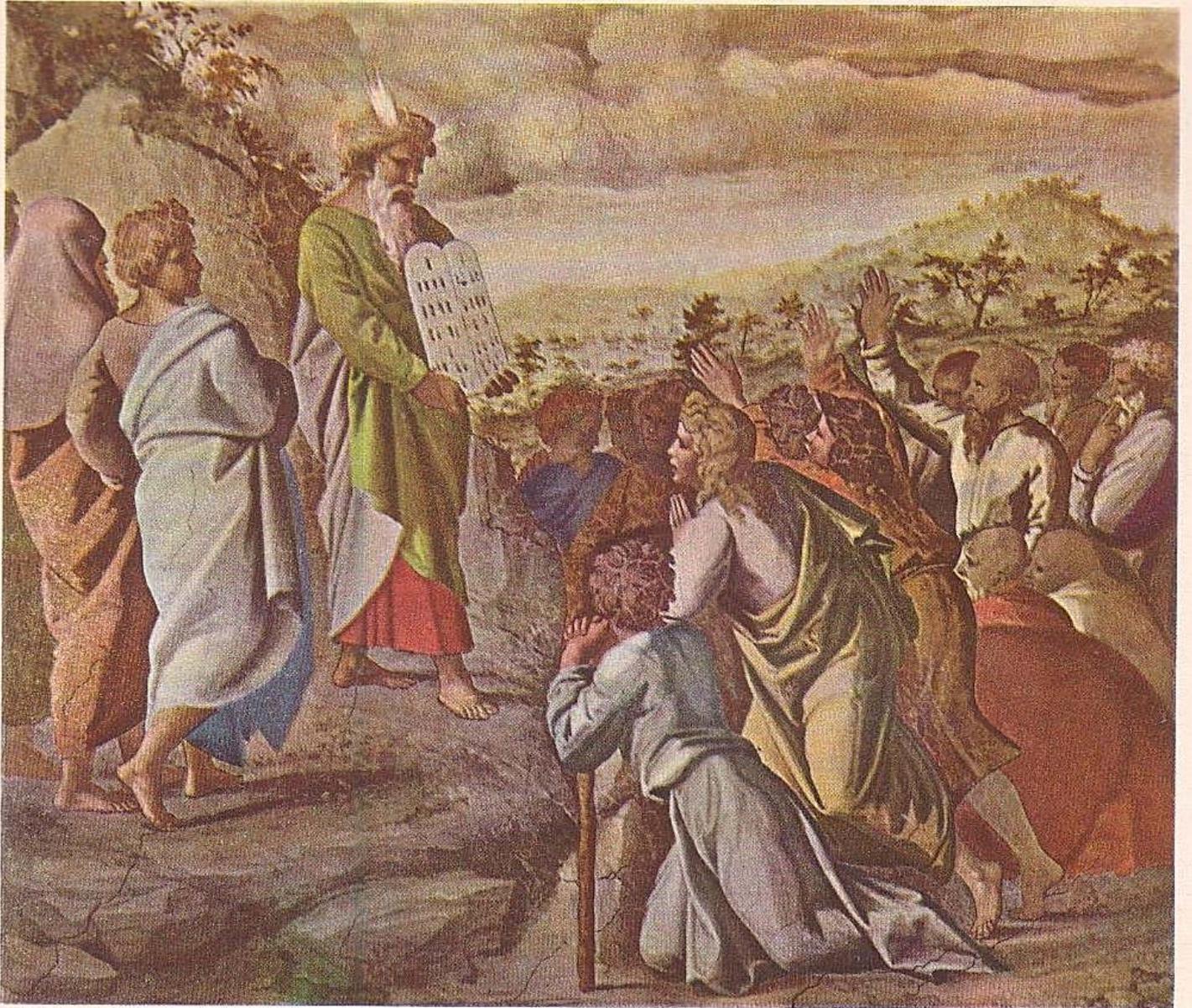
Isaac teve dois filhos, Esaú e Jacó; Jacó teve doze filhos, entre os quais se contava José, que foi vendido pelos irmãos e levado como escravo para o Egito, país do qual se tornou mais tarde vice-rei.

Durante uma grande fome, a família de Jacó teve que refugiar-se no Egito, a procura de mantimentos. Lá cresceu e se tornou um povo. Mas o faraó, para impedir que êsse povo se tornasse mais numeroso ainda, obrigava os israelitas a trabalhar como escravos e chegou até a mandar matar tôdas as crianças do sexo masculino que nascessem.

Uma mulher israelita, não querendo matar o próprio filho, colocou-o numa cesta de vime, que fêz boiar nas águas do rio Nilo. A correnteza arrastou a cesta para uns juncos, onde a filha do faraó costumava banhar-se. A princesa viu a criança, teve dó, recolheu-a, deu-lhe o nome de Moisés e criou-o como se fôsse seu filho. Mais tarde Deus encarregou Moisés de libertar o povo israelita da escravidão do Egito, e reconduzi-lo à própria terra, a Palestina, porque lá devia nascer o Messias.

Para que ninguém esquecesse sua lei, Deus deu a Moisés os mandamentos gravados em duas tábuas de pedra. O próprio Deus governava seu povo, a princípio por meio de Moisés, depois por meio dos juizes, e por fim através dos profetas. Os profetas eram homens que falavam em nome de Deus, inspirados por êle.

Tudo quanto Deus falou por meio de Moisés e dos profetas, foi diligentemente escrito e por ordem do próprio Deus recolhido na Bí-



RAFAEL SANZIO

Vaticano, Logge

Moisés apresenta ao povo as tábuas da lei

blia. Ela é o livro mais importante do mundo, porque inspirado pelo divino Espírito Santo.

A Bíblia encerra ainda a história da criação do mundo e do primeiro pecado, e especialmente tudo quanto Deus fez para redimir o mundo e apagar o pecado, começando de Abraão até à vinda de Jesus e a fundação da Igreja.

Não se trata, porém, só de fatos antigos, porque através da história dos patriarcas, dos profetas, do povo israelita, está narrada a história de todos os homens, também a nossa. De fato, todos nascemos pecadores, fomos redimidos pelo sangue de Jesus, fazemos parte do povo de Deus, a Igreja, e estamos a caminho do Paraíso, que nos foi aberto pelo Redentor.

O retrato da mulher prometida

Setecentos anos antes

Por séculos e séculos os israelitas mantiveram-se fiéis ao pacto feito por Deus com Abraão, e cultivaram a esperança no Messias que devia vir, o “Filho da Mulher” de que Deus tinha falado no paraíso terrestre.

Mas, quem era aquela ditosa Mulher? Quem era aquela que todo mundo aguardava com ansiedade e vivo desejo? Era Maria Santíssima, a Mãe de Jesus. Deus tinha revelado isso de maneira misteriosa e, para aumentar a expectativa, de tempos a tempos transmitia através dos profetas referências mais claras à Mãe do Messias.

* * *

Setecentos anos antes do nascimento de Jesus, Isaías, o maior dos profetas, predisse que a Mulher prometida devia ser virgem e que o

próprio Deus a teria feito mãe, porque seu Filho devia ser o “Filho do Altíssimo”.

O profeta Daniel, num famoso vaticínio, predisse o tempo em que devia nascer Jesus: “Foram estabelecidas setenta semanas de anos (490 anos) para pôr têrmo ao mal, acorrentar o pecado, reparar a iniquidade e começar o tempo da justiça, que não terá mais fim”.

* * *

Além das profecias, Deus quis também dar aos homens figuras que mostrassem a grandeza da Mãe do Messias. A Bíblia traz, por isso, a história de personagens extraordinárias, suscitadas por Deus para que o povo escolhido pudesse ao menos imaginar quão importante devia ser a Mulher prometida.

Sòzinha contra um exército

O poder e a grandeza de Maria, Mãe de Jesus, estão bem representados em Judite, a mulher corajosa que livrou Betúlia do cêrco dos assírios.

A pequena cidade, fortificada com altos muros, foi cercada pelos inimigos, que cortaram a água a fim de obrigar os moradores a se entregarem pela sêde. Ninguém podia sair nem entrar na cidade. Ninguém podia vir em socorro. Terminadas as provisões de víveres e de água, os chefes queriam entregar-se. Mas Judite sabia que se Betúlia se rendesse, todos os seus moradores seriam levados para a Assíria como escravos. Pediu aos generais que esperassem ainda três dias. Nesse tempo suplicou a Deus, jejuou e fêz penitências no recesso de sua casa, para alcançar ajuda do céu.

Depois vestiu os melhores trajés, enfeitou-se com colares e jóias preciosas, e saiu da cidade. Foi imediatamente prêsa pelas sentinelas



CRISTÓFANI ALLORI

Florença, Galeria P

Judite, libertadora de Betúlia

assírias, que ao ver sua beleza não tiveram coragem de matá-la, mas levaram-na ao comandante Holofernes. Também êle ficou irresistivelmente atraído pela singular beleza de Judite, a quem Deus concedera graça e encanto extraordinários. Holofernes resolveu conservá-la consigo, para se casar com ela. Uma noite êle deu um grande banquete aos generais para celebrar a próxima vitória e convidou Judite.

Houve cantos, danças e bebidas à vontade. Alta noite, Holofernes caiu em profundo sono, vítima da embriaguez. Judite, que tinha ficado a sós com êle, invocou a ajuda de Deus, depois pegou a espada que pendia da parede e matou o comandante inimigo, cortando-lhe a cabeça. Escondeu a cabeça de Holofernes num saco e aproveitando a escuridão, saiu do acampamento inimigo em companhia de sua criada. As sentinelas deixaram-nas passar, porque sabiam-na amiga do comandante. Judite voltou a Betúlia e mostrou ao povo a cabeça de Holofernes. À vista do troféu, o povo criou ânimo e, saindo da cidade, atacou os assírios. Êstes, vendo-se sem chefe, fugiram em debandada. E Betúlia foi salva. Deus tinha vencido pela mão duma mulher: assim, Maria devia vencer a serpente infernal.

*“A Lei não foi feita para ti,
minha rainha...”*

Outra figura do poder da Virgem Santíssima é Ester, môça israelita, que nasceu no exílio e se tornou espôsa do rei Xerxes da Pérsia. Também esta história é contada pela Bíblia.

Um ministro muito mau alimentava ódio profundo contra os israelitas e por meio de falsas acusações convenceu o rei a decretar seu extermínio. Ester queria salvar seu povo. A lei do país proibia sob pena de morte que alguém se apresentasse ao rei sem ser chamado. Assim mesmo, Ester arriscou a vida e se aproximou do trono para pedir ao rei em favor do próprio povo. Os ministros ficaram estupefatos: como ousava a rainha violar a lei? Ester sentiu-se desfalecer e

caiu nos braços das criadas. Mas o rei ficou encantado com sua beleza e estendeu-lhe o cetro em sinal de perdão, dizendo:

— Não tenhas medo, Ester. Não morrerás. A lei foi feita para os outros, não para ti, minha rainha!

Ester pôde recomendar seu povo ao rei, demonstrou a falsidade das acusações feitas pelo pérfido Amã e conseguiu um decreto de anistia para todos os israelitas.

Ester é figura de Maria. De fato, Maria foi concebida sem pecado. É a única imaculada. Por um especialíssimo privilégio de Deus não foi atingida pela lei da morte, que é consequência do pecado original. Podia apresentar-se diante do trono de Deus para alcançar o perdão para os homens pecadores. Dando ao mundo seu filho Jesus, ela alcançou o decreto de perdão e a salvação para todos os homens.

* * *

Na Bíblia há muitas outras manifestações que se referem à Virgem Santíssima e a seu Filho divino. Através dos séculos de expectativa, Deus quis preparar um verdadeiro retrato da Mulher vencedora da serpente infernal e de seu Filho para que, quando chegasse a hora da redenção, os bons pudessem reconhecê-los e recebê-los dignamente.

Infelizmente, só depois de sua morte e ressurreição, os apóstolos, iluminados pelo divino Espírito Santo, puderam reconhecer em Jesus o verdadeiro Messias prometido, porque tinham-se realizado nêles todas as profecias da Sagrada Escritura.

Um ramo vigoroso como um cedro

A província agrada a Deus

Depois de séculos de espera, chegou afinal o ditoso tempo em que Deus tinha resolvido mandar o Salvador.

As setenta semanas de anos anunciadas pelo profeta Daniel, já tinham passado, e todo bom israelita acalentava no coração as mais belas esperanças.

Roma dominava o mundo. A maior parte das terras conhecidas tinha sido subjugada pelas legiões romanas e obedeciam ao imperador de Roma. Também a Palestina era uma "província", isto é, uma colônia romana, e devia pagar o tributo ao César.

Agora podia realizar-se o que o profeta Ezequiel anunciara séculos antes: "Eis que apanharei um ramo da copa de uma grande árvore, e o plantarei no monte de Israel... Lançará seus ramos, produzirá frutos abundantes, e crescerá vigoroso como frondoso cedro, em cujos ramos pousarão os pássaros. Assim, tôdas as árvores da floresta reconhecerão



ANDRÉ DEL CASTAGNO

Florença, Cenáculo de Santa Apolónia

A rainha Ester

que eu sou o Senhor, que posso humilhar a árvore grande e erguer a pequena”.

O sentido da profecia é claro: a árvore grande indica o império romano; o pequeno ramo plantado é a Palestina, onde floriu a Igreja de Jesus, que cresceu como uma árvore frondosa para acolher em seus ramos os homens de tôda a terra, enquanto o império romano, já grande e poderoso, desaparecia.

O drama de um lar sem filhos

Infelizmente a Bíblia não fala da família da Virgem Maria. Sòmente fala que Maria descendia do rei Davi, como prediziam os profetas.

Precisamente para preencher o silêncio da Sagrada Escritura, surgiram desde a mais remota antiguidade, belíssimas histórias sôbre a infância de Maria. Embora não sejam històricamente provadas, vamos lembrá-las.

O pastor Joaquim era homem bom, temente a Deus, casado com Ana. Ambos descendiam do rei Davi, observavam a Lei de Deus e viviam na doce esperança de que se cumprissem as profecias referentes ao Messias. Tôda mulher israelita desejava muitos filhos, porque ambicionava ser mãe do Messias prometido. Ana, ao invés, andava triste, porque nenhuma criança chegava para alegrar seu lar. Os bons esposos já estavam idosos e tinham perdido tôda esperança de receber de Deus o presente de um filho.

Um dia Joaquim apresentou-se no Templo mais triste do que nunca, a fim de oferecer em sacrifício a Deus dois cordeirinhos, como era costume então. Mas, uma voz misteriosa o arrancou de seus pensamentos:

— Joaquim, Joaquim!...

Assustado, êle olhou em derredor, mas não viu ninguém. Passados uns instantes de silêncio, a voz continuou:

— Não podes oferecer agora teu sacrifício... Não deves sacrificar agora teus cordeiros, mas depois que tiveres um filho...

O pobre homem achou que até o céu queria divertir-se às suas custas.

— Como?!... — resmungou. — Já pedi tantas vêzes a Deus um filho, mas talvez eu não seja digno. Quem será que quer gozar de mim?

Sem saber o que fazia, Joaquim saiu do Templo e meteu-se pelos campos. Não queria voltar para casa. O que diria à querida Ana? Retirou-se para um lugar solitário e rezou com mais fervor do que nunca. A velha espôsa já começava a preocupar-se com a longa ausência de Joaquim, quando um anjo lhe trouxe uma notícia maravilhosa: Seria mãe de uma menina extraordinária, destinada a missão especial. Também Joaquim, avisado pelo anjo, soube da nova e, fora de si pela alegria, correu para casa rápido como se tivesse trinta anos a menos.

Os velhos esposos atiraram-se nos braços um do outro, banhados em lágrimas: desta vez eram lágrimas de alegria e gratidão.

Maria, a “amada de Deus”

A filha do milagre

Como o anjo anunciara, não tardou e a casa de Joaquim foi alegrada por um lindo sorriso de menina. Era talvez o dia 8 de setembro, a estação em que o sol sazona as mais saborosas frutas. Lembrando a longa espera dêsse presente miraculoso, os piedosos pais consagraram, reconhecidos, sua filhinha a Deus e prometeram apresentá-la no Templo para as funções litúrgicas.

A filha do milagre recebeu o nome de Maria, que significa “amada de Deus”. Esse é o nome da feliz Mulher de que falavam as profecias, e que todos os homens esperavam há milênios. Ela seria a nova Eva, aquela que haveria de trazer ao mundo o Salvador.

Maria não era como as demais crianças, porque tinha sido preservada do pecado original por um singular privilégio de Deus, e nasceu imaculada, isto é, sem mancha alguma na alma.

Joaquim e Ana eram os pais mais felizes da terra, embora nada soubessem da futura missão de Maria.

A menina crescia viva e alegre, dotada de aguda inteligência e feliz memória. Aprendia com facilidade tudo quanto a mamãe lhe ensinava, isto é, as páginas bíblicas, as profecias, os salmos, a história do seu povo. Apreciava de modo especial a narrativa dos prodígios realizados por Deus e das promessas que se deviam cumprir com a vinda do Messias.

Mais perto de Deus

Passados alguns anos de indescritível alegria, chegou o dia da separação. Maria devia ser apresentada no Templo, para servir a Deus como o anjo tinha anunciado antes que ela nascesse. Anexo ao Templo de Jerusalém, havia um colégio, onde eram educadas as jovens israelitas que se votavam ao serviço de Deus.

— Já é tempo que Maria siga seu caminho... — dizia Joaquim, com voz cheia de tristeza.

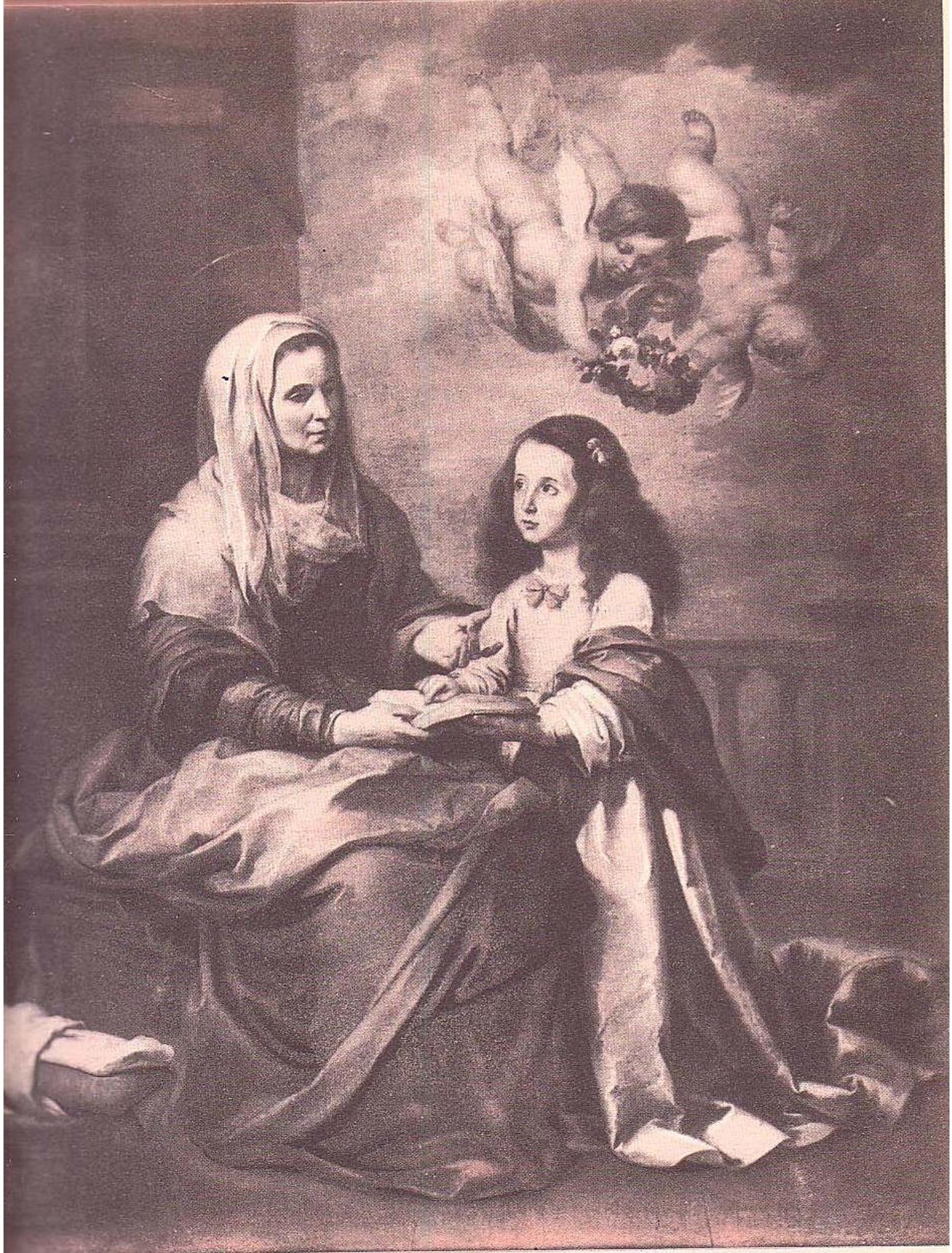
— Mas é ainda criança... — suspirava Ana. Como poderá viver sem nós? — A boa senhora falava assim, mas bem sabia que não poderia viver sem a sua pequena Maria. Tinha-se afeiçoado a ela de tal maneira, que lhe parecia não poder mais separar-se.

Chegou o dia do adeus.

Joaquim tomou Maria pela mão. Ana levava, numa cesta, o enxoval da filha.

— Arrumei todos seus pertences aqui, Maria — dizia a mãe. — Se você precisar de mais alguma coisa, mande-me avisar logo... não tenha receio.

Joaquim ia em silêncio. A pequena comitiva parou assim que avistou ao longe a cidade santa, Jerusalém, onde se destacava a branca e imensa construção do Templo. Maria exultou de júbilo. Joaquim e Ana entreolharam-se, como que para se encojarem mutuamente. E num fervoroso e íntimo ato de fé, renovaram a consagração da própria filha a Deus, de quem a tinham recebido qual precioso presente.



Estêvão, apelidado MURILLO

Madri, Galeria do Prad

Sant'Ana e Maria Menina

Maria corria jubilosa: talvez sentisse no íntimo a voz de Deus que a chamava junto a si no Templo. Foi preciso mais uma parada ao pé dos muros de Jerusalém. A viagem se aproximava da meta, mas o sol a pino tornava por demais cansativa a caminhada dos velhos pais. A cidade era um desordenado burburinho de povo: na praça, os mercadores misturavam-se aos boêmios; mulheres apressadas ocupavam-se das compras; camelos, jumentos e muares jaziam preguiçosos e sonolentos à sombra dos muros, por perto das pensões onde seus donos faziam as refeições. Os três, Maria, de mãos dadas com o pai e a mãe, encaminharam-se por entre o vozerio do mercado, para o Templo.

Na escadaria um sacerdote foi-lhes ao encontro. Joaquim apresentou-lhe Maria e confiou-a a seus cuidados. Um último abraço, algumas recomendações mais da bondosa Ana, depois Maria encaminhou-se para o portão, onde algumas meninas a esperavam para dar-lhe as boas-vindas. Voltou-se, olhou ainda uns instantes e despediu-se agitando a mãozinha:

— Mamãe, papai... não chorem. Perto de Deus serei certamente feliz. Além disso, podem visitar-me sempre. Até logo!

Assim que Maria desapareceu, Ana agarrou-se com fôrça ao braço de Joaquim e, juntos, entraram no Templo para orar. Ana ficou no pátio das mulheres e Joaquim continuou até perto do altar. No silêncio, mais uma vez agradeceram a Deus a graça daquela filha abençoada e renovaram a generosa oferta! Maria fôra recebida de Deus, voltava para Deus. A missão dêles dava-se por encerrada.

Ao se encontrarem na saída do Templo, os dois bondosos velhinhos tinham os olhos úmidos, mas eram lágrimas de reconhecida gratidão para com Deus: o duro sacrifício da separação de Maria era compensado pela imensa alegria íntima que sentiam. Porque Deus premia sempre os sacrifícios que os homens fazem por seu amor.

Deus escolheu-te um espôso

Uma inspiração singular

O tempo passou depressa. Maria contava seus quinze anos. No Templo havia aprendido tantas coisas. Adquirira instrução. Sobretudo tinha aumentado seu amor para com Deus e seus conhecimentos sôbre as Sagradas Escrituras. Já era môça formada, inteligente, gentil, formosa e sobretudo boa.

Joaquim e Ana tinham descansado na paz do Senhor, recebendo de Deus o prêmio de sua fidelidade. Maria ficara só no mundo e, precisando deixar o Templo, necessitava de colocação segura.

Quem devia resolver o caso era o sumo sacerdote, que a chamou e lhe disse:

— Maria, você já está crescida, e não pode mais ficar entre nós. Suas preceptoras não têm mais nada para lhe ensinar. Você aprendeu tudo o que elas podiam ensinar-lhe. Suas companheiras são bem mais jovens do que você... Agora, Maria, você deve pensar em formar sua família.

A jovem ergueu para o ancião dois grandes olhos incrédulos: prometera a Deus pertencer sempre e somente a êle. Queria dedicar-se a vida tôda ao serviço de Deus no Templo, numa consagração total. Para que casar?...

— Não, Maria — insinuou o sumo sacerdote. — É vontade de Deus que você deixe o Templo. Eu já escolhi um espôso para você José. É um bom rapaz, você sabe. Conhece-o há muito tempo...

— José? E por que logo êle? — perguntou Maria, ruborizando.

— É a vontade de Deus, Maria — continuou o ancião, tomando-lhe a mão. Maria aproximou-se do sacerdote. Êle, então, retomou o assunto, e lhe segredou:

— Escute, Maria: há alguns dias tive uma inspiração esquisita. Eu pensava precisamente na sua colocação. Estavam comigo alguns bons rapazes. Pois bem, Deus sugeriu-me que o seu espôso estava entre êles. Sem pensar no que fazia, dei a cada um dêles uma vara colhida nessa sebe aí. Apenas José pegou na vara que lhe entreguei e ela floriu miraculosamente. Por isso, estou convencido que Deus quer que você se case com José.

Maria não soube o que dizer: Deus tinha pensado nela... Deus fizera um milagre só por ela!...

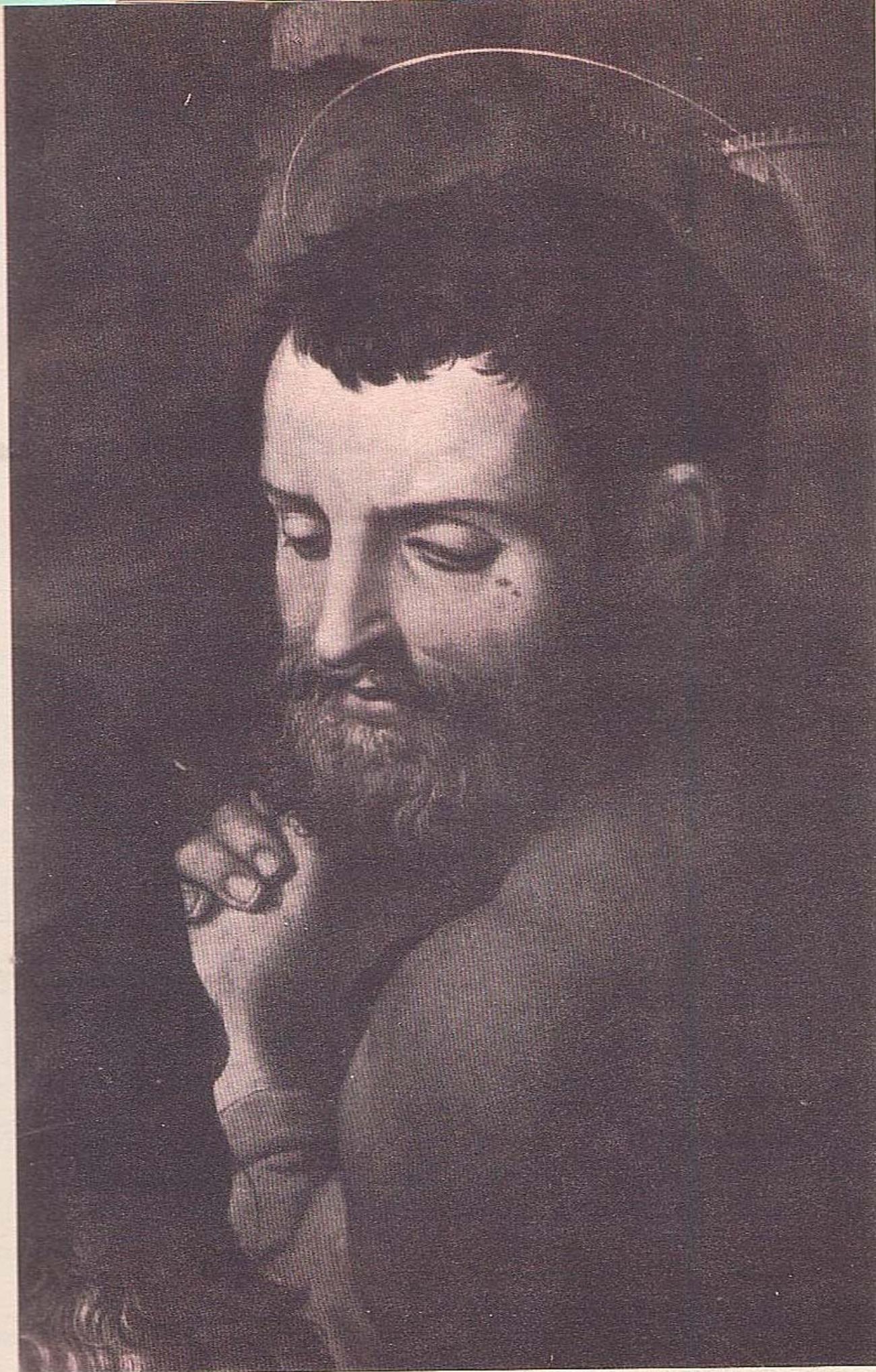
— Seja como Deus quiser — concluiu. — Farei tudo o que Deus quiser.

Quando forem grandes

José e Maria se conheciam há muito tempo.

Desde crianças brincavam juntos, porque moravam perto. O bom Joaquim amava José como filho ainda antes que Maria nascesse. Um dia Joaquim, vendo que a morte se aproximava, chamou-os junto de seu leito.

Na hora solene da agonia, houve um emocionante colóquio. O velho pai estava preocupado com o futuro da filha, ainda muito jovem. Falou:



ANGELO TORI, alcunhado BRONZINO

Florença, *Galeria Pitti*

São José, espôso de Maria

— José, eu vou morrer e Maria fica só no mundo. Confio-a a você. Quando ela deixar o Templo, cuide dela como um irmão e pai.

O agonizante estreitou entre as suas, as mãos dos dois jovens, e os abençoou:

— Deus permita que sejam felizes. Sejam sempre fiéis às suas leis e não se esqueçam nunca que somos o povo escolhido... Do seio de nosso povo, de nossa família, nascerá o Salvador, porque também nós pertencemos à família de Davi.

— Quando ficarem grandes... — e uniu as mãos dos dois nas suas — quando ficarem grandes, se Deus quiser, formarão sua família. Oh, sim!... são feitos um para o outro.

E o bondoso ancião fechou os olhos para sempre...

Um grande segredo

Maria e José choraram muito a morte de Joaquim, e rezaram por êle. Antes de voltar para o Templo, Maria chamou José à parte, no silêncio do jardim, e lhe confiou um grande segredo: ela se tinha consagrado a Deus, porque sentia dentro de si a voz de Deus que a chamava para alguma missão especial e, por isso, jamais em sua vida haveria de pertencer a homem algum, mas só e sempre a Deus. José não se maravilhou com êsse generoso sacrifício. Conhecia muito bem Maria, tão bondosa, tão piedosa. Admirado ou melhor, conquistado por essa heróica resolução, respondeu:

— Prometi a seu saudoso pai cuidar de você, Maria, e cumprirei minha palavra. Hei de protegê-la por tôda a vida e se você quiser pertencer só a Deus e consagrar-se a êle, saiba que eu farei o mesmo. Mas, ficarei a seu lado como irmão.

Maria, consolada com tanta compreensão, voltou para o Templo, e dêsse momento em diante, viram-se raramente. José era pobre e devia trabalhar na oficina de um carpinteiro. Maria, cujos pais haviam passado para o seio de Abraão, não voltou mais à cidade natal.

A vontade de Deus é evidente

Por essa razão, Maria ficou surpreendida com a proposta de casamento apresentada pelo sumo sacerdote.

Mas a vontade de Deus tinha-se manifestado de maneira inequívoca através do milagre. Sempre humilde e obediente, não teve outra alternativa senão aceitar dócilmente a sugestão do sacerdote.

Deixou Jerusalém para encontrar-se com José. Foi um encontro que os deixou felizes. Juntos, passaram a morar em Nazaré, vilarejo agrícola, onde José conseguira montar carpintaria por conta própria.

* * *

Estas passagens da vida de Maria menina não estão contidas na Bíblia. São lendas antiquíssimas, que chegaram até nós através dos escritos de autores anônimos do primeiro e segundo séculos do cristianismo.

A Igreja venera como santos Joaquim e Ana, pais da Virgem, e celebra sua festa nos dias 16 de agosto e 26 de julho respectivamente.

A Bíblia começa a falar de José e Maria, ambos da estirpe de Davi, já casados e morando em Nazaré. Eram pobres, mas felizes, porque abençoados por Deus. Depois da labuta de cada dia, rezavam juntos implorando do céu o suspirado Messias prometido. Na sua grande humildade, nem lhes passava pela cabeça que seriam a família do Redentor.

Deus, porém, lê no coração, e sabia que eram as pessoas mais indicadas e, por isso, do alto dos céus olhava com carinho para a pobre casinha de Nazaré, esperando o tempo certo, para transformá-la em morada terrena do Filho de Deus.

Um anjo aparece em Nazaré

Nada de importante

Nazaré, perdida num pitoresco círculo de colinas áridas e rochosas, não tinha absolutamente nada de importante. Umas poucas famílias de pobres lavradores mourejavam naquela terra queimada pelo sol. Pastôres, com seus rebanhos, vagavam de contínuo pelos morros dos arredores em busca de pastagens por entre as moitas ressequidas. Alguns artesãos fabricavam os objetos indispensáveis de maior consumo, como sejam ânforas, jarras, louças, caldeirões.

Por um motivo ou por outro, todos já tinham visitado a oficina de José em Nazaré. Homem bom, trabalhador e alegre, consertava enxadas e pás, construía arados de madeira e jugos, arranjava carretas, trocava o cabo de velhos machados ou enxadões ainda aproveitáveis, consertava pés de mesas desconjuntadas ou empalhava cadeiras...

José era conhecido de todos, que o estimavam porque era bondoso e não perdia ocasião de prestar algum favor a quem quer que precisasse.



MESTRE DA LENDA DE SANTA CATARINA

Aia, Mauritshuis

O arcanjo Gabriel saúda Nossa Senhora

As casinhas de Nazaré eram tôdas iguais: pequenas, quadradas, espalhadas ao longo da estrada poeirenta que ia da praça à fonte, pendiam agrupadas do lado rochoso da colina; simples cubos brancos que sorriam, abrindo-se para pequenos quintais animados pela gritaria e pelos brinquedos das crianças. Maria e José moravam numa pequena aglomeração, perto de parentes do carpinteiro de Nazaré. Cléofas, irmão de José, tinha quatro filhos: Tiago, João, Simão e Judas Tadeu. Maria morava num quartinho pobre, mas bem ordenado e asseado; olhando para o seu quintal, um pouco mais no alto, ficava a casa de José: a um canto do quintal, sob um telheiro, estava o banco de trabalho do carpinteiro, que guardava seus apetrechos numa escavação feita na rocha.

Apesar do muito trabalho que lhe solicitavam os moradores de Nazaré, José andava atarefado na organização de sua casa para acolher Maria. A lei prescrevia um ano de noivado e depois, para encerrar a cerimônia nupcial, havia a introdução da espôsa em casa do espôso.

Maria passava horas sentada a um canto do quintal, e se deliciava em fiar, olhar José, cuidar dos sobrinhos dêle que brincavam alegremente e conversar com seu noivo. Amiúde rezavam juntos os salmos, isto é, as orações e os cânticos mais belos da Bíblia. E viviam tranquilos na sua laboriosa pobreza.

Gabriel tinha entendido bem!

A casa de Maria nada tinha de extraordinário. Poucos metros quadrados, com um único quarto, uma mesa e duas cadeiras. A um canto um pote de água, pratos e tigelas de madeira ou de terra-cota, tudo bem arrumado numa prateleira pregada na parede. Um brasas dormiam sob as cinzas do pequeno fogão. Do lado de fora, uma escada de pedras conduzia ao terraço, que servia também de jardim. Tôdas as casas de Nazaré eram construídas assim...

E no entanto, o arcanjo Gabriel tinha entendido bem. Deus tinha-o mandado precisamente lá, àquela casa, para levar a Maria a mais bela mensagem da história: o nascimento do Messias.

O mensageiro celeste deixou o Paraíso, mas chegando a Nazaré, parou um bocado. No pátio estava um rapaz, descalço e corado, e ouvia-se José repetir:

— Já lhe disse que sim, vou logo... diga a seu pai que dentro de alguns minutos estarei lá. Sim, sim, você verá: antes do meio-dia terão a janela recolocada. Só alguns minutos, enquanto apanho os apetrechos...

Finalmente José apareceu na soleira da oficina, aproximou-se da porta de Maria, que no momento arrumava a louça após o desjejum, e lhe disse:

— Maria, vou por uma hora mais ou menos à casa de Simeão... Veja o que acontece neste mundo: esta noite, o jumento que êle amarrava lá fora, afundou-lhe a janela. Voltarei logo. Até já.

Maria retribuiu o cumprimento, indo até à porta. José seguiu pela trilha da colina. Maria acompanhou-o com o olhar por algum tempo, depois fechou a porta e pegou da cesta para o trabalho.

“Teu Filho será chamado Filho de Deus”

O anjo decidiu entrar.

Apareceu a Maria e saudou-a, inclinando-se profundamente:

— Salve, cheia de graça. O Senhor é contigo!

Maria levou um susto e deixou cair o fuso que tinha nas mãos.

Quem era êsse estranho? Por onde entrou? A porta estava fechada.

O que queriam dizer essas palavras?

O arcanjo acalmou-a:

— Não temas, Maria. Encontraste graça diante de Deus. Eis que

terás um filho, a quem darás o nome de Jesus. Êle será grande e será chamado Filho de Deus.

Filho de Deus?!...

Maria conhecia as profecias bíblicas, pois sua mãe Ana lhe ensinara, e também ouvira tantas vêzes ler no Templo. Sabia que o Salvador devia nascer, porém era por demais humilde para acreditar que Deus quisesse escolhê-la logo a ela, para tão alta missão. Sua casa era pobre, ela nada possuía! Além disso, como poderia ter um filho, se tanto ela como José tinham-se consagrado inteiramente a Deus com o voto de virgindade?

O anjo dissipou-lhe logo as dúvidas:

— Ficarás mãe por obra do próprio Deus, por isso teu filho será o Filho de Deus, reinará no trono de Davi, vosso antepassado, e seu reino não terá fim.

Não havia dúvidas: eram as mesmas palavras que os profetas haviam dito a respeito do Messias prometido. Deus foi escolher precisamente a ela, a pobre, a pequena Maria, para torná-la a Mãe do Salvador do mundo!

Maria ficou confusa, atrapalhada. Não foi capaz nem de dizer sim. Disse simplesmente:

— Eu sou apenas uma criada do Senhor: Deus faça de mim o que bem lhe aprouver.

Foi êsse o momento mais importante da história. Deus, graças ao consentimento de Maria, tornava-se homem. Nesse dia feliz, Maria tornava-se a nova Eva e Jesus o nôvo Adão, para reparar o pecado de nossos primeiros pais.

Para Deus nada é impossível

O arcanjo, antes de voltar para o céu, quis dar a Maria uma prova de que tudo quanto anunciara era verdade. Disse:

— Tua prima Isabel, apesar de sua idade avançada, receberá de Deus um filho, precisamente agora que todos troçam dela, porque não



Enrico GENTILESCHI

A Anunciação

Turim, Galeria Sabáuda

tem filhos. Sirva isso para provar que tudo o que te disse é verdade é vontade de Deus, para quem nada é impossível.

Em seguida, depois de prestar sua homenagem a Maria, à futura Mãe de Deus, o anjo desapareceu.

Maria ficou a sós com seus pensamentos.

Nesse momento, José voltava para casa cantarolando.

Palavras e cantos misteriosos numa viagem de Karém de Judá

“Quem lhe disse?”

Era tempo de Maria pensar nas núpcias. O tempo prescrito para o noivado passava depressa e José já tinha resolvido tudo o que era preciso para o dia do casamento. Até o sumo sacerdote deu a entender que, se os seus compromissos lho permitissem, participaria pessoalmente das cerimônias, porque estimava êsses jovens que êle mesmo em pessoa, por inspiração divina, aconselhara a casar. Tudo devia ser preparado com carinho: os convites aos parentes e amigos, as provisões de comes-e-bebes, vestes novas e bonitas...

Maria, porém, pensava em coisa muito diferente.

Na manhã seguinte à mensagem do anjo, chamou José e lhe falou:

— Precisamos visitar Zacarias. Minha prima Isabel espera criança para breve, talvez precise de nós.

— Isabel? — perguntou José admirado. — Faz tanto tempo que não temos notícias... Além disso, está velha! Quem lhe trouxe essa informação?

Maria encolheu os ombros e depois de alguns instantes dum silêncio que lhe pareceu eterno, disse simplesmente:

— Creia-me, José. Estou certa.

José conhecia muito bem Maria. Sabia que ela via sempre melhor as necessidades alheias que as próprias. E resolveu partir. Afinal, quem teria revelado a Maria que a casa de Zacarias seria alegrada por uma criança?

Mistério!

O anjo que castiga

Zacarias morava em Karém de Judá, bem longe de Nazaré. Era sacerdote porque pertencia à tribo de Levi, e de acôrdo com os turnos, precisava de vez em quando ir ao Templo para oferecer incenso ao Senhor.

Alguns meses antes que o arcanjo aparecesse a Maria, Zacarias entrou no Templo para oferecer incenso na parte mais secreta, o “Santo dos santos”, onde só os sacerdotes podiam entrar. Ao se aproximar do altar, viu um anjo de pé do lado esquerdo. Levou tremendo susto, mas o anjo lhe falou:

— Não tenhas mêdo, Zacarias. Trouxe-te uma boa notícia. Finalmente o Senhor ouviu tua oração e dar-te-á um filho, que será motivo de alegria e esperança não só para ti, como para todo o povo. Êle deverá anunciar a vinda do Messias, e preparar-lhe-á o caminho, dispondo os corações dos homens a ouvi-lo.

Zacarias ficou em dúvidas: talvez fizesse pouco dêle?... Sua espôsa Isabel já estava avançada em idade, êle cansado e adoentado. Como poderia aparecer em sua família uma criança? Não podia ser verdade. Criando coragem, disse:

— Como é possível que Deus queira dar um filho a dois anciãos como eu e minha espôsa? Quero uma prova de que Deus quer mesmo fazer isso!...

O anjo respondeu:

— Zacarias, tu não quiseste acreditar na mensagem que Deus te manda do alto! Serás castigado: ficarás mudo e não poderás proferir palavra até que se cumpra tudo quanto te foi anunciado.

E o anjo desapareceu. O pobre ancião quis falar, chamar o anjo, pedir perdão, mas sua língua estava prêsa, não conseguia articular palavra. Estava mudo.

O povo, no entanto, esperava no pátio do Templo. Zacarias demorava a sair do “Santo dos santos” e quando, por fim saiu, não cantou a oração prescrita, mas afastou-se titubeante. Parecia ter envelhecido de vinte anos em poucos minutos. Foi seguido, e fizeram-lhe perguntas. Êle, porém, respondeu por gestos, visto que não podia falar. Seus olhos assustados demonstravam que algo de misterioso tinha acontecido.

Chegando a casa, Zacarias parecia um homem acabado. Isabel, ao invés, não cabia em si de alegria. Também a ela um anjo tinha falado. Ao ver a triste situação do marido, ficou penalizada. Que lhe teria acontecido?

O “Magnificat”

Entrementes, Maria viajava na direção de Jerusalém, porque Karém ficava a duas horas aproximadamente da cidade santa. Parou umas horas no Templo, cumprimentou preceptoras e amigas que deixara alguns meses antes, e ao entardecer alcançou a casa de Isabel.

Assim que chegou, saudou a prima. Qual não foi, porém, sua estupefação, ao ouvir Isabel dirigir-lhe palavras misteriosas:

— Bendita és, Maria, entre tôdas as mulheres da terra. E donde me vem a honra de receber em minha casa a Mãe do Senhor?

Maria empalideceu. Quem teria revelado a Isabel a celestial mensagem do anjo? Tranqüilizou-se, todavia, logo em seguida. O próprio Deus deveria ter iluminado Isabel, porque ninguém mais sabia que ela tinha aceitado tornar-se Mãe do Senhor.

José não entendeu o sentido dessa saudação. Para êle surgia mais um mistério a ser somado àqueles que já lhe martelavam mente e coração a respeito de Maria.

Percebendo que a prima estava ao corrente de seu segrêdo, Maria, inspirada por Deus, entoou:

“Minha alma glorifica ao Senhor,
e meu espírito exulta de alegria
em Deus, meu Salvador,
porque olhou para a humildade de sua serva.
De fato, desde êste momento
hão de me chamar ditosa tôdas as gerações,
porque me fêz grandes coisas o Todo-poderoso...
que êle mesmo predissera aos nossos pais,
em favor de Abraão e sua descendência, para sempre”.

Êste hino de agradecimento está contido na Bíblia, assim como os principais fatos que estamos narrando, e chama-se “Magnificat”, por causa da sua primeira palavra em latim. A Igreja entoava com freqüência êsse cântico, como oração de agradecimento.

João, o profeta do Altíssimo

Depois dêsse hino inspirado de agradecimento, Maria guardou ciosamente seu segrêdo, e nem José conseguiu compreender aquêle mistério escondido.

Entrementes o bom carpinteiro voltou para Nazaré e recomeçou seu trabalho na oficina; seu pensamento, porém, estava fixo na casa de Isabel, onde Maria tinha ficado para prestar seus humildes serviços à prima.

Finalmente nasceu a criança: vizinhos e amigos não cessavam de exprimir sua maravilha e de se congratular com Isabel. No oitavo dia, conforme a velha aliança feita por Deus com Abraão, foi preciso circuncidar o menino e dar-lhe o nome.



ROGER VAN DER WEYDEN

Maria visita e saúda
sua prima Isabel

Turim, *Galeria Sabáuda*

Os parentes sugeriam que se chamasse Zacarias, como o pai. Mas Isabel se opôs:

— Seu nome será João. — Era o que o anjo lhe dissera. Obje-
tavam os outros:

— Mas, entre os parentes, não há ninguém com êsse nome. Za-
carias, o que você diz?

O pobre pai não podia falar. Trouxeram-lhe uma tabuinha, e êle escreveu: “Seu nome será João”. Nesse preciso momento soltou-se a língua, e êle começou a falar. O castigo de sua incredulidade terminara. Pôde, então, contar a todos o que o anjo lhe dissera, e como o havia castigado porque não tinha acreditado na palavra do Senhor.

Depois, inspirado pelo Espírito Santo, Zacarias fêz uma oração de agradecimento a Deus:

“Bendito seja o Senhor Deus de Israel,
porque visitou e resgatou o seu povo.
E suscitou uma fôrça para nos salvar,
na casa de seu servo Davi.
Conforme anunciou por bôca dos profetas,
para restabelecer a aliança com Deus.
E tu, pequeno João,
serás chamado o profeta do Altíssimo,
porque irás adiante da face do Senhor,
e prepararás o caminho à Luz de salvação
que deve iluminar todos os homens”.

Após o nascimento de João, Maria ficou ainda três meses com Isabel, ajudando-a nos afazeres de casa. Quando sua presença se tornou dispensável, retornou a Nazaré.

José a esperava ansioso: ficara longe tanto tempo!...

Deus precisa do carpinteiro de Nazaré

Pai aos olhos dos homens

José andava preocupado. Por tantos meses Maria ficou longe. O dia do casamento se aproximava. E ela parecia que nem se lembrava. Pensara somente em ajudar a prima, e nada preparara para a celebração do casamento.

Além disso, José andava torturado por terrível dúvida. Maria escondia-lhe algo de importante. Seu procedimento misterioso era uma prova mais que evidente. Por exemplo, como foi que ficou sabendo que João ia nascer? E o que significavam as palavras com que Isabel a saudou: “Bendita és entre as mulheres... Mãe do Senhor”? José desejava pedir uma explicação à sua noiva, mas não ousava, tinha medo de magoá-la.

Calava, mas sofria. Depois de muito pensar, tomou uma decisão importante:

— Vê-se que Maria não é feita para mim. Talvez eu não a mereça. Ela tem segredos muito importantes para um pobre carpinteiro

como eu... Esta noite — concluiu — partirei para longe, bem longe, onde ninguém me conheça, e procurarei esquecer. Maria não é para mim. Eu não mereço...

Mas, e a promessa que tinha feito ao velho Joaquim?... parecia-lhe ver o ancião diante de si, a olhá-lo com bondade. Prometera cuidar sempre de Maria... Oprimido por êsses pensamentos, José adormeceu profundamente. Deus, porém, em seus insondáveis desígnios, tinha escolhido o carpinteiro de Nazaré para ser o espôso de Maria. No sono apareceu a José um anjo e lhe falou:

— Não receies tomar Maria por espôsa. Tudo o que se passa com ela, é obra de Deus. Ela foi escolhida para ser a Mãe do Messias prometido, que é o Filho de Deus. Tu passarás por pai, e lhe darás o nome de Jesus. Êle livrará os homens do pecado.

Quando José acordou, era um homem feliz. Deus o iluminara e agora êle compreendia o grande mistério que se realizava em Maria. Suas dúvidas e ansiedades, transformaram-se em intensa alegria. Cabiá-lhe a honra singular de ser o espôso da Mãe de Deus. Deus precisava dêle para ser o chefe da família do Messias.

Um bêrço luxuoso demais

Naquele mesmo dia José e Maria marcaram definitivamente o dia dos sponsais. Não houve muitos convidados para a festa. Alguns parentes e amigos de José, algumas amigas que Maria conhecera no Templo. Os meses passados humildemente a serviço de Isabel, impediram a Maria maiores preparativos para o casamento, mas a bênção de Deus supria com imensa e terna felicidade.

Os santos esposos já não ligavam às coisas mundanas. Tudo se norteava pelo próximo nascimento de Jesus, o Messias prometido há milênios, anunciado pelos profetas, suspirado pelos patriarcas, esperado das nações.

Para recebê-lo, o lar vinha sendo carinhosamente preparado. José



RAFAEL SANZIO

Esponsais de Maria com S. José

Milão, Pinacoteca de Brera

fêz um lindo berço, com madeira escolhida. Maria selecionava a lã mais macia e fiava com carinho as roupinhas para o seu nenê.

Deus, porém, decretara que o Messias nasceria em Belém, a cidade de Davi. E o berço preparado com tanto carinho por José, não teria acolhido o recém-nascido Jesus. Era por demais luxuoso, lindo demais para o Filho de Deus, que devia nascer na mais extrema pobreza, para reparar o pecado com que Adão e Eva tinham pretendido tornar-se iguais a Deus...

O Messias deve nascer em Belém

Uma notícia má

As setenta semanas de anos anunciadas pelo profeta Daniel tinham passado e chegou o momento marcado por Deus para o nascimento do Salvador. O império romano era aquela árvore frondosa de que tinha falado o profeta Ezequiel. Ninguém dos “grandes” do mundo sabia que tinha chegado o tempo em que Jesus devia nascer. Bem poucas pessoas conheciam a ditosa Mãe e seu espôso carpinteiro. Mas, na casinha de Nazaré já estava tudo preparado para o grande evento.

Um dia chegou uma notícia má.

O imperador Tibério César ordenara um censo geral. Todos os súditos do vasto império romano deviam ser contados e registrados para poderem ser impostas e cobradas as taxas. Cada cidadão devia dirigir-se à cidade donde provinham seus antepassados, a fim de que seu nome pudesse ser registrado pelos emissários de Roma.

José e Maria eram da família de Davi e deviam ir a Belém, cidade originária do antigo rei de Israel. O desconforto de semelhante

viagem perturbara bastante José. Era inverno e a distância a percorrer, notável... Mas, o recenseamento era uma ordem e devia ser cumprida, porque tôda a autoridade vem de Deus. E o corajoso espôso da Virgem preparou ràpidamente tudo quanto precisava para a longa jornada.

* * *

O lindo berço, o enxoval nôvo, e tantas outras coisinhas importantes preparadas com carinho para receber o divino infante, deviam ser deixadas em Nazaré, e precisava pôr-se a caminho, enfrentar os sabores do frio e do cansaço. Maria, porém, apanhou o indispensável que podia levar consigo, porque sabia que de acôrdo com as Escrituras Sagradas, Jesus devia nascer em Belém, embora ignorasse como Deus haveria de conduzir os acontecimentos.

Nada disse a José, para não contristá-lo ainda mais. Qual não seria a angústia do amado espôso, se adivinhasse que o Messias ia nascer naquela penosa viagem... Puseram-se a caminho em companhia de outros viandantes. Seguiam pela tortuosa e poeirenta estrada, José a pé e Maria acomodada no lombo dum jumento, carregando a trouxa com as provisões. Como ocorria freqüentemente entre os bons israelitas que demandavam Jerusalém em peregrinação, durante a caminhada eram lidas em voz alta páginas da Bíblia, que todos ouviam em silêncio. De vez em quando, juntos, entoavam os salmos mais comuns, que todos sabiam de cor. Dêsse modo, com a mente alimentada por bons pensamentos, o cansaço da viagem pesava menos.

Estava escrito no Livro de Deus!

Um dia, o leitor começou as profecias de Miquéias, que se referiam ao Messias. Em dado momento leu o seguinte: "... e tu, Belém, terra de Judá, não és a mínima entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que há de governar Israel, meu povo".



João BATISTA SALVI, cognominado SASSOFERRATO

Trieste

A Virgem Maria

Maria e José entreolharam-se. Estava escrito que Jesus devia nascer em Belém, por isso Deus dispôs que êles fizessem essa fatigante viagem. Maria apertou as mãos na trouxa que continha umas fraldas escolhidas, enquanto José pensava com pesar no lindo berço nôvo que fôra obrigado a deixar em Nazaré. Como haveriam de acolher o Salvador? Só traziam umas poucas fraldas... Maria desviou José de seus pensamentos:

— Foi Deus que quis assim... Está escrito na Bíblia, e a palavra inspirada não pode falhar. Console-se, José. Trouxe comigo algumas roupinhas, e além disso, temos as mantas...

* * *

Ao pôr do sol, avistaram Belém no horizonte. Maria olhou a longo as casinholas brancas, na esperança de que Deus lhe mostrasse o lugar escolhido para o nascimento de Jesus. José precedia o jumento a longas passadas, a fim de alcançar Belém antes do escurecer. Êle também perguntava-se:

— Onde será que vou encontrar um lugar apropriado para alojar Maria e o Menino que vai nascer? Possível, que o Messias deva nascer numa terra estranha, entre pobres viandantes, no desconforto do inverno? Não poderemos oferecer-lhe outro conforto que não o calor de nosso abraço.

Mas, para Jesus bastava precisamente só isso.

Não havia lugar para êles...

Assim que chegaram a Belém, dirigiram-se apressadamente para o caravançarâ, um mísero pátio rodeado de pórticos, onde pernoitavam homens e animais. Já estava lotado à cunha. Não havia lugar para êles. José lembrou-se de alguns parentes. Foi bater-lhes à porta. A cidade estava cheia de gente que vinha de tôdas as partes para o censo. Nem ali havia lugar. A noite descia e José já estava desanimado:

aonde levaria sua espôsa? Maria estava cansadíssima e ninguém os acolhia. Eram pobres, e para eles não havia lugar! Com o coração amargurado, saíram da cidade. O Messias esperado há milênios ia nascer, e agora ninguém queria acolhê-lo...

Desceu a noite, fria e pontilhada de estrêlas. José seguiu uma vereda por entre moitas e ervas do campo. Maria o acompanhava ofegante e tremendo de frio. Ao clarão da lua avistaram uma gruta. Era uma concavidade protegida de ventos e chuvas por uma cobertura de palha. Era um abrigo de pastôres. José olhou para Maria:

— Se pernoitássemos aqui?...

Maria anuiu com um movimento de cabeça e sorriu. Via José tão preocupado, e queria encorajá-lo. Quanto andar, para conseguir um abrigo! A culpa não era dêle, se nada conseguira!

José estugou o passo.

— Vou dar uma espiadela — disse. E entrou depressa, a fim de não deixar ver as lágrimas. Pobre José! Êle preparara tudo em Nazaré, no aconchêgo do lar... E Jesus escolhe êste lugar pobre e cheio de privações para nascer, a fim de mostrar aos homens que êle prefere os corações simples e que o amam, aos grandes palácios dourados, mas frios de afeto e de amor.

O lugar escolhido por Deus

Naquela gruta José sentiu uma calma fora do comum. Noite silenciosa, bela e cheia de mistério. A um canto, ruminava velho boi. José reuniu uns gravetos e fêz fogo. Com palhas sêcas improvisou uma cama para Maria, que estava cansada mas feliz por ter encontrado finalmente lugar onde passar a noite.

— Escuta José, — disse a Virgem — olha que calma, que tranquilidade, que noite esplêndida, milhares de estrêlas pontilham o céu. Você se lembra, José?...: “Belém... tu és a menor das cidades de Judá, mas de ti sairá o Messias!” Êste é o lugar escolhido por Deus.

— Maria, — interrompeu José — você conhecia essa profecia?

— Sim, José, aprendi de cor ainda nos joelhos de mamãe...

Talvez fôsse o dia 24 de dezembro.

Natal, noite de luz

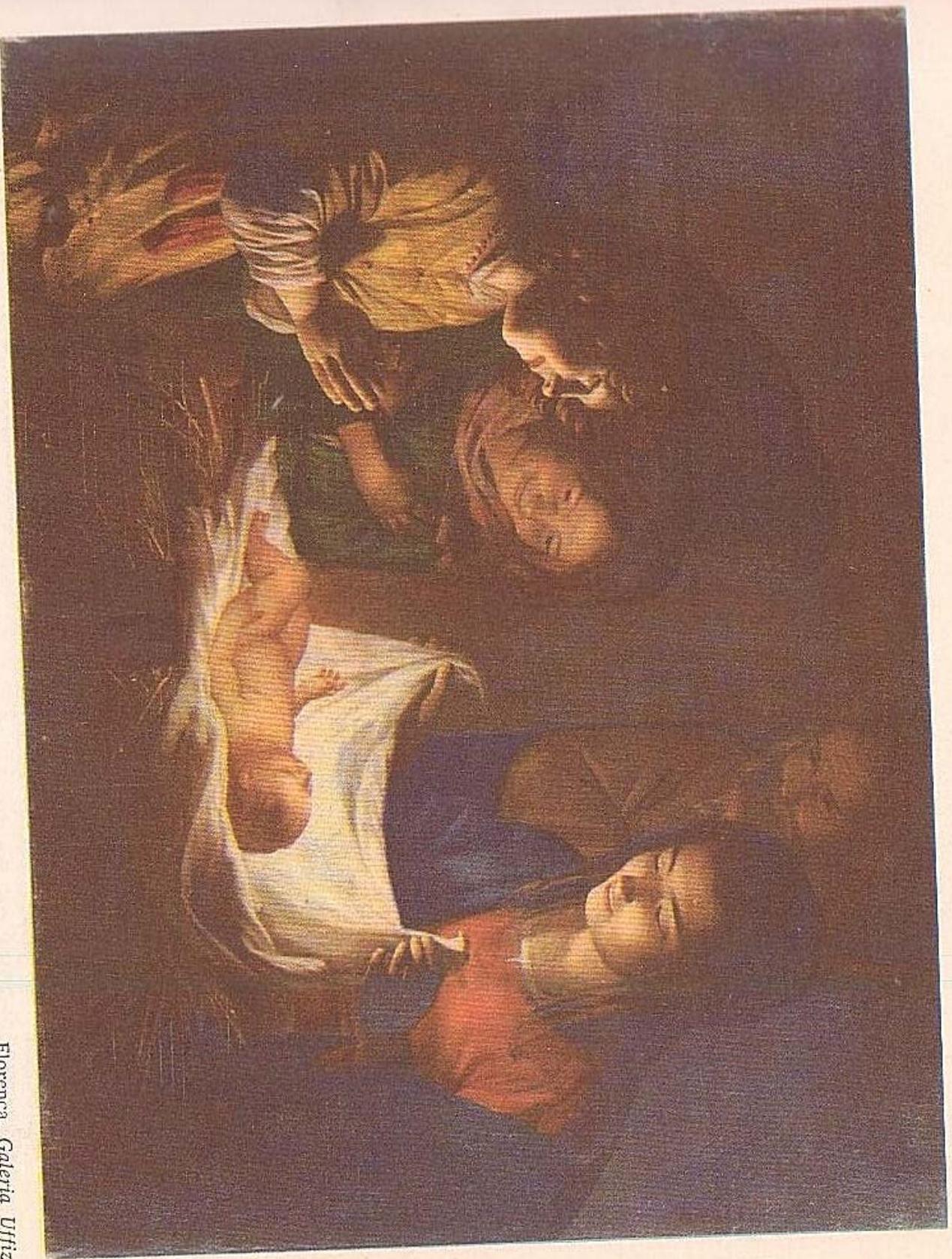
O Paraíso numa gruta

Meia noite!
Essa hora cheia de mistério foi escolhida por Deus para o nascimento do Salvador. De repente, a gruta ficou miraculosamente iluminada. Na calada da noite, longe de todos, na mais completa privação, nasceu o prometido "Filho da Mulher", o Redentor suspirado há milênios, anunciado pelos profetas.

A gruta de Belém tornara-se nôvo paraíso terrestre, o lugar abençoado em que Deus e o homem voltavam a se encontrar como amigos na pessoa de Jesus, o nôvo Adão, homem-Deus que quis fazer-se como um de nós a fim de que pudéssemos todos ser filhos de Deus.

Finalmente o mundo tinha o seu Salvador. Com a pretensão de se tornarem "iguais a Deus", Adão e Eva tinham desobedecido. No presépio, Jesus, o Filho de Deus, fazia-se humildemente semelhante aos homens, para reparar a culpa original.

Maria foi a primeira a adorar Jesus. Apenas nascido, aconchegou-o ao coração e envolveu-o nas fraldas que trouxera de Nazaré. Sua



GERARDO DELLE NOTTI

O nascimento de Jesus

Florença, Galeria Uffizi

fé ardente fazia com que ela visse naquele infante necessitado de tudo, o Filho de Deus, o todo-poderoso feito homem por amor.

José não cabia em si de alegria e admiração. A noite tornara-se clara como o dia, o silêncio transformara-se em maravilhosa melodia celeste. Ao redor da gruta já não havia simples estrêlas a tremeluzir no firmamento, mas milhares de anjos em adoração.

A côrte celeste participava visivelmente do acontecimento mais importante da história humana, porque Deus se tornara semelhante à criatura. Tantos prodígios em tôrno dessa pobre gruta era a mais bela demonstração de que Deus tinha escolhido aquêle lugar para o nascimento do Messias, a fim de que se manifestasse mais maravilhosamente sua onipotência.

Maria envolvia delicadamente o seu Jesus, enquanto José reavivava o fogo no centro da gruta.

— Maria — susurrou-lhe, com mêdo de distraí-la — aproxime-se do fogo. Olhe: essa manjedoura servirá de berço. Ajeitei-a com palhas macias e pus meu manto por cima. E acrescentou: naturalmente, o berço de Nazaré seria mais apropriado; mas êle, o Senhor, quis assim!...

Maria aninhou delicadamente Jesus nesse berço improvisado. Depois ajoelhou-se, inclinando-se sôbre o infante e cobrindo-o com uma aba do manto.

— José! — disse baixinho, sem tirar os olhos de Jesus que adormecera — José, Deus escolheu-nos precisamente a nós para criar o seu Messias, também êle Deus como o Pai... Agradeçamos juntos.

Passaram momentos de extático recolhimento e arrebatados em contemplação. Depois José voltou a si:

— Maria, olhe: vem vindo alguém!

“Ide ver... numa mangedoura”

O que aconteceu?

Nos arredores de Belém, naqueles dias, havia muitos pastôres que passavam a noite ao relento, dormitando ao redor de fogueiras e alter-

nando-se na guarda dos rebanhos. À meia-noite, uma luz fulgurante rasgou repentinamente a escuridão.

O velho Eleazar esfregou os olhos. Não se enganara. A noite era um tapête estrelado. Não podia, por conseguinte, tratar-se de relâmpagos. O que seria, então, aquela luz misteriosa?

Acordou, espantado, os companheiros:

— Já raiou o sol? — bocejou preguiçosamente um rapaz.

— Não é o sol, é um milagre! É um milagre de Deus!... — gritavam outros.

— É o aviso de algum castigo que está para vir... — murmurou uma mulher.

— Mamãe, tenho medo... — choramingava um garotinho, acordado de sobressalto.

A luz aproximou-se. Também o rebanho começou a mostrar-se irrequieto, enquanto os cães ladravam. Por fim a luz parou e apareceu um anjo. Os pastôres abaixaram instintivamente o olhar, cheios de medo. O anjo acalmou-os:

— Não temais. Tenho uma boa nova a dar-vos, que será de alegria para todo o mundo. Em Belém, cidade de Davi, acaba de nascer o Salvador, o Messias prometido. Não o procureis, porém, na casa dos poderosos. Nasceu como um de vós, numa gruta, e agora descansa acomodado numa simples manjedoura. Ide e vêde. Encontrá-lo-eis na gruta sul, que olha para o oriente.

Nesse instante, uma multidão de anjos uniu-se ao mensageiro celeste e afastaram-se enchendo a noite com seu canto: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade".

O Messias é mais pobre do que nós!

Os pastôres entreolharam-se assombrados. Quando o canto dos anjos desapareceu ao longe, Salomé, a vovòzinha de cabelos brancos, falou:

— Nasceu na gruta... pobre criança! Na gruta de Tobit não há

mesmo nada, nenhum confôrto. Estarão faltos de tudo. Vamos depressa!... Pobre criança, com êste frio!...

— Mas, como é possível?... — perguntou um rapaz, ajeitando o turbante — como é possível que o Messias tenha nascido nessa gruta? Nem o mais pobre dentre nós nasceu em lugar tão mesquinho.

— Meu filho, — explicou Eleazar — você não se lembra das profecias que lhe expliquei tantas vêzes e que já deve saber de cor? “Deus enviou-me para levar a boa nova aos pobres”. Aos pobres, Siquém, entendeu? Oh, sim! é mesmo êle: cumpriu-se o tempo. Corramos a Belém. Vamos ver o prodígio que Deus nos manifestou.

— Míriam, apanhe três pães... e você, um pacote de requeijão — dizia Salomé a um e outro. — E você, Benjamim, pegue o melhor cordeiro do rebanho... O Messias é mais pobre do que nós: devemos ajudá-lo, embora sejamos pobres.

A bondosa mulher apanhou ainda umas roupinhas e todos juntos tomaram a trilha da gruta.

O mais belo de todos os presentes

Jorão, um rapazinho de treze anos, corria veloz pela sua já conhecida vereda. Quando parou para retomar fôlego, virou-se e notou que todos que vinham, traziam alguma coisa. Desejoso de ser o primeiro a ver o recém-nascido Messias, correria à frente sem levar nada. Ficou envergonhado, querendo voltar... Nisso foi alcançado pela comitiva e sua mãe viu que o rapaz tinha lágrimas nos olhos:

— Mamãe, só eu não levo nada para o Messias que nasceu na gruta do tio Tobit!

— Meu filho, não chore. Ao Messias podem-se levar também presentes preciosos que não se vêem. A entrega do coração é a única coisa necessária, o melhor de todos os presentes... o coração também você pode oferecer-lho.

Eleazar, pousando afetuosamente a mão no ombro do menino, sugeriu-lhe:



PHILIPPE DE LA TOUR

Adoração dos pastores

Paris, Museu do Louvre

— Jorão, porque você não toca o seu “chifre” em honra do Messias? Nenhum pastor sabe tocar tão bem como você. Assim serão mais agradáveis os presentes de todos.

Jorão enxugou os olhos com as costas da mão:

— Tem razão, eu não tinha pensado.

Com certeza o suave toque de sua corneta de chifre haveria de agradar ao Messias, que quisera nascer entre pastôres, descendente de um povo de pastôres, da família de Davi, rei e pastor. O rapaz começou a tocar com garbo e sentimento, tão bem como nunca tinha tocado antes.

Quando chegaram à gruta, Jorão ainda tocava.

Os pobres querem-se

Quem os recebeu à porta da gruta, foi o próprio José:

— Boa gente — saudou logo — se querem passar a noite conosco, podem entrar: juntos estaremos bem... Ou a gruta lhes pertence? Então devem desculpar-me: eu não sabia. Ah, então é de vocês o boi que está amarrado perto da manjedoura...

A velhota entrou e dirigiu-se afetuosamente a Maria:

— Minha filha, quem sabe quanto sofreu... como deve estar cansada...

Maria ergueu seu olhar para os recém-chegados, um olhar maravilhoso, onde não transparecia nem ansiedade nem sofrimento, mas só profunda felicidade. Encorajados com tanta simplicidade, todos se aproximaram.

— Que menino encantador! — murmurava Salomé extasiada, enquanto com cuidados maternos estendia alguns panos sobre o menino Jesus que dormia plácida mente. Depois virou-se para Maria e acrescentou:

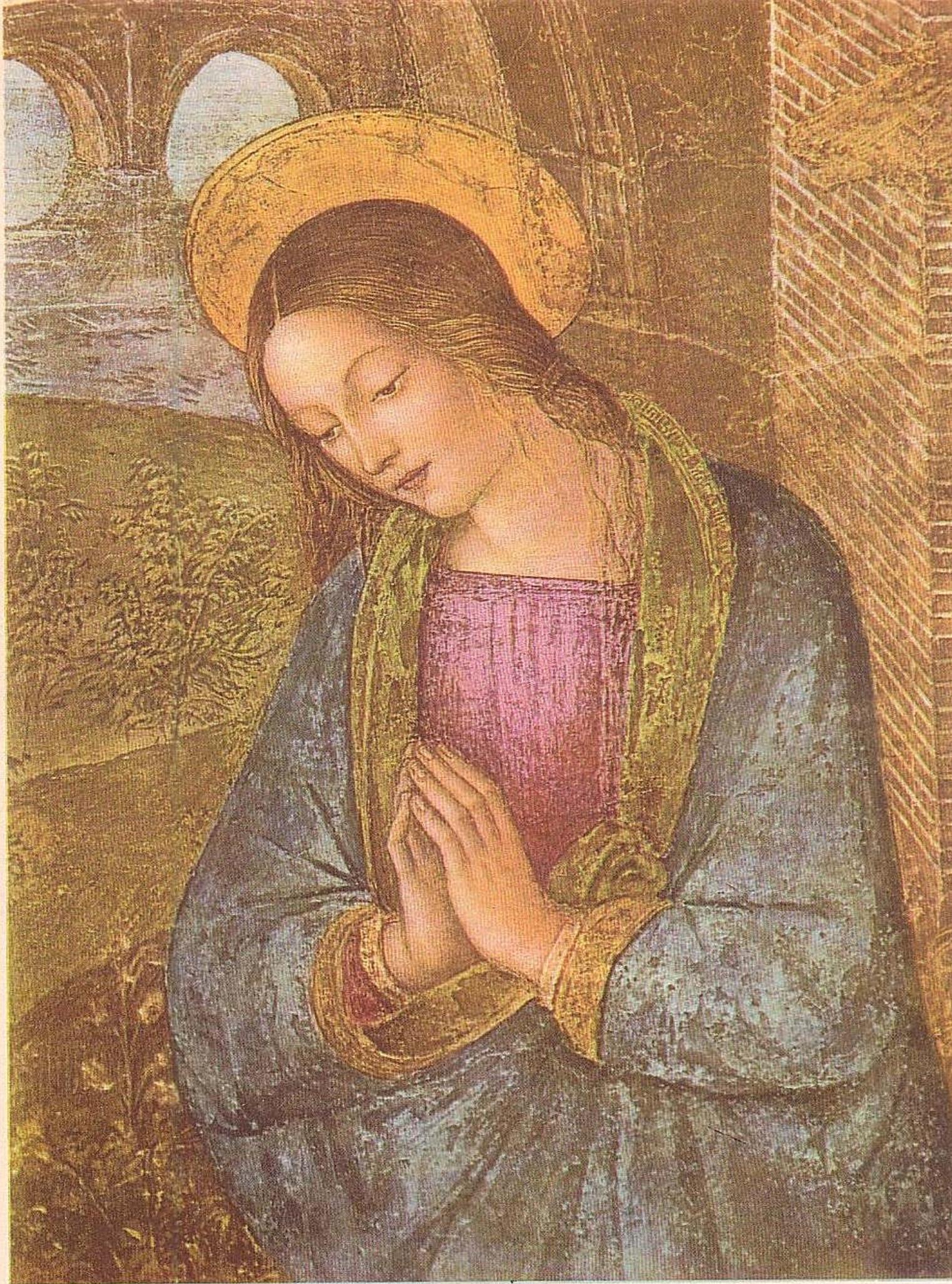
— São umas roupinhas que já serviram para agasalhar meus filhos e os numerosos netos que tenho, mas lhas cedo com muito prazer, minha filha, pois vejo que vocês são pobres.

Eleazar, enquanto isso, conversava com José:

— Um anjo nos avisou que nasceu aqui o Messias prometido. Estamos aqui para ajudá-los. Olhe: trouxemos alguma coisa para comer. Benjamim, traga o cordeiro!... Um pouco de requeijão... aqui três pães... Somos pobres pastôres, mas não queremos que o Messias sofra só porque quis nascer entre nós.

José disfarçou uma lágrima.

Bem sabia que só entre os pobres pode florescer semelhante amor!



BERNARDINO DE BETTO, apelidado PINTURICCHIO.

Roma, Igreja de Santa Maria del Popolo.

Maria em adoração

Chamá-lo-ás Jesus

O sangue pela antiga aliança

Alguns dias depois, José encontrou acomodação em casa de Nadab, um amigo dos pastôres que por primeiro acorreram à gruta. Todos tinham-no ajudado. Todos os pastôres dos arredores tinham-nos visitado na gruta, no dia do nascimento, a fim de lhes manifestar a própria alegria e proporcionar-lhes o conforto de alguma ajuda. De modo especial, cada qual quis agradecer ao Messias por ter nascido no seu meio, pobre, nômade, sem casa, precisamente como êles...

No oitavo dia foi realizada em casa de Nadab a cerimônia da circuncisão e imposição do nome. José aplicou no inocente corpinho do Messias a dolorosa operação imposta por Deus a Abraão como sinal de sua aliança: eram as primeiras gôtas de sangue derramadas pela redenção do mundo.

Durante essa cerimônia foi impôsto ao pequenito o nome Jesus, que quer dizer "Deus salva", como o anjo tinha mandado. As profecias diziam que o Salvador devia chamar-se "Emanuel" que significa

“Deus conosco”, mas isto era mais uma qualidade característica do Messias.

Para assistir à solene cerimônia, acorreram a Belém também Zacarias e Isabel com o Joãozinho, seu filho. Os dois garotos mais extraordinários da história, viram-se frente a frente. Era o encontro do Messias com seu precursor. Depois da festa, os primos de Maria regressaram a Karém.

José, ao invés, preferiu ficar ainda em Belém, por causa do mau tempo, do intenso frio e principalmente porque Maria queria aproveitar a proximidade de Jerusalém para apresentar Jesus no Templo, como prescrevia a Bíblia: “Todo primogênito homem seja consagrado ao Senhor”. Por isso, quarenta dias após o nascimento, Jesus ingressava no Templo nos braços de Maria.

A Imaculada e o Filho de Deus confundidos com os pecadores

A Bíblia prescrevia que após o nascimento do primogênito, se realizassem duas cerimônias: “a purificação” da mãe e a “apresentação” do recém-nascido no Templo. A purificação era uma cerimônia de penitência, para lembrar o castigo impôsto por Deus a Eva e a tôdas as mulheres: “Darás à luz com sofrimento teus filhos”. Nessa ocasião os ricos ofereciam em sacrifício um cordeiro e os pobres duas pombas.

A apresentação consistia na consagração do menino a Deus e em seguida no seu resgate mediante um pagamento simbólico de cinco siclos, correspondentes ao salário de duas semanas de um operário como José. Deus impusera essa cerimônia para lembrar ao povo escolhido que todos deviam estar sujeitos a êle como servos, porque êle os tinha libertado da escravidão do Egito, quando o anjo exterminador matou todos os primogênitos dos egípcios. Por isso, todos os primogênitos dos israelitas deviam ser consagrados ao serviço de Deus e em seguida eram “resgatados”, isto é, livrados dessa obrigação mediante a oferta do dinheiro para o Templo.

A obrigação de ir ao Templo, naturalmente, se limitava às famílias que moravam perto de Jerusalém. Maria não estava obrigada à purificação, porque imaculada e não sujeita ao castigo impôsto por Deus por causa do pecado original. Além disso, Jesus era o Filho de Deus e por conseguinte não precisava ser consagrado nem resgatado. Mas a Virgem quis ir ao Templo e cumprir perfeitamente tudo o que a Bíblia prescrevia.

“Agora, Senhor, deixai-me morrer em paz!”

Indo ao Templo, Maria confundiu-se com as demais mulheres, esperando a sua vez. Em nada absolutamente se diferenciava das outras, a não ser na compostura e devoção.

Um velho sacerdote, quase cego, cabelos e barbas brancas e longas, como que guiado por uma luz sobrenatural, aproximou-se dela e pediu-lhe a honra de estreitar Jesus em seus braços. Maria consentiu um tanto surpreendida. O sacerdote apertou o menino contra o peito, repetindo comovido e com lágrimas nos olhos:

— É êle!... sim, sinto que é êle mesmo!...

O ancião era Simeão, “homem justo e piedoso”, como diz o Evangelho de S. Lucas. Em recompensa de sua vida reta, tinha recebido de Deus a promessa de que não morreria sem antes ver o Messias.

Aquêle dia, seguindo uma inspiração íntima, êle tinha ido ao Templo, e embora os olhos estivessem quase apagados pela idade, viu Jesus e compreendeu de imediato que era êle o esperado das nações, o Salvador. Apertando Jesus nos braços trêmulos, Simeão ergueu os olhos ao céu, e orou:

“Senhor,
agora deixai-me morrer em paz,
conforme me prometestes;
porque os meus olhos viram o Salvador,
que enviastes para que seja a luz
que deve iluminar todos os povos”.

A dor será como uma espada...

Depois o ancião olhou para Maria e, misterioso, continuou:
— Eis que êste menino será um sinal de contradição: para muitos será pedra de tropêço, para outros ocasião de ressurreição e vida. Será um sinal de contradição a separar os bons dos maus. E lembra-te: Tu terás que sofrer muito por isso; uma cruel espada de dor atravessará tua própria alma!...

O ancião calou-se, ficou uns instantes imóvel, solene, depois desenvolveu o menino aos braços maternos, dizendo:

— Obrigado, Maria...

E afastou-se com passo incerto, confundindo-se com a multidão.

* * *

O povo tinha-se aglomerado ao redor da sagrada Família, atraído pela cena fora do comum. Todos estavam maravilhados e não conseguiam compreender as palavras misteriosas de Simeão. Maria, ao invés, que conhecia a Bíblia, compreendeu muito bem. Iluminado pelo Espírito Santo, o velho sacerdote predissera a missão de Jesus: êle devia levar a graça e a salvação a quantos estavam dispostos a recebê-la; e a morte da alma, para quem recusasse a graça. No que tocava a ela, Maria compreendeu que a dor faria parte integrante de sua altíssima vocação de mãe do Messias, porque no calvário das lágrimas ela deveria tornar-se a co-redentora do gênero humano.

Maria estava para se afastar da aglomeração de curiosos, quando chegou uma anciã, a viúva Ana, que Maria conhecera durante sua estada no Templo.

Abraçou Maria e parabenizou-a, vivamente emocionada, pelo lindo menino. Em seguida, após uns momentos de silêncio, iluminada pelo Espírito Santo, reconheceu também ela no filho de Maria o Messias prometido e, tomada de santo entusiasmo, começou a espalhar a boa nova por entre a multidão que enchia o pátio do Templo.



PINTOR DAS MEIAS FIGURAS (séc. XVI)

Estrasburgo, *Museu das Belas Artes*

Maria apresenta Jesus no templo

Um breve entusiasmo

Quando finalmente Maria e José conseguiram terminar as cerimônias da purificação e da apresentação, feita a oferta das pombinhas, Jerusalém já era sacudida por um frêmito de alegria e entusiasmo:

— Nasceu o Messias... Sua mãe é de Belém... Quem falou foi o velho Simeão... — comentavam as mulheres, de porta em porta.

Mas, quando o povo quis saber quem era o menino de quem tanto se falava, todos encolhiam os ombros, sem nada dizer: ninguém sabia informar com certeza.

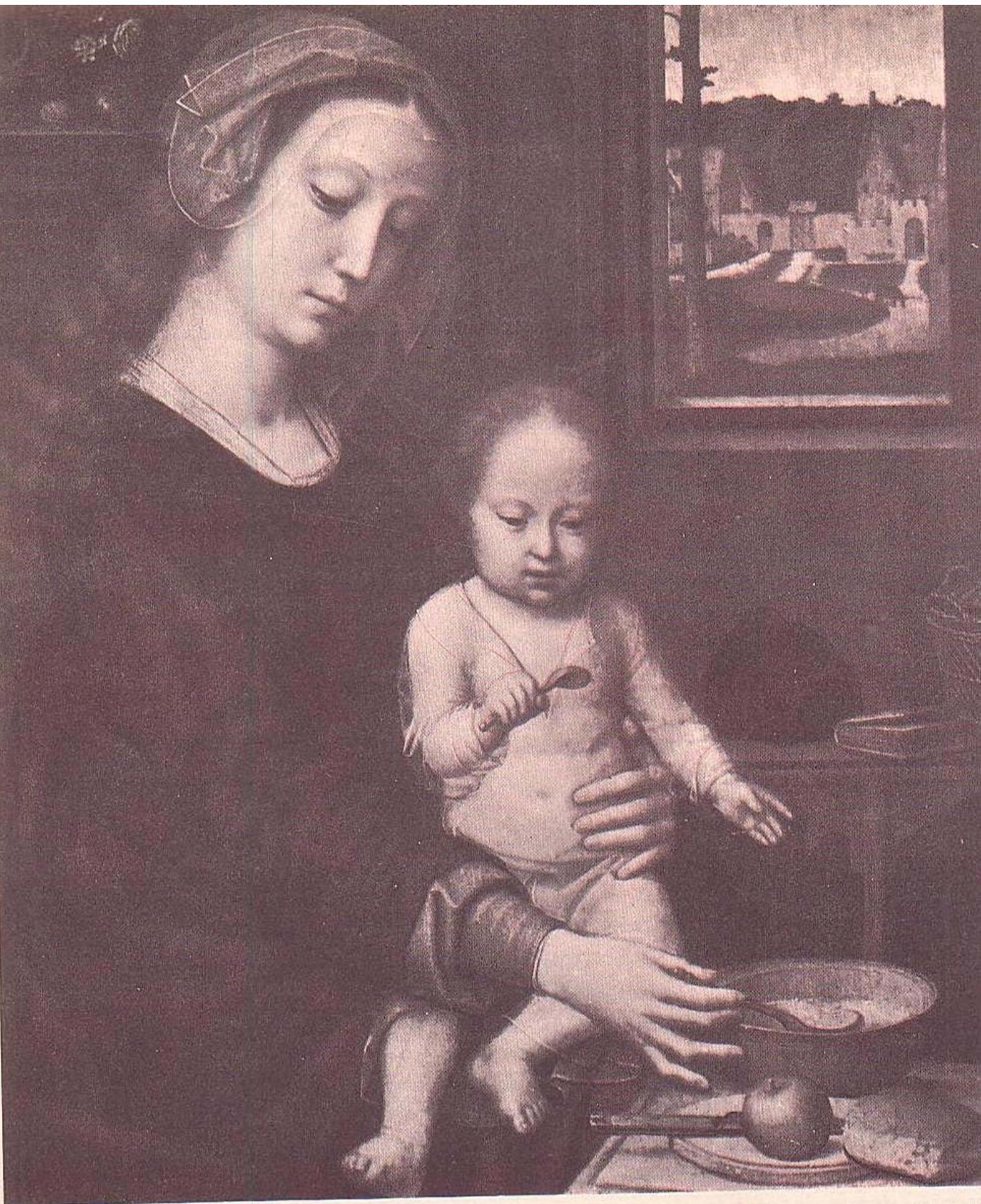
Maria e José já se tinham confundido com a multidão, sem deixar pista; no humilde anonimato como tinham vindo, também tinham retornado a Belém. Em poucos dias Jerusalém esqueceu que o Messias tinha nascido.

Aparecerá uma estrêla

Uma antiga profecia

Em Jerusalém já não se comentavam os extraordinários eventos de princípios de fevereiro. Algumas semanas depois, porém, guiados por uma estrêla misteriosa, chegavam à Cidade santa uns magos provenientes das longínquas regiões da Arábia e da Pérsia.

Eram sábios astrólogos, ricos e estudiosos, que conheciam os segredos das estrêlas e passavam longas horas no silêncio de seus observatórios estudando o firmamento e a natureza. Ao vasculhar o firmamento na noite do dia 25 de dezembro, um dos magos ficou impressionado pelo extraordinário brilho de uma estrêla que nunca vira antes. Olhou mais atentamente: que maravilha!... A estrêla movia-se lentamente, deixando empós de si um rastro de luz. Devia tratar-se de algo realmente grandioso, pois ninguém jamais tinha visto estrêlas moverem-se dessa maneira! Atraído pelo fato prodigioso, o sábio astrólogo resolveu seguir a estrêla. Alcançou assim, um país vizinho, onde encontrou um amigo seu, astrólogo como êle:



GÉRARD DAVID

Gênova, Palazzo B

Madonna chamada "da papa"

— Vi uma estrêla extraordinária, que se move em direção ao ocidente... Procurei segui-la para observar melhor o fenômeno, e aqui estou. O que você pensa disso?

— Incrível! — observou o amigo. — Eu fiz a mesma descoberta, e ia procurar você para lhe pedir uma explicação. Talvez seja um aviso do céu...

A admiração dos dois magos aumentou quando, alguns dias depois, chegou da longínqua Pérsia outro sábio. Também êle tinha saído em perseguição da estrêla misteriosa.

Decidiram consultar um velho eremita, sábio e prudente, tido por profeta. O eremita explicou-lhes:

— Há uma antiga profecia israelita, que diz: “Sairá uma estrêla da família de Jacó, e um grande chefe, um rei poderoso, nascerá em Israel”. Os israelitas habitam a Palestina.

Os magos, profundamente religiosos, acreditaram na profecia, e resolveram pôr-se a caminho em seguimento da estrêla brilhante, que se movia sempre em direção ao ocidente.

*“Onde nasceu
o nôvo rei dos judeus?”*

Ao alvorecer da manhã seguinte, uma caravana pitoresca, com camelos, dromedários, numeroso séquito e ricos presentes, movimentou-se para o ocidente. Atravessando o deserto da Síria, alcançaram a Palestina, e chegaram a Jerusalém. A estrêla misteriosa desapareceu. Pararam, pensando que o “rei poderoso” de que falava a profecia, devia ter nascido aí. Maravilharam-se muito, ao notar que a cidade não dava nenhum sinal de alegria especial como habitualmente acontece por ocasião do nascimento de algum filho do rei.

Perguntaram a uns curiosos que se aproximaram da caravana:

— Onde nasceu o rei dos judeus? Onde está o nôvo rei do povo de Israel?

Ninguém sabia informar. Alguns chegaram a rir, pensando que aquêles estranhos visitantes tivessem sido vítimas de alguma brincadeira de mau gôsto. Por fim, um senhor falou:

— Aqui não nasceu nenhum rei. Nosso rei é Herodes. Seu palácio está lá, na praça grande. Perguntem a êle se nasceu um nôvo rei.

Os moradores de Jerusalém riram maliciosamente. Todos sabiam que Herodes era um rei cioso, terrivelmente cioso de seu reino. Para conservá-lo, tinha aniquilado a aristocracia, chegou mesmo a mandar matar muitos membros da família, com mêdo que lhe tirassem o trono. Mas os magos, que não sabiam disso, dirigiram-se para o paço real, enquanto o povo, admirado, indagava:

— Quem serão êsses estrangeiros? O que vieram procurar?... um nôvo rei em Jerusalém? Não basta Herodes?...

Esperteza frustrada

Quando anunciaram a Herodes que três “grandes” do oriente o procuravam, êle, para dar-se importância, mandou-lhes dizer que não podia recebê-los, porque estava muito ocupado. Então os magos pediram ao pajem que comunicasse a Herodes que queriam apenas ver o nôvo rei dos judeus, anunciado pela estrêla. A estas palavras, Herodes empalideceu: o nôvo rei dos judeus?

— Não diga palavra a ninguém a respeito, ouviu? — gritou, lívido de raiva, ao criado. — E manda entrar imediatamente êsses estrangeiros!...

O rei recebeu os magos secretamente. Em vista da importância das notícias que trazem, trata-os com grande deferência e muitas atenções, a fim de não despertar suspeitas. Depois pede-lhes para contar-lhe de fio a pavo tôda a história da estrêla. Êle ignorava as profecias, e menosprezava os sacerdotes do Senhor, mas desta vez mandou chamá-los, e fingindo acreditar nas Sagradas Escrituras, perguntou-lhes:

— Onde é que deve nascer o rei dos judeus, de que falam os vossos livros sagrados? E em que época deve ocorrer seu nascimento?

Os sacerdotes consultaram-se entre si, releeram as profecias que já viam de cor, fizeram seus cálculos, e por fim responderam ao rei:

— Já estamos no tempo anunciado pelo profeta Daniel, e Belém é a cidade onde o Messias prometido deve nascer. Nós, porém, não sabemos o momento exato em que Deus vai suscitar o libertador do povo.

Um sacerdote acrescentou:

— Ouvi dizer que, há algumas semanas, falou-se no Templo sobre o Messias já nascido. Incrível!... Dizem que o velho Simeão o conheceu: pobre coitado, está quase cego e não sei o que possa ter visto!...

— Eu ainda não acreditei numa única palavra de tudo isso: se o Messias tivesse nascido — continuou outro sacerdote — Deus primeiramente nos teria avisado a nós, não acha?...

Herodes, porém, não ia atrás de sutilezas: alguém dissera que o Messias tinha nascido; as profecias falavam de Belém, e isso bastava.

Afastou os sacerdotes e falou aos magos:

— Aquêles que procuram, nasceu em Belém, aqui perto. Procurarem-no com cuidado, e assim que o encontrarem, avisem-me pois também eu quero ir adorá-lo!...

Assim que os magos partiram em demanda de Belém, o astuto e cérfido rei esfregou as mãos contente:

— A êstes eu tapeei; êles não perceberam minhas intenções. Voltarão e dar-me-ão as informações necessárias para encontrá-lo, e eu hei de matá-lo com minhas próprias mãos, êsse “rei dos judeus”!... Não se pode ver!...

Duro, incenso, mirra

Saindo de Jerusalém, os magos tiveram a imensa alegria de tornar a ver a estrêla, que se movia, com sua cauda de luz, em direção de Belém.

Não foi difícil encontrar a casa onde morava José, porque o misterioso cometa acompanhou-os com seu facho de luz, pelas vielas da

velha cidade de Davi, e foi iluminar a casa onde se encontrava o menino.

Apenas entraram onde estava Maria com Jesus, os magos ajoelham. Ignoravam a Bíblia, mas como sábios observadores da natureza, compreendiam que só Deus pode mandar aos astros e fazer-se servir pelas estrêlas: aquêle menino, pobre mas maravilhosamente belo, devia ser Deus, uma vez que as estrêlas lhe obedeciam e se encarregavam de guiar os peregrinos à sua morada. E... adoraram-no.

Em seguida, abriram seus tesouros e presentearam Jesus com ouro, incenso e mirra: com o ouro Jesus era homenageado como rei do céu e da terra; o incenso significava a adoração a Jesus como Deus; a mirra (resina preciosa, odorífera e amarga que servia para curar, embalsamar e preservar da corrupção) indicava a perenidade eterna e incorruptível do reino de Jesus, que não terá fim, e ao mesmo tempo, simbolizava os sofrimentos e a morte a que Jesus devia sujeitar-se e vencer para redimir o mundo.

* * *

José nunca tinha visto tanta riqueza. Depois de agradecer aos generosos magos os preciosos presentes, distribuiu tudo entre os pobres, principalmente entre os pastôres dos arredores de Belém, que por Jesus se tinham privado de tantas coisas de que êles próprios precisavam.

O velho Eleazar não queria aceitar nada. José insistiu:

— Com um pouco de ouro você pode comprar uma tenda nova para a família, mandar colocar uma porta e construir um muro de pedras caiadas na gruta do tio Tobit, onde nasceu Jesus.

Eleazar, então, aceitou, mas quis retribuir, presenteando José com o melhor jumento que encontrou em Belém.

— Servir-lhe-á para voltar a Nazaré — explicou. — Embora você já tenha um, a viagem é longa. Além disso, ter dois jumentos não é nenhum luxo para ninguém.

Mais tarde Eleazar mandou limpar e embelezar a gruta onde tinha nascido Jesus, e não quis mais que fôsse usada como abrigo de animais. Ninguém mais a chamou “gruta do tio Tobit”: tornou-se como que um pequeno, um simples templo dos humildes pastôres e passou a chamar-se “a gruta de Jesus”.



BENOZZO GOZZOLI

Florença, Capela do Palácio Médico

Cortejo dos magos

Outro caminho para o oriente

Os magos ficaram alguns dias em Belém, mantendo longos contatos com Maria e José. Pediram que lhes fôsem explicadas minuciosamente as profecias bíblicas que falavam do Messias e, sobrenaturalmente iluminados, fizeram ardorosa profissão de fé, crendo que Jesus era realmente o Filho de Deus feito homem para salvar o mundo do pecado.

Como os pastôres foram os representantes do povo israelita no dar testemunho de Jesus, os magos foram os representantes de todos os povos pagãos. Voltando para sua pátria, foram os primeiros apóstolos em suas terras.

Já estavam prontos para regressar ao oriente, quando um anjo lhes revelou os iníquos planos de Herodes, que tramava a morte de Jesus. Tomaram, então, outro caminho, e voltaram para suas longínquas terras sem passar por Jerusalém.

Entrementes, José e Maria, pobres como quando vieram, resolveram deixar Belém e retornar a Nazaré.

Deus, porém, como acontece com freqüência, tinha outros planos.

A fúria inútil de um rei ludibriado

Impaciência no paço real

Herodes não confiava absolutamente em ninguém. Falara secretamente com os magos e, sem nada comentar com ninguém a respeito, esperava impaciente a volta dêles, para poder dirigir-se a Belém e matar Jesus, que êle considerava rival perigoso.

Belém não fica longe de Jerusalém. Mas os magos demoravam. Diariamente Herodes vasculhava com o olhar a estrada poeirenta que ligava Jerusalém a Belém, porém a suspirada caravana de camelos e dromedários não assomava no horizonte.

Para não despertar suspeitas em seus servidores, Herodes escondia-lhes seus negros planos. E pensava consigo:

— Os magos, naturalmente, não têm nenhuma pressa. Que diacho! Vieram de tão longe para ver um menino e ficarão certamente alguns dias para festejá-lo... É lógico!... Também, com tôdas aquelas provisões e riquezas, poderão viajar anos!...

Com essas e outras considerações similares, Herodes procurava suavizar a ansiedade que o dominava. Passadas, porém, algumas semanas de impaciente e angustiosa espera, deu-se conta de que os magos o tinham ludibriado. Tinham desaparecido da região, sem deixar o mínimo traço de sua pitoresca caravana.

Ao rei, pouco interessam as profecias

O rei ficou enfurecido. Convocou novamente sacerdotes, sábios e rabinos de Israel, e quis ouvir com a máxima atenção as mais minuciosas explicações da Bíblia sobre o Messias.

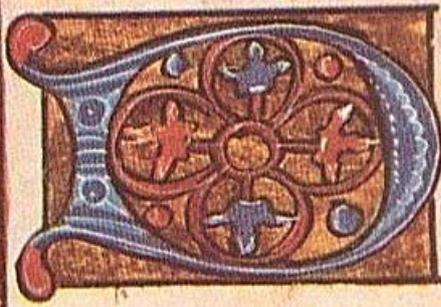
Enquanto um dos sacerdotes lia em voz alta as profecias de Daniel, Miquéias, Isaías, percorrendo os rolos de papiro da Bíblia, o rei com seu olhar turvo fixo em terra, media a grandes passadas a sala.

De repente parou e bradou:

— Basta! Quem lhes garante que seja verdade êsse palavrório? Vocês chamam-nas profecias, mas não passam de conversa fiada, pura conversa fiada e invencionices de carolas! Fora daqui! Mostrar-lhes-ei quem sou eu e quem é o “rei poderoso, o grande dominador de Israel”!

O leitor estremeceu. Porém, não se tinha equivocado! Na Bíblia estava bem claro: “De ti, Belém, sairá o Messias, o rei que deverá governar Israel...” Amedrontado com os brados descontrolados do rei, o sacerdote enrolou depressa o papiro consultado e, junto com os outros, saiu precipitadamente.

Herodes, fora de si pelo ciúme e medo de um rival que viesse a privá-lo do trono, reuniu seus piores esbirros, e deu-lhes uma terrível ordem. Poucos minutos depois, um esquadrão armado partia de galope em direção a Belém.



cus in adiutorium me
um intende. **D**omine ad adiuuā
dum me festina.

Deus chega sempre em tempo

Na tarde anterior, na cidade de Davi, José tinha terminado os preparativos para regressar a Nazaré. Num cêsto reuniu suas poucas coisas, umas roupas, um odre cheio de bom vinho. Maria deitou cedo com o menino Jesus, a fim de estar pronta para partir ao clarear do dia. Durante a noite, porém, José teve uma visão. Apareceu-lhe um anjo e lhe falou:

— José, levanta-te depressa. Toma o menino e sua mãe, e parte imediatamente, que Herodes procura Jesus para matá-lo. Foge para o Egito. Lá estareis a seguro.

José não esperou mais um minuto. Chamou Maria e explicou-lhe a visão.

— Partamos já, — respondeu a Virgem. — Se Deus quis avisar-nos a estas horas, é sinal de que não temos tempo a perder.

* * *

Enquanto Belém estava imersa no sono, a sagrada Família rumava para o Egito. Saíram da cidade, passaram diante da gruta e dali alcançaram a tenda de Eleazar. O ancião cochilava perto do fogo, montando guarda. Ao aproximar-se da pequena comitiva, os cães ladraram, mas o pastor reconheceu a voz do amigo, e acalmou-se.

— Eleazar — cochichou José — nós vamos. Você foi o primeiro amigo que Deus nos fêz encontrar em Belém, e quero agradecer-lhe: só a você confio um grande segrêdo. Amanhã, em Belém, todos pensarão que eu parti para Nazaré, como estava decidido. Saiba, ao invés, que devemos fugir não sei ainda para que cidade, porque Herodes procura Jesus para matá-lo. Eleazar, fique de sobreaviso, porque todos sabem que você era nosso amigo, e Herodes procurará, por isso, fazer-lhe mal. Deus lhe pague por todo o bem que nos fêz. Adeus, velho amigo...

José desapareceu na noite. Eleazar saudou-o agitando a mão trêmula.

De madrugada, quando os pastôres acordaram, viram um jumento amarrado a uma árvore ali perto. Eleazar compreendeu imediatamente: — É de José!... Deixou-o aqui e fugiu com aquêle que lhe presenteei.

E era realmente assim. José retribuiu o presente do pastor amigo. Porque, entre os pobres, há verdadeira amizade!



Chora-se em Belém

Ao meio-dia em ponto os esbirros de Herodes entravam em Belém. Poucas horas depois a cidade vestia-se de crepe: o pérfido rei tinha mandado matar tôdas as crianças do sexo masculino de Belém, de dois anos para baixo. Pensava, assim, suprimir também o temido nôvo “rei dos judeus”. Deus, porém, como já vimos, tinha desvendado seus planos sanguinários.

O mundo começava a dividir-se em dois campos em tôrno de Jesus. Como dissera Simeão, êle seria “um sinal de contradição”: os bons que o amam, e os maus que o odeiam.

Belém em pêso chorou seus filhos massacrados. Uma antiga profecia, consignada por Deus na Bíblia, rezava: “Um clamor ergueu-se em Ramá (localidade perto de Belém) com pranto e lamentações; é Raquel que chora seus filhos... que já não vivem”. A Igreja venera como mártires essas crianças e chama-as de “Santos Inocentes”, porque deram o testemunho do próprio sangue morrendo para salvar Jesus. De fato, convencido de ter matado também o “nôvo rei” entre as crianças de Belém, Herodes não o perseguiu mais em outras partes.

Pela tarde, enquanto Belém jazia sepultada em lágrimas pelo bárbaro massacre de suas crianças, os esbirros retornavam a Jerusalém. Herodes esperava-os impaciente...

O triunfo de uma batalha perdida

O chefe dos esbirros referiu tudo. O rei pediu alguns esclarecimentos e depois pôs-se a bradar:

— Patifes! Então não encontraram o tesouro dos magos, não é?!... Neste caso não atingiram o nôvo “rei dos judeus”. Por conseguinte, meu reino ainda corre perigo!?

— Meu senhor, — interrompeu ousadamente o miliciano — inquirimos dos chefes de Belém quantas crianças tinham nascido nestes dois anos. Eu mesmo controlei os registros. Pode ficar sossegado, majestade, que nenhum menino escapou à morte!...

Herodes mudou repentinamente de semblante e tornou-se eufórico:

— Portanto, meus heróis, se mataram todos os meninos, morreu também êle, o nôvo rei pelo qual se incomodavam até as estrêlas! Ora, muito bem: Eu venci!... êle morreu!...

Noite velha, Herodes mandou festejar seu triunfo com um grande banquete. O infeliz monarca pensava ter vencido a batalha contra Deus. Com sua crueldade, porém, nada mais fizera que praticar terrível loucura pela qual Deus haveria de puni-lo sem demora.

* * *

Enquanto em Jerusalém se banqueteava para celebrar a morte do Messias, Jesus dormia plàcidamente são e salvo nos braços de Maria, embalado pelo passo cadenciado do dócil jumento. José conduzia o manso jumento pelas rédeas, e de quando em quando parava para dirigir-lhe a palavra:

— Sei que também você está cansado, mas não podemos parar. Você deveria estar contente, pois leva Deus e sua Mãe juntamente. Bem sabe que nenhum jumento no mundo jamais teve semelhante honra... hup!... hup!...

A lua brilhava no céu...



BEATO ANGÉLICO

Florença, *Museu de S. Marcos*

Fuga para o Egito

Afinal, em Nazaré

O breve exílio do Egito

No Egito José não conhecia absolutamente ninguém. Depois de quinze dias de viagem, chegou a Matarieh e aí, segundo antiga tradição, estabeleceu residência. O Evangelho não acena aos incômodos sofridos por Maria e José nessa fuga. Uma viagem de 500 quilômetros a pé, com a simples ajuda de um jumento, sobretudo os 200 quilômetros do deserto sem nenhuma defesa contra o sol tórrido de dia e gélidas rajadas de vento à noite, seria suficiente para assustar qualquer outro.

Jesus quis provar os dissabores e a vida atribulada do emigrante, do perseguido, do exilado, a fim de ensinar-nos que é preciso suportar essas provas como Maria e José, sem revolta, sem ódio contra o tirano, sem erguer a voz blasfema contra a providência de Deus.

A numerosa colônia israelita do Egito proporcionou trabalho a José. Não se demorou muito, porém, ali, porque um anjo veio avisá-lo:

— José, toma o menino e Maria, e volta para a terra de Israel, porque morreram aqueles que queriam a morte do Menino.

De fato, roído por horrorosa enfermidade, Herodes morreu odiado até pelos seus familiares. Deus castiga os malfeitores às vêzes ainda nesta vida, mas sempre e sobretudo na outra vida!...

“...será chamado nazareno”

A sagrada família podia retornar tranqüilamente para a Palestina, realizando assim o que Deus tinha anunciado na Bíblia por bôca do profeta Oséias: “Chamei meu Filho do Egito”.

José e Maria puseram-se novamente em viagem. Com o fiel jumento, provisões de víveres e sobretudo de água, aventuraram-se pelo imenso deserto de areias que ladeia o mar. Chegados à Palestina, souberam que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes e temeram pela sorte do menino. Por isso foram para a Galiléia e fixaram-se em Nazaré, onde o menino podia estar em segurança.

Depois de tanto tempo e de tantas peripécias, José e Maria puderam entrar novamente em sua casinha. Tudo estava em ordem, como quando de sua partida. A um canto, o berço nôvo e macio preparado com tanto carinho para Jesus. Finalmente, também o Messias, o Filho de Deus, podia descansar tranqüilamente em sua casa, pobre... mas decente. Até então êle, o dono do mundo, o criador de tudo o que existe, tinha andado errante pela casa alheia.

Também êsse particular tinha sido anunciado pela Bíblia, pois uma profecia rezava: “O Messias será chamado Nazareno (isto é, de Nazaré)”.

Uma família como tantas outras...

Os moradores de Nazaré nada viam de extraordinário em José e Maria. Percebiam só que se queriam muito e viviam em perfeita harmonia. O Evangelho nada fala da vida tranqüila da sagrada Família,

mas é fácil imaginar o que acontecia, dia a dia, naquela casa feliz. José retomou com ânimo seu trabalho. A longa ausência de Nazaré acumulou um mundo de serviço para o bom carpinteiro, e todos reclamavam precedência nas encomendas. Com sua bondade e simplicidade, êle procurava atender a todos:

— Sim, Elifã, irei logo ver sua carreta. Antes, porém, preciso consertar a porta da casa de Ruben... Procure compreender... Diversamente, como poderá o pobre homem dormir tranqüilo esta noite?...

Também Maria centralizava as atenções das mulheres de Nazaré. Jesus era um menino realmente maravilhoso e tôdas queriam vê-lo, tôdas queriam parabenizar a mãe:

— Como é gracioso seu filho, Maria!... E como parece com você!...

— Pobre Maria!... Tão jovem e delicada, teve que enfrentar essa longa e incômoda viagem para o censo!...

— Mas que!... — respondia Maria serenamente. — Deus me ajudou e tudo correu bem... Além do mais, era uma ordem do imperador, e precisava obedecer.

A Virgem escondia cuidadosamente todos os sofrimentos e angústias por que passou em sua viagem: a noite santa de Belém, a profecia de Simeão, a fuga para o Egito, a volta. Porque o sofrimento e as lágrimas são como pérolas preciosas, que é preciso guardar no fundo do coração, a fim de que só Deus as veja e premie.

...e, no entanto, diferente de tôdas

Como tôdas as mulheres de Nazaré, Maria empregava seus dias nos afazeres domésticos. Iniciava seu trabalho de manhã, após devota oração. Moía o trigo movimentando duas grandes pedras, amassava o pão, ia à fonte com a ânfora de terra-cota elegantemente apoiada ao ombro, preparava as refeições para José e Jesus, costurava, consertava as roupas usadas, fiava, tecia, ajudava José nos trabalhos mais leves e urgentes. Cuidava sobretudo de Jesus, o Filho de Deus que lhe fôra miraculosamente confiado. Com amor e ternura extrema, alimentava,

vestia, banhava o menino, e lhe ensinava tudo o que êle precisava aprender para crescer bom e inteligente.

Jesus era Deus e, naturalmente, nada precisava aprender, porque Deus sabe tudo; mas quis humilhar-se e aprender como tôdas as crianças, para dar-nos exemplo de sua submissão, obediência, respeito aos pais e a tôdas as autoridades.



A vontade do Pai do céu

Filho da Lei

Jesus já contava doze anos. José e Maria resolveram levá-lo ao Templo de Jerusalém para a festa da Páscoa. Nessa idade todo israelita tornava-se oficialmente “filho da Lei”, isto é, suficientemente responsável para observar tôdas as prescrições contidas na Bíblia e nas tradições antigas.

A Lei obrigava ir ao Templo ao menos uma vez por ano a quem podia caminhar e não morasse longe de Jerusalém mais de um dia de caminho a pé. A festa israelita mais importante era a Páscoa, que significa “passagem”. Era o aniversário da passagem do povo israelita da escravidão do Egito para a liberdade da terra prometida no tempo de Moisés. Havia outra festa importante. Era Pentecostes, que significa “cinquenta”, porque vinha cinquenta dias depois da Páscoa, e lembrava o comêço das colheitas. De tudo quanto os israelitas colhiam ou criavam, deviam oferecer a Deus os primeiros frutos. A terceira festa chamava-se “dos Tabernáculos” ou “Cabanas”. Celebrava-se para agra-

decer a Deus as colheitas. Chamava-se assim para recordar o tempo em que êles andavam errantes pelo deserto e eram obrigados a morar em tendas. Naquele tempo êles não tinham colheitas e Deus os sustentava com o maná, um alimento prodigioso que caía do céu.

Só os homens estavam obrigados à peregrinação a Jerusalém. A sagrada Família não tinha nenhuma obrigação de observar essas prescrições, porque Nazaré ficava quase 120 quilômetros longe de Jerusalém. Assim mesmo, José e Maria de vez em quando costumavam ir ao Templo para rezar.

A caravana de Páscoa

Na peregrinação dos 12 anos, Jesus pôs-se a caminho com Maria e José, em companhia de muitos outros peregrinos. Era tradição na Palestina, os peregrinos se reunirem em grandes caravanas, e iam cantando salmos e lendo a Bíblia. À noite, dezenas de minúsculas tendas ladeavam a estrada, e as famílias reunidas ceavam, e depois os peregrinos se entregavam ao sono restaurador.

Com a sagrada Família partiram para Jerusalém também Cléofas, irmão de José, levando os filhos maiores, Simão e Judas, primos de Jesus.

Não obstante a multidão extraordinária que invadiu a cidade, tudo correu bem durante a primeira semana da Páscoa. Jesus estava quase sempre com Maria, menos quando ia com José para o pátio dos homens, parte do Templo onde as mulheres não podiam entrar.

Depois que tinham rezado e participado das grandiosas cerimônias de culto prescritas pela Bíblia, os peregrinos retomavam o caminho de volta. iam em grandes comitivas, onde se encontravam parentes, amigos e conhecidos, a fim de fazerem a viagem de retôrno para casa.

José, Maria e Jesus uniram-se a uma dessas comitivas. Os meninos, como de costume, misturavam-se na multidão, procurando sempre preceder homens e mulheres que andavam conversando e cantando em grupos esparramados.

Ao pôr do sol a caravana nazarena alcançou El-Bireh, a 16 quilômetros de Jerusalém. As famílias reuniram-se para armar as tendas, ceiar e pernoitar. José e Maria tinham viajado em companhia de amigos, e pensavam que Jesus estivesse com os outros rapazes. Esperaram-no em vão, sentados diante da tenda. Jesus tinha desaparecido.

Uma tarde sem Jesus

Maria ficou consternada:

— José, onde será que Jesus se meteu? Será que lhe aconteceu alguma coisa pelo caminho?

— Teríamos visto, com certeza. Quando partimos, estava com os outros rapazes... Iam à nossa frente. Estará com algum amigo de Nazaré, sossegue.

E começou para os dois santos esposos uma ansiosa busca. Procuraram entre parentes, amigos, concidadãos. Perguntaram a quantos encontraram. Ninguém o tinha visto.

— E no entanto estava também êle no grupo, quando partimos. Eu o vi muito bem — suspirava José.

— Precisamos voltar para encontrá-lo — disse Maria. — Jesus nunca desobedeceu a um único aceno, nunca nos deu desgostos. Não pode ter-se escondido por brincadeira, porque é bom demais e respeitador... Talvez tenha parado...

— Mas, onde? e por quê? — perguntou José angustiado. — A culpa cabe a mim. Deus confiou-me seu Filho e eu o perdi... Quem sabe se não se encontra em perigo...

— Esperemos que não, José. Em todo caso, precisamos voltar logo e procurá-lo.

— Não, Maria, você está muito cansada. Eu voltarei...

Nisto chegou perto dêle Cléofas com o filho Simão.

— Não o encontraram ainda, José? — perguntou, também êle preocupado. Viu no semblante triste de Maria, a resposta desoladora. Então volveu-se a Simão:

— Meu filho, Jesus não estava com você quando partimos? Onde estará agora?

— Não sei mesmo dizer onde possa estar — respondeu o rapaz. — Quando partimos estava comigo e com os outros rapazes de Nazaré. Junto dos muros de Jerusalém deixou-nos dizendo que seu pai o estava chamando... Eu pensava que êle tivesse vindo com os senhores. Infelizmente não sei mais nada. Desde aquêle momento não o vimos mais.

Maria agradeceu ao cunhado e ao rapaz pelas informações, depois recolheu-se pensativa: Jesus disse que “seu Pai” o chamava? José não era seu verdadeiro pai, porque Jesus era Filho de Deus. Por conseguinte, quem o tinha chamado era o Pai do Céu. Mas, aonde?

* * *

Era já noite quando José e Maria, embora cansadíssimos da viagem, retomaram o caminho de volta a Jerusalém. Pela primeira vez, ao anoitecer, Jesus não estava com êles. Caminharam pela escuridão afora sem uma palavra, com os olhos marejados de lágrimas. Não foram muito longe. Estavam extenuados. Tiveram que parar. Mas, ao raiar da aurora, já estavam novamente a caminho.

Ansiedade e desilusão em Jerusalém

Encontraram uma caravana de peregrinos que vinha de Jerusalém. Um raio de esperança iluminou o rosto de Maria. Talvez Jesus tivesse ficado em Jerusalém na noite precedente e agora vinha nesta nova caravana que demandava a Galiléia. À medida que a multidão se aproximava, a ansiedade de Maria e José aumentava. Encontraram-se. Da margem da estrada, os dois observavam atentamente todos os peregrinos, que passavam cantando e conversando. Esperavam a cada momen-



JAN GOSSAERT

Viena, *Kunsthistorisches Museum*

A Virgem e o menino.

to ver Jesus. Mas, a longa fila passou deixando uma nuvem de poeira, e nada de Jesus. Foi uma cruel decepção para Maria e José.

O sol já ia alto quando os dois esposos de Nazaré ingressaram na cidade santa. Jerusalém parecia deserta. A multidão de peregrinos já se tinha desfeito, rumando cada qual para sua terra. Os moradores, após aquêles dias de agitação, só desejavam a tranqüilidade. Às perguntas de José e Maria respondiam às vêzes grosseiramente, sem ligar ao cansaço e sofrimento estampados nas faces da mãe aflita.

Ninguém sabia nada de Jesus.

— Um rapaz de doze anos, bastante crescido, cabelos longos e ondulados, vestido de vermelho..., guapo..., sim, guapo e bom... — Maria repetia aflita a todos os transeuntes a descrição do seu Jesus.

— Não, não me lembro tê-lo visto... Ontem havia tanta gente, como posso lembrar?... Não, por aqui não deve ter passado!... Mas, já foram ver no caravançarâ?... Ou talvez das bandas do mercado?... Um rapaz, sòzinho, talvez se tenha extraviado nas vielas da cidade baixa... Procurem perto dos muros... é lá que geralmente os peregrinos armam suas tendas...

Com estas respostas e outras similares, respondiam todos às angustiosas perguntas de Maria. Os aflitos pais percorreram a cidade em tôdas as direções, sempre na esperança de uma informação que lhes aliviasse o coração.

Entardeceu novamente.

A noite do pesadelo

Era a tarde mais triste que Maria e José tinham vivido. De fato, a angústia do dia anterior era atenuada pela esperança de encontrar logo Jesus pela estrada. Agora, porém, juntava-se a amargura de um dia de vã e extenuante procura, fechado com a mais negra decepção.

Quando a cidade mergulhou nas trevas, José e Maria pararam cansadíssimos sob um pórtico, mas não conseguiram pregar ôlho. A cada mexer de fôlhas, parecia-lhes ouvir gemidos, lamentos, pedidos de so-

corro de Jesus, talvez em mãos de bandidos perversos... O soprar do vento, o ladrar de um cão, o voar de aves noturnas..., tudo assustava-os, despertando-lhes na imaginação excitada as mais horrorosas visões. De madrugada, quando a cidade ainda dormia a sono sôlto, subiram ao Templo. Aí Maria deu vasão a tôda sua amargura, e chorou. José, no pátio dos homens ainda deserto, orava em silêncio:

— Senhor, vós me mandastes fugir para o Egito com o menino, que é vosso Filho; não medi sacrifícios e atravessei até o deserto... Protegi a Jesus entre perigos mil, em viagens sem fim... Por vossa ordem voltei para Nazaré: sempre fiz o melhor que pude, Senhor... Como pode ter acontecido o desaparecimento de Jesus?...

Quando os dois santos esposos se viram novamente, o Templo já começava a encher-se de gente. Êles estavam mais animados e calmos, porque a oração confiante sempre ajuda a vencer as dificuldades da vida.

“Onde se meteu aquêle distraído?...”

Uma antiga colega de Maria no Templo, encontrou-os por acaso. Maria manifestou-lhe sua ansiedade e a amiga procurou consolá-la:

— Eu também a ajudarei. Procuraremos juntas. Aqui no Templo, como você sabe, pode-se ver meia Jerusalém: possível que ninguém saiba mesmo dizer onde se meteu aquêle distraído?

— Não fale assim, Micol — gemeu Maria. — Jesus é o mais garboso menino do mundo. Ninguém, como êle...

Assim falando, entraram por um longo pórtico que ladeava um pátio. O Templo de Jerusalém era um aglomerado de edifícios, pátios, corredores, tórres, escadarias e casas onde se reunia o povo para as funções sagradas e para a oração. Mas ali ficava também o mercado de animais para os sacrifícios, as salas de leitura e interpretação da Bíblia, e a escola de formação de “escribas”, isto é, dos doutôres e escrivães. No Templo havia moradias para os sumos sacerdotes e uma espécie de colégio, onde estivera também Maria quando pequena; havia, enfim, uma guarnição de policiais encarregados de manter a ordem.

Não era fácil procurar Jesus nessa barafunda; mas para Maria e sua amiga, que tinham muitos conhecimentos, era possível pedir informações certas e talvez encarregar algum servidor de observar melhor o pessoal que entrava e saía.

Um rapaz

dá lições a mestres experimentados

No cruzamento do pórtico com dois pátios, havia uma grande aglomeração de gente. Ali costumavam ensinar os “rabis”, isto é, os mestres que liam e explicavam a Bíblia, discutindo entre si o sentido exato das profecias e das passagens mais difíceis.

O que mais despertou a atenção de Maria, foi o interêsse fora do comum de tantos curiosos: gente na ponta dos pés, procurava ver e ouvir aquêle que, no centro da roda, encabeçava a discussão. Devia ser um grande mestre, para atrair tanta gente! Maria, interessada, parou um momento e aguçou o ouvido. Depois, fora de si de emoção, chamou:

— José, escuta: essa não é a voz de Jesus? É sim, é a voz dêle!... É êle!... Finalmente encontramos-lo!...

Sem um instante de hesitação Maria, embora ainda não tivesse visto Jesus, procurou aproximar-se, abrindo caminho entre a multidão que a comprimia de todos os lados.

Alguém, distraído pelas palavras de Maria, virou-se despeitado e olhava admirado aquela mulher que procurava avançar.

— É a mãe dêle! — explicou Micol.

Então todos abriram passagem, respeitosos e admirados. Maria e José conseguiram chegar à primeira fila.

Jesus estava ali, no meio dos mais célebres sábios de Jerusalém, entre os “rabis” mais doutos, que o bombardeavam com perguntas e ouviam-no com interêsse. Aquêle rapaz de doze anos explicava as profecias, interpretava a Bíblia e seus arrazoados claros, não admitiam resposta. Era uma cena maravilhosa: naquele auditório improvisado sob



CHRISTIAN DALSGAARD

Dinamarca, Soro Amts Museum

Jesus ensina os doutores no templo

o pórtico do Templo, um mestre de doze anos erguia sua cátedra entre velhos e experimentados professôres, que de um momento para outro, se converteram em tímidos aprendizes.

O verdadeiro Pai é o do céu

Maria não ousava dizer palavra. José, sempre humilde e taciturno, agradeceu do fundo do coração a Deus e saboreava, no íntimo da alma, a ímpar alegria do encontro de Jesus. Jesus, percebendo a presença de sua mãe, interrompeu a conversa com os doutôres do Templo e voltou-se. Viu no meio daquela multidão, Maria e José que o olhavam ansiosos e ao mesmo tempo com tímida reserva. Com seu lindo sorriso, atirou-se em seus braços. Maria apertou-o contra o coração procurando convencer-se que não era uma ilusão. Beijou-o repetidamente, sem poder falar. Passados alguns minutos, com os olhos marejados de lágrimas, enquanto a multidão comovida olhava admirada a mãe do pequeno e fenomenal "rabi" vindo de Nazaré, Maria conseguiu falar:

— Filhinho, por que fêz assim? Não sabia que seu pai e eu com uma grande angústia procurávamos você por tôda parte?...

— Por que se preocuparam comigo? Não sabiam que devo estar com meu Pai?

Era a primeira vez que Jesus manifestava abertamente sua dependência de seu verdadeiro Pai, isto é, de Deus. E no entanto todos pensavam que seu pai fôsse José. As palavras de Jesus queriam dizer que êle tinha vindo para cumprir a vontade de Deus e salvar o mundo. Por isso, devia libertar-se de todos os laços humanos, também daqueles de família.

O silêncio volta

A tão rápida e miraculosa manifestação do menino mais sabido dos “rabis”, terminara. Com saudade e desgosto, o povo e os sábios do Templo viram-no afastar-se: aquêlê rapaz tão sério, conhecia muito bem as Escrituras, poderia muito bem ficar com êles. Era mesmo talhado para os estudos da Bíblia. Ignoravam, porém, os “rabis”, que Jesus não tinha nada mesmo que aprender dêles: era Filho de Deus e conhecia a Bíblia melhor que todos, porque era seu Autor.

Saíram do Templo debaixo do olhar admirado de todos. As mães apontavam Jesus a seus filhos e diziam:

— Como ficaria contente se você fôsse bom e esperto como Jesus, o filho de Maria de Nazaré.

Em seguida José levou Maria e Jesus para Karém. Pararam em casa de Zacarias para passar a noite. Enquanto Maria contava a Isabel sua angústia de três dias e a felicidade por ter reencontrado o filho no Templo, Jesus e João brincavam juntos no quintal atrás da casa. Os dois meninos conversaram longamente. Talvez traçassem um “plano de ação”, a fim de se prepararem para a grande missão a qual Deus os destinara.

No dia seguinte a sagrada Família retornava para a Galiléia.

Em Nazaré Jesus continuou submisso e obediente em tudo, simples e trabalhador como sempre fôra. De sua extraordinária sabedoria nada mais transpirava. Voltou a ser o menino de antes, que pedia humildemente explicação de tudo a José e Maria.

Falando de Jesus em Nazaré, o Evangelho só tem estas palavras: “era submisso a José e Maria e crescia em idade, sabedoria e graça aos olhos de Deus e dos homens”. Também para o Filho de Deus nada havia de melhor do que a obediência e submissão. Num rapaz de bem, não há nada melhor do que esta virtude.

A morte do justo

Sofre-se em Nazaré

O tempo corria rápido na casinha de Nazaré, onde o Filho de Deus trabalhava como um simples carpinteiro. Jesus já era homem feito e andava na casa dos trinta anos, enquanto Maria podia ter seus 47, embora seu semblante virginal conservasse inalterável o encanto e beleza da juventude; José, alguns anos mais maduro, já começava a sentir o pêso dos anos e, mais ainda, as canseiras de uma vida sem reservas, no sacrifício generoso e total consagração ao serviço de Deus.

De há tempo, Jesus já o substituía nos trabalhos mais pesados. Os moradores de Nazaré geralmente se referiam a Jesus com o apelido de "o carpinteiro", antes reservado só a José. Com tantos anos de trabalho na oficina de Nazaré, Jesus aprendera bem os segredos do ofício. A maestria, a arte e precisão características de José passaram para êle como preciosa herança.

Um dia José sentiu um mal-estar geral em seus membros extenuados. Foi cuidadosamente acomodado no leito e em breve se resta-



FRANCESCHINI

Morte de S. José entre Jesus e Maria

beleceu, mas sua saúde abalada não foi mais recuperada. A febre passou a persegui-lo com violência implacável e Maria andava seriamente preocupada com a vida do espôso.

Deus parecia surdo às súplicas da Virgem pela saúde de José. Também Jesus sentia pelos sofrimentos do querido enfêrmo; com freqüência entretinha-se com êle e encorajava-o com palavras comovidas a suportar seus males, aceitando-os das mãos de Deus, que é um bom Pai ainda mesmo quando permite provações e sofrimento.

“Meu Deus, quem cuidará dela?”

José estava plenamente de acôrdo com a vontade de Deus, e oferecia-lhe seu padecer como dom precioso. Seu próprio estado não o preocupava; o que mais de tudo o angustiava era pensar que Maria precisava dêle. As profecias rezavam que o Messias devia padecer... O próprio Jesus, quando tinha doze anos, demonstrou claramente que a voz do Pai do céu o chamava para uma missão que o obrigava a deixar casa e família... Maria ficaria sòzinha e sem amparo humano. Quem cuidaria dela?

No mais secreto de seu coração o bondoso José suspirava:

— Meu Deus! Não peço por mim, porque sei que minha vida vale pouco... Jesus já é homem feito e também a oficina já pode funcionar sem mim... Mas é por Maria que vos peço. É a mãe de vosso Filho, o Senhor. Se eu morrer, quem cuidará dela? Ela também vai envelhecer... e que fará sem um amparo?...

Missão cumprida

Certa manhã José rezou com mais fervor que de costume. Assim que Maria o deixou para preparar o almôço, êle adormeceu plácida-mente, num profundo sono restaurador. Ao despertar estava mais calmo, mais conformado com a vontade divina. Que acontecera?

Talvez um anjo lhe houvesse falado? Ou o próprio Deus ter-lhe-ia esclarecido o espírito? Vendo Maria e Jesus a seu lado, José falou calma e serenamente:

— Maria!... Jesus!... em breve vou deixá-los. Deus me avisou. É bom que eu vá, porque minha missão já foi cumprida. Todos crêem que você, Jesus, é meu filho. Agora você deve manifestar-se claramente quem é, o Filho de Deus. Por isso, é bom que eu deixe o caminho livre...

Maria soluçava em silêncio. Sua perfeita conformidade com a vontade de Deus não lhe tirava do coração a dor pela perda do espôso amado. Jesus também enxugou os olhos.

E José continuou:

— Minha tarefa terminou... Jesus, você é o Filho de Deus e não convém que eu fique... Maria, — continuou José, depois de um breve silêncio, interrompido somente pela dificuldade em respirar, mais pela emoção que pelo mal, — Maria: Cuidei de você, amei-a mais do que a mim mesmo. Deus quis que fôssemos marido e mulher. Para mim foi grandíssima honra, sei... Nunca fui digno de você, mas foi êle que assim quis. Perdoe-me, Maria, se alguma vez involuntariamente a fiz sofrer. Agora confio-a a Jesus. — Quando Deus o chamar para sua missão, meu irmão Cléofas cuidará de você. Jesus... Maria... rezem por mim. Deus me chama; estou pronto a obedecer ainda agora, como sempre. Adeus!... até à vista no Paraíso...

Morte que causa inveja

Com um plácido sorriso estampado nas faces marcadas pelo sacrifício e pelo duro trabalho, José apagou-se na paz dos justos, assistido por Jesus e Maria. Sua morte foi a mais bela que jamais tenha tido um homem. Deus o chamou a si e José aceitou generosamente. Sua alma deixou esta terra acompanhada pelas preces de Jesus e Maria. Por isso, José tornou-se o patrono dos agonizantes.

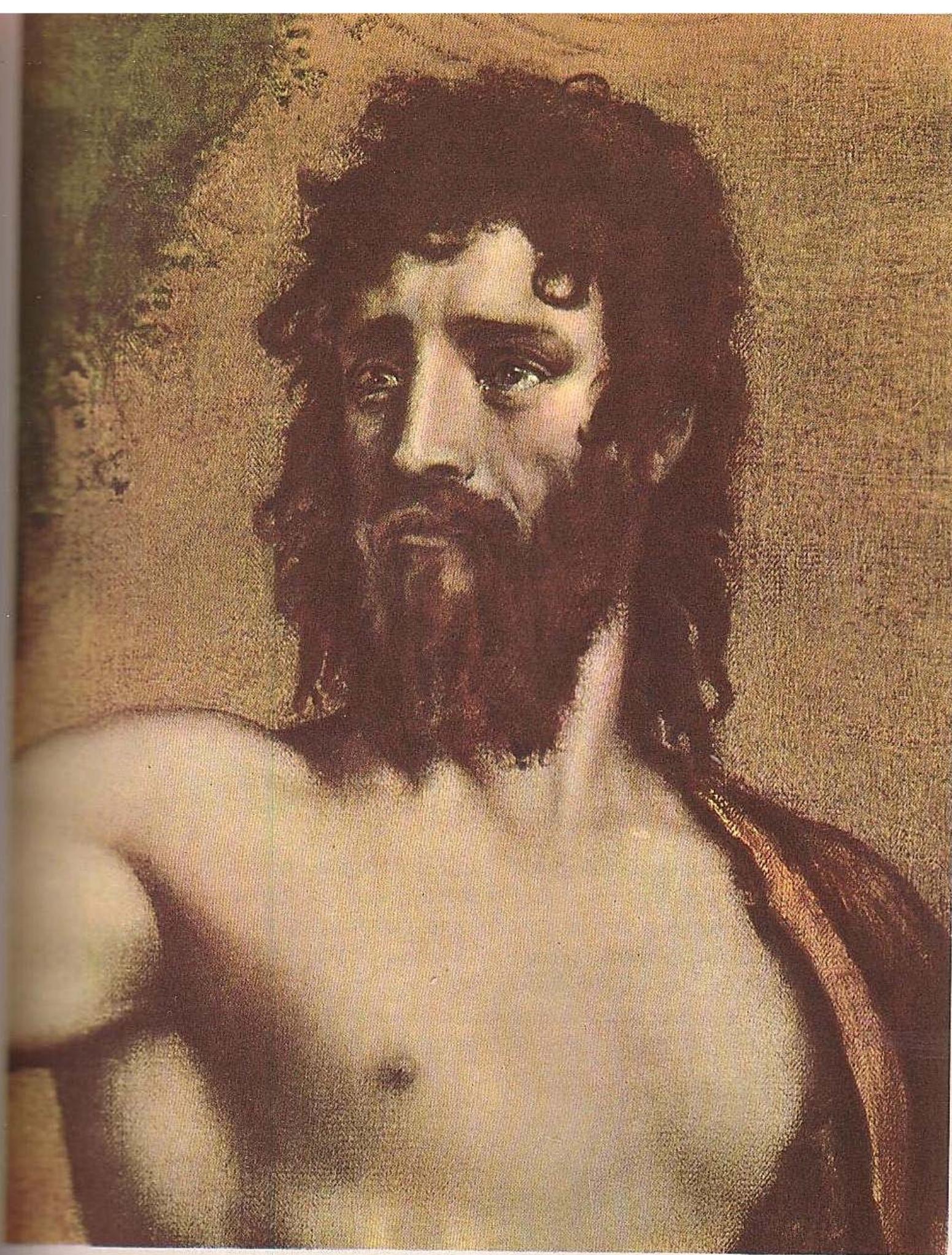
Jesus e Maria enterraram o amado falecido em Nazaré e derra-

maram muitas e quentes lágrimas sôbre sua sepultura. Quanto tinham-no amado!... Como ainda o amavam!... Porque a morte é uma breve separação que não pode anular o amor.

Sem José, a casinha de Nazaré parecia mais pobre, vazia.

Maria compreendeu que a missão de Jesus estava para começar, e que em breve êle a deixaria. As palavras de José foram por demais claras. A seu espôso, o homem do humilde e laborioso silêncio, Deus havia concedido o descanso dos justos. A ela, a “filha de Jerusalém, a mulher das dores” como anunciavam os profetas, estava ao invés ainda reservada uma longa prova, o testemunho da dor.

Ia cumprir-se a profecia de Simeão: “uma espada de dor transpassará tua alma”.



Veneza, *Accademia delle Belle Arti*

S. João Batista

João, aquêle que batiza

O reino de Deus está perto

Corria o ano 27 da era cristã. Em Roma, no trono dos césaes, imperava Tibério. A Palestina, dividida entre os descendentes de Herodes, era governada pelo representante de Roma, o procônsul Pôncio Pilatos. Herodes Antipas, Arquelau, Felipe e Lisânias administravam as várias regiões sob a supervisão do procônsul. José Caifás era o sumo sacerdote e chefe espiritual dos israelitas.

Um dia, os mercadores que passavam por Nazaré, deixaram uma notícia sensacional. Nas margens do rio Jordão um nôvo profeta, João, filho de Zacarias e Isabel, pregava o perdão dos pecados, convidando todos à penitência, porque "o reino de Deus estava perto".

João, o precursor do Messias, como fôra anunciado pelo anjo, tinha iniciado sua pregação pública depois de longa preparação no deserto, preparação na oração e na penitência. Tinham-no todos em alta estima, pois sabiam que Deus o tinha encarregado de missão profética especial.

As multidões acorriam para ouvir-lhe a palavra inflamada. Firme em sua vida dura e mortificada, convidava todos a preparar-se para a vinda iminente do Messias. Humildes aldeões, funcionários públicos, soldados, todos inquiriam do profeta que vinha do deserto, o que deviam fazer para preparar-se a fim de receber o Messias. Êle dizia-lhes que observassem a lei de Deus escrita na Bíblia, que vivessem honestos, sem oprimir os fracos nem explorar os pobres.

Certo dia, os sacerdotes de Jerusalém apresentaram-se a João e perguntaram-lhe:

— Tu pregas a vinda do Messias: és, por acaso, o esperado dos povos?...

— Não, respondeu João. Eu sou apenas uma voz que clama: "Preparai o caminho do Messias no deserto de vossos corações".

— Quem é, pois, aquêle que deve vir? E quando chegará até nós?

— O escolhido de Deus já está entre vós. Êle é maior do que eu. Ê tão grande e santo, que não sou digno de desatar os cordões de seus calçados.

Ninguém, porém, sabia que o Messias era Jesus, o Filho de Maria.

Entretanto, João batizava com o "batismo da penitência", a quantos se apresentavam a êle com arrependimento. Era um rito, uma espécie de banho, com o qual, quem o recebia, reconhecia-se pecador e pedia perdão a Deus a fim de receber dignamente o Messias.

Notícia de há muito esperada

Ao lado da fonte de Nazaré, certa manhã Maria esperava sua vez para encher de água a própria ânfora de terra-cota. Alguns mercadores sentados para dar de beber aos camelos, tinham trazido a notícia desses acontecimentos de que falamos.

Maria correu para casa com a ânfora ainda vazia. Estava por demais ansiosa para falar com Jesus.

Jesus ouviu a nova trazida por Maria sem erguer o olhar da madeira que estava aplainando. Depois de longo silêncio, largou a madeira, que caiu sem barulho nas maravalhas e serragens. Em seguida, a passos lentos, foi ao encontro da mãe que o olhava pensativa e, sem dizer palavra, abraçou-a com fôrça.

Maria entendeu tudo: tinha chegado a hora marcada pelo Pai do céu para que Jesus iniciasse sua missão pública. Naquele abraço Maria sentiu tôda sua grandeza de mãe; pareceu-lhe reviver naquele instante a ansiosa espera pelo nascimento de Jesus, a alegria de Belém, a preocupação da fuga para o Egito, a satisfação da volta a Nazaré, a mágoa com a perda de Jesus no Templo... E pareceu-lhe ver o anjo que a saudava como Mãe do Messias e ainda Simeão que lhe anunciava a espada de dor.

Jesus desviou-a de seus pensamentos:

— Mamãe, bem sabe que a pregação de João é o sinal marcado pelo Pai para minha manifestação aos homens. Deixarei a doce intimidade de Nazaré, deverei percorrer as estradas da Palestina, pregar, ensinar, salvar... Deverei sofrer. Mamãe sabe, não é verdade?... Para isto vim ao mundo!

Maria ouvia com a cabeça apoiada ao ombro de Jesus. Com a voz embargada pelos soluços, respondeu:

— Meu filho, desde quando você nasceu, espero esta comunicação... Eu sei: deverei sofrer também eu, mas não o reterei. É Deus que o quer. Façamos juntos nosso oferecimento.

Mãe e Filho, comovidos, rezaram em profundo recolhimento, renovando o sacrifício total de si mesmos à vontade do Pai do céu. Ao descer das sombras da noite, na casa do carpinteiro de Nazaré rezava-se ainda.



DE PATINIER

Batismo de Jesus

Viena, Kunsthistorisches Museum

“É preciso que você me batize”

Na manhã seguinte Jesus deixava sua pequena cidade para encontrar-se com João, chamado pelo povo de “o batista”, isto é, “batizador”.

O profeta do deserto percorria as regiões vizinhas do Jordão, onde o povo se apinhava para ouvi-lo. O Jordão é o grande rio da Palestina. Perto de Cafarnaum alarga-se num pitoresco espelho de águas e forma o lago de Genesaré, pomposamente chamado “Mar” da Galiléia, porque mergulha no vale da morte, uma garganta rochosa e sempre mais baixa, que corta a Palestina em todo seu comprimento, e vai desaguar no Mar Morto. Êste é uma bacia de águas salgadas e betuminosas, formado sôbre as ruínas das cidades de Sodoma, Gomorra, Seboim, Adma e Segor, destruídas por Deus por se terem tornado infames lugares de pecado. Isso é narrado na Bíblia.

Jesus, também, misturado aos demais peregrinos, apresentou-se a João e pediu para ser batizado. O profeta reconheceu-o e disse-lhe:

— Sou eu, Jesus, que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?...

— É preciso que me batizes — insistiu Jesus, entrando na água.

— Aqui deve começar minha missão, porque tu és o último dos profetas, o maior de todos, e o Messias deve realizar tudo o que os profetas anunciaram.

Uma voz do céu

João compreendeu que Jesus tinha razão, tomou da concha, encheu-a de água e com a mão trêmula de emoção, derramou-a sôbre a cabeça de Jesus. Nesse momento, ouviu-se uma voz do céu:

— Êste é meu Filho dileto: ouvi-o!

No burburinho reinante, poucos entenderam aquelas palavras: muitos pensaram que fôsse o trovão. A voz do Pai do Céu assinalava ofi-

cialmente o comêço da missão pública de Jesus. João, então, chamou seus discípulos mais fiéis e confidenciou-lhes:

— Eis aí o Cordeiro de Deus, aquêle que tirará os pecados do mundo. Agora êle deve crescer no conceito dos homens, enquanto eu deverei retrair-me, porque minha missão está realizada.

Alguns daqueles discípulos tornaram-se mais tarde fiéis seguidores de Jesus.

Entrementes Maria, sòzinha em Nazaré, esperava ansiosamente notícias do seu Jesus, longe e peregrino, primeiro missionário da história.

A estranha hora de um banquete de núpcias

Os amigos de Jesus

Aproximava-se a festa da Páscoa. Maria foi convidada para uma festa de núpcias em casa de amigos, na vizinha aldeia de Caná. Viúva e só, não afeita a festas profanas, Maria podia declinar do convite. Tratava-se, porém, de amigos e acima de tudo havia possibilidades de ser útil. As festas de núpcias duravam vários dias, com músicas, banquetes e brindes. Maria conhecia as dificuldades e preocupações que surgiam nessas ocasiões nas famílias do povo humilde.

Foi a Caná. Cumprimentou e parabenizou os noivos. Em seguida, quis ajudar as mulheres na tarefa de preparar o banquete. Os convidados eram muitos, e os dias de festa também. Precisava vigiar atentamente para que nada faltasse. Maria andava atarefada, quando lhe trouxeram a nova de que Jesus tinha vindo a Caná. Maria alegrou-se sobremaneira. Com o coração a transbordar de alegria e semblante iluminado, correu ao encontro de Jesus. Viu-o e abraçou-o ternamente, beijando-o. Com êle havia uns moços. Jesus fêz as apresentações.



Philippe de Champaigne

Paris, Museu do Louvre

Jesus converte a água em vinho

— Mamãe, aqui estão meus amigos. São pescadores de Betsaida, aquela cidadezinha à margem do lago de Genesaré. Aceitaram viver comigo.

Maria olhou-os com um expressivo ar materno: Simão, que Jesus chamava de “Cefas”, isto é, Pedro, André, irmão de Simão; João e Tiago, filhos de um pescador chamado Zebedeu; Felipe e Natanael. Êsses eram os amigos do seu Jesus e Maria percebeu que lhes queria como a verdadeiros filhos.

Confidências

Durante essa manhã, Jesus conversou sossegado com sua mãe. Contou-lhe o prodígio ocorrido quando recebeu o “batismo de penitência” das mãos de João e foi ouvida a voz do Pai; falou-lhe dos quarenta dias de jejum no deserto como preparação para a pregação e das fortes tentações do diabo que quis experimentá-lo.

De modo particular Jesus falou de suas primeiras aparições em público e como sua doutrina era bem acolhida pelo povo simples, embora não faltassem aquêles que o combatiam e se negavam a crer nêle. Maria não se admirou de modo algum, e confiou-lhe:

— Isso, meu Jesus, já me tinha falado o velho Simeão no Templo, quando você tinha apenas quarenta dias: “Êste menino será um sinal de diferenciação entre bons e maus...”. Quem ouvir você, será salvo; quem não quiser crer, encontrará em você uma ocasião de ruína e morte!

Jesus tornou-se sério e preocupado:

— Rezemos para que também aquêles que agora não querem crer, se convertam e se salvem, mamãe... Eu vim para todos, também para êles... É preciso que todos se salvem!...

A felicidade transforma-se em vergonha?

Chegou a hora do banquete.

Acomodaram-se todos ao redor das compridas mesas alinhadas sob uma grande cobertura erguida no terreiro. Maria notou logo que os comensais eram mais numerosos do previsto: é verdade que alguns tinham entrado apenas para ver Jesus, que já se tornara famoso nas cidades vizinhas como “o rabi de Nazaré que fala como um profeta”. Despedi-los? O gesto teria magoado os esposos e estragado a alegria da festa! Como agir?

Maria tinha observado as provisões existentes na dispensa e na cozinha e sentia, em seu íntimo, fundado temor de que não bastariam para tanta gente.

Entre os servidores começava a circular um incômodo murmúrio. No meio dos cânticos e da música daquele alegre banquete, só Maria tinha percebido o que se passava.

As núpcias de Caná da Galiléia, honradas e santificadas com a presença do Messias, não podiam mergulhar em vergonha e desapontamento por falta de comes-e-bebes!

Os comensais banquetevam-se na mais despreocupada alegria, mas as reservas de vinho dos esposos estavam esgotadas. A situação era realmente embaraçosa. A felicidade estava para transformar-se em confusão e vergonha. Quais não seriam os comentários pela cidade, se viesse a faltar o vinho!?!... Seria uma desonra grande demais...

O mistério de uma “hora” que pode ser antecipada

Não vendo nenhuma rápida solução humana ao delicado problema, Maria aproximou-se de Jesus e segredou-lhe:

— Não têm mais vinho!

Em sua pobreza de Nazaré e nas incômodas viagens, jamais a mãe

de Jesus pedira ao Filho divino um milagre em seu favor. Mas, desta vez era mesmo preciso fazer algo de extraordinário.

Jesus ficou estupefacto. Fitou longamente sua mãe, e respondeu: — Isso não toca nem a mim nem a ti, mulher: a hora dos milagres ainda não chegou.

Maria não perdeu a confiança. Jesus nunca lhe tinha desobedecido, nunca resistira a um único desejo seu. Sem acrescentar palavra, Maria fixou seu olhar nos lindos olhos de seu Filho. Êste, comovido com tanta insistência, sorriu-lhe. A mãe compreendia bem aquêlê sorriso: para agradar-lhe, Jesus estava pronto também a antecipar a hora dos milagres, de maneira a não anuviar a felicidade daqueles humildes esposos, pobres como êles e, por conseguinte, preferidos de Deus.

— Façam tudo o que Jesus mandar! — disse, então, Maria aos serventes, que se tinham aproximado a um seu aceno.

Jesus mandou encher de água as grandes talhas de pedra e em seguida mandou que essa água fôsse servida ao mestre-sala. Quando os serventes começaram a encher os cântaros, perceberam que a água se tinha milagrosamente transformado em excelente vinho.

O bom vinho antes ou depois?

O mestre-sala nada sabia do acontecido e por isso, congratulou-se vivamente com o espôso:

— Todos costumam servir antes o vinho melhor e depois, pelo meio do banquete, quando todos estão um tanto alegres, servem vinho inferior. Você, ao invés, conservou êste que é excelente, até agora!

Os discípulos de Jesus, que estavam a seu lado à mesa, tinham presenciado o milagre. Homens simples e bons, reconheceram imediatamente que era obra de Deus, e acreditaram que Jesus era realmente o Messias prometido.

Depois do banquete, Maria quis agradecer a Jesus:

— Meu filho, você bem sabe que nunca lhe pedi nada em meu favor... mas era preciso fazer algo por êsses jovens esposos, que foram

os primeiros a recebê-lo como Messias para abençoar-lhe, com sua presença, os esponsais... Obrigada, Jesus, muito obrigada por êles. Ainda não sabem de nada, mas você lhes garantiu a felicidade. Eu sabia que você não me teria decepcionado!

Cristo e a "Mulher"

Enquanto em Caná ia-se apagando o eco da música nupcial, todos comentavam maravilhados o prodígio operado por Jesus, o "rabi" de Nazaré. Alguém começou a chamá-lo "Cristo", que significa "ungido", expressão que a Bíblia atribuía ao Messias prometido.

Entrementes Maria, novamente só, remoía em seu pensamento as palavras de Jesus: "Mulher". Não era apenas uma demonstração de respeito filial, era antes a manifestação plena, oficial, de que os tempos se tinham completado. Com o primeiro milagre Jesus manifestava seu poder de Filho de Deus, demonstrando ser o Messias, o prometido "Filho da Mulher".

Com o poder do milagre realizado entre as festanças despreocupadas de umas núpcias, Deus revelou a missão de seu Filho divino. Desde êsse momento, os homens souberam que o "rabi de Nazaré" era de fato um profeta que realizava prodígios: era o "Filho da Mulher" vindo para vencer de maneira definitiva a serpente infernal.

Uma pátria de rebeldes

Jesus volta à sua cidade

Sòmente em Nazaré reinava a mais teimosa desconfiança contra Jesus. Por tôda parte davam-se vivas ao “rabi” filho de Maria, o taumaturgo que realizava os mais estrepitosos milagres. Falava-se que bastava sua passagem para que dezenas de enfermos sarassem. Mudos, surdos, paralíticos, cegos, coxos, ficavam inexplicavelmente curados com uma única palavra sua. Até mortos ressuscitaram, quando êle mandou: “Eu te ordeno, levanta-te!”

Em sua cidade, porém, estavam por demais acostumados a considerá-lo simplesmente o carpinteiro, e ninguém podia admitir que fôsse verdade tudo quanto se falava a seu respeito.

Por que êle não dava também em Nazaré uma demonstração de seus dotes de taumaturgo todo-poderoso?

Uma tarde Jesus bateu à porta de Maria. Era uma agradável surpresa, que proporcionava à santa Mãe indizível alegria. Depois de longa peregrinação por cidades circunvizinhas, na pregação da boa nova, Jesus resolveu parar uns dias no doce lar de sua infância, juntamente

com alguns de seus mais fiéis discípulos que o acompanhavam por toda parte.

Pôde rever a oficina abandonada, ainda na mesma ordem em que a deixara quando partiu para ser batizado por João. Encontrou-se com velhos amigos, camponeses e pastôres:

— Você nos abandonou — diziam-lhe, desgostosos. — Dizem coisas fantásticas de você, mas no entanto Nazaré ficou sem carpinteiro...

Jesus sabia que êles não eram maus. Deixava que falassem. Mas havia também os despeitados pelos seus prodígios, que lhe criavam tropeços. Ricos proprietários, doutôres influentes, autoridades... não podiam admitir que o “filho do carpinteiro” soubesse mais do que êles, por isso procuravam intrigar o povo contra êle, repetindo a todos o mesmo estribilho:

— Dizem que faz milagres de toda espécie. Se fôsse verdade, faria também aqui, em sua terra, alguma coisa. Jesus não passa de um embusteiro, um hábil mistificador... Por que não nos dá uma demonstração de seu poder?

Também Maria era olhada com ironia, e sofria imensamente ao ver crescer ao redor de Jesus aquêlo nocivo clima de incredulidade e desconfiança.

O desafio do sábado

Chegou o sábado. Nazaré em pêso aguardava êsse dia para ouvir Jesus, pois dizia-se que êle participaria da reunião na sinagoga.

Desde madrugada estava o povo reunido diante do templo das reuniões religiosas. Aí lia-se todos os sábados a Bíblia e os mais preparados, os mais velhos, explicavam-na e depois, todos juntos, cantavam salmos e outras preces.

Maria entrou no salão como de costume e tomou lugar na parte reservada às mulheres. Jesus foi convidado a ocupar o assento reservado aos notáveis e depois das preces, o mais ancião rogou-lhe que fizesse êle a leitura da Bíblia.

Jesus recebeu o rôlo para a leitura. Eram as profecias de Isaías. Desenrolou-o com cuidado e leu:

“O Espírito do Senhor está sôbre mim,
porque me conferiu a unção;
a anunciar a boa nova aos pobres me enviou,
a anunciar a libertação aos cativos,
e o dom da vista aos cegos,
a pôr em liberdade os oprimidos,
a promulgar um ano de graça da parte do Senhor”.

Restituiu o pergaminho ao contínuo e sentou-se. Diante dêle estava todo o povo de Nazaré, incrédulo e despeitado contra o nôvo “rabi” que nunca se manifestou no seu meio.

Maria, atenta e silenciosa, fixa seu Jesus, também ela à espera do que êle vai dizer.

O trecho de Isaías era uma visão clara do Messias, uma descrição dos sinais que Deus devia realizar por seu intermédio. Tratava-se de uma página que Jesus não escolhera ao acaso. A um aceno do ancião que o convidava a falar, Jesus explicou, solenemente calmo:

— Cumpriu-se, hoje, em mim, esta profecia!

A Bíblia fala com clareza!

Os notáveis entreolharam-se, admirados com tanta clareza. Como pretendia Jesus declarar realizada em si essa profecia? Tinha sido sempre bom, um valente carpinteiro, mas agora exagerava! Diziam-se coisas extraordinárias a seu respeito, mas êles o conheciam muito bem. Sabiam que não passava de um pobre carpinteiro, filho de Maria, a viúva do artesão José.

Lendo seus pensamentos, Jesus continuou:

— Sei que me censuram porque realizei prodígios e milagres sòmente em outras cidades... Vocês me pedem uma demonstração que

lhes satisfaça a curiosidade, todavia não estão dispostos a crer em minha missão. Seria conveniente que eu começasse a agir em minha terra, pensam vocês; contudo, já decidiram não crer, e sem fé não podem alcançar absolutamente nada.

Jesus calou-se por uns instantes. Ouviam-no todos com a máxima atenção e nesse silêncio podia-se perceber até o zumbido dum mosquito. Jesus continuou:

— De mais a mais, vocês conhecem a Bíblia... Pois bem, na Bíblia está bem claro que jamais um profeta foi bem acolhido em sua terra...

Ante essa declaração, os ouvintes começaram a agitar-se, e um burburinho sacudiu a assembléia.

— Ouçam-me por um momento ainda — disse Jesus, calmo. — Bem sabem que lhes falei a verdade. Lembram-se do profeta Elias? Quando houve aquêles três terríveis anos de sêca, e tudo esturricou por falta de água, havia muitas famílias que definhavam de fome em Israel, e no entanto Deus mandou o profeta multiplicar milagrosamente o alimento de uma mulher pagã, em Sidônia, porque tinha mais fé do que nossos pais israelitas. E no tempo do profeta Eliseu, não havia muitos israelitas atacados de lepra? Todavia, com a ajuda de Deus, êle curou miraculosamente só Naamã, um pagão que vinha da Síria. Meus amigos, Deus não olha a cidadania, não! Deus quer fé!... E a vocês falta essa fé!...

Dos ditos aos fatos

Jesus tinha razão. Os chefes de Nazaré, porém, exasperados com essas palavras tão claras e contundentes em sua veracidade, ergueram-se lívidos de raiva e tomando Jesus, empurraram-no para fora a fim de atirá-lo num precipício. O povo em pêso seguia em tropel, uivando. Os bons não ousavam tomar-lhe abertamente a defesa e dispersaram-se por entre a turba de malvados.

Nessa hora dramática, sòmente Maria, a mãe do “rabi”, ficou na sinagoga de Nazaré. Ela ouviu palavra por palavra o que Jesus disse.

Ouviu com entusiasmo e íntima satisfação: como seu filho falava bem! Essas palavras, essas profecias, foi ela que lhas ensinou quando êle ainda era criança... Por que o povo de Nazaré não queria entender?

Maria estava muito aflita pelo insucesso do Filho, e preocupada com sua sorte. Levantou-se do banco e, pálida, foi à porta.

A multidão estava amontoada no fundo da praça, além do mercado, perto do precipício... A pobre mãe sentiu que as fôrças iam-lhe faltar: teriam precipitado o seu Jesus?... Sòzinha com a própria mágoa, Maria apoiou-se para não cair.

Uma só mão!

Eis, porém, que chega correndo Cléofas, irmão de José, junto com Tiago e, fora de si pela alegria, grita:

— Maria! Jesus está salvo... não puderam fazer-lhe nada... Já o tinham empurrado até à beira do precipício, mas êle parou e ninguém pôde tirá-lo do lugar; voltou-se, ergueu a mão e ficaram todos estonteados. Passando calmamente por entre a turba, êle foi para casa! Ninguém conseguiu fazer-lhe nada; ninguém foi capaz de segurá-lo! Jesus é verdadeiramente o profeta de Deus!...

Maria não queria acreditar em seus ouvidos: a notícia parecia-lhe boa demais. Mas era verdade mesmo: Jesus salvara-se milagrosamente.

Ainda hoje, naquela praçazinha de Nazaré, onde estava a sinagoga, há agora uma igreja: chamam-na “Nossa Senhora do Susto”.

A verdadeira grandeza de uma mãe

Fé entre primos

Após o dramático sábado na sinagoga, Jesus deixou Nazaré e escolheu para sua nova sede Cafarnaum, uma ridente cidadezinha sôbre o lago de Genesaré. Apesar da milagrosa demonstração do poder de Jesus, os corações endurecidos dos nazarenos não se moveram. A maioria conservava-se adversa ao Messias porque, em seu orgulho bairrista, viam na missão universal de Jesus, que pregava em tôdas as cidades dos arredores, como que uma afronta contra Nazaré.

Não faltaram, porém, os bons que acreditaram com plena confiança. Entre êstes estavam os filhos de Cléofas, primos de Jesus, Simão, Tiago e Judas Tadeu, que Jesus integrou no grupo de seus mais íntimos discípulos.

Sem fazer caso do ressentimento e ironia de seus conterrâneos, Maria ficou em Nazaré. A espada de dor continuava a pungir sua alma com uma crueza lancinante. Quase nunca saía de casa. Levava vida recolhida e recatada, pois entendia que seu lugar era ali, na cidade

dêses incrédulos, necessitados do testemunho de seu sofrimento. Por êles sofria de boa vontade, na esperança de que Deus um dia os iluminasse.

Quem pensam que é minha mãe?

Maria deixava Nazaré somente nas festas da Páscoa. Nessas ocasiões costumava unir-se aos peregrinos que demandavam Jerusalém para as cerimônias no Templo. Uma ou outra vez também saía para visitar seu Filho, empenhado na pregação pelas cidades vizinhas.

O Evangelho lembra um fato muito expressivo.

Jesus pregava em Cafarnaum, à beira do Mar da Galiléia. Havia muita gente que queria ouvi-lo e a multidão o apertava de todos os lados. Jesus anunciava o novo reino, aberto a todos os homens de boa vontade, especialmente aos pobres, aos aflitos, aos oprimidos... Suas parábolas eram duma clareza cristalina, simples, oportunas. Camponeses pescadores, mercadores, o povo humilde dos subúrbios, todos pendiam de seus lábios.

De repente, um murmúrio espalhou-se pela multidão:

— Está aí sua mãe!... — segredavam as mulheres, indicando amigavelmente com o olhar Maria, que se tinha aproximado para ver e ouvir o seu Jesus.

— É a mãe dêle: é Maria de Nazaré... Lá está a feliz mãe do profeta... É ela, a viúva de José, o carpinteiro... — A notícia passou num murmúrio de boca em boca, até que alguém, mais próximo de Jesus, ergueu a voz e anunciou:

— Mestre, está aqui sua mãe, com seus parentes. Querem falar-lhe...

Um raio de luz iluminou o olhar de Jesus. Estava feliz de poder ver Maria, mas aproveitou a ocasião para ensinar à turba, algo de muito importante:

— Quem pensam vocês que é minha mãe? — perguntou — E quem pensam que são meus parentes?... Todos aquêles que ouvem mi-

nha palavra, todos aquêles que cumprem fielmente a vontade de Deus, são ilustres e importantes como minha mãe e meus parentes.

Jesus queria dizer que a grandeza do Messias não provém do sangue, da família terrena, porque a verdadeira grandeza consiste em cumprir a vontade de Deus, em qualquer família, em qualquer povo da terra.

Bem-aventurado o seio que te trouxe

Talvez nem todos entenderam, porque uma senhora que estava a certa distância dêle, encantada com seus sábios ensinamentos e com o poder de seus milagres, pôs-se a gritar:

— Bem-aventurado o seio de tua mãe, que te trouxe, benditos os peitos em que mamaste!...

Jesus repetiu também a ela, o mesmo conceito:

— São igualmente bem-aventurados todos aquêles que cumprem a vontade de Deus e vivem retamente.

Não era de modo nenhum uma falta de respeito com sua mãe: Jesus queria dizer que a grandeza pessoal de Maria não estava no fato de ser sua mãe. Maria foi grande sobretudo porque soube corresponder com excelsa santidade à missão a que Deus a tinha chamado.

O mistério da vida oculta

Depois desta única e rápida presença de Maria, ela voltou para o silêncio de Nazaré, enquanto que Jesus continuava a percorrer as estradas poeirentas da Palestina a fim de anunciar a todos o reino de Deus.

Trata-se do "mistério de exclusão" com que Deus quis destacar a

participação de Maria no mistério da redenção. Jesus estava diàriamente na vanguarda, no diálogo com seus pérfidos antagonistas, nos milagres em favor dos humildes, na pregação para todos; Maria ficou mergulhada na oração, no sofrimento íntimo, na solidão, até mesmo na ironia de seus teimosos conterrâneos.

Dois aspectos diferentes de uma única missão salvífica com que “a Mulher” e seu Filho deviam vencer a batalha contra a serpente infernal.



GÉRARD DE SAINT-JEAN

Paris, Museu do Louvre

Ressurreição de Lázaro

Um sepulcro em que ninguém pensava

A sabedoria contra a arrogância

Faltavam poucos dias para a Páscoa do ano 30. Maria subiu c
de costume a Jerusalém. A cidade, já apinhada de peregrinos
tava em fermentação e o nome de Jesus corria de bôca em l

Muitos, principalmente o povo simples e humilde, aclamavam
como Messias. Não era difícil, porém, perceber como os fariseu
classe que governava a Palestina, tinham fechado o coração à p
ção do “rabi de Nazaré”, e alimentavam ameaças furiosas contra

Todos os dias estava Jesus lá no Templo a explicar a Bíblia.
sabedoria iluminada confundia a orgulhosa arrogância dos fariseus e
trava o caminho certo para alcançar o “reino de Deus”, isto é, alca
a salvação.

Maria foi a Betânia e hospedou-se em casa de Lázaro, o ar
que Jesus ressuscitara quatro dias depois que tinha sido sepult
Em breve teve que convencer-se de que, dia a dia, mais se delin

uma nítida divisão dos espíritos, divisão que deveria transformar Jesus no “sinal de contradição”: os bons ouviam-no e aplaudiam-no; os maus tramavam nas sombras sua morte, recusando-se a crer em sua missão divina.

A pecadora melhor que os outros

No sábado que precedia a semana da Páscoa, Jesus foi convidado por um tal Simão, para um almoço. Havia muita gente na sala, vindos para ver Lázaro ressuscitado. Jesus aproveitou a ocasião para transmitir seus ensinamentos.

De repente, a sala foi sacudida por um calafrio: os presentes interrogavam-se com olhares espantados. Tinha entrado na sala uma mulher conhecida na cidade como pecadora pública. Sem importar-se com o murmúrio dos presentes, ela atravessou a sala e foi ajoelhar-se aos pés de Jesus. Aí, tomada de apaixonado arrebatamento, começou a ungir-lhe os pés com precioso perfume, cobrindo-os de beijos e lágrimas, enxugando-os com seus longos e lindos cabelos.

Havia pouco tempo que Jesus tinha convertido a infeliz, livrando-a do demônio. Por isso, comovido com tamanha demonstração de fé e amor, deixava-a agir sem opor-se. Os outros comensais, porém, e mesmo alguns de seus próprios discípulos, murmuravam palavras de desaprovação.

Jesus defendeu-a:

— Não a perturbem. Esta mulher está demonstrando seu amor para comigo e seu arrependimento, porque lhe foram perdoados muitos pecados... Não a perturbem, portanto: neste momento ela acaba de ungir meu corpo para a sepultura!...

Os comensais não entenderam essa conversa, mas quando contaram a Maria o que aconteceu, seu coração de mãe teve um triste presentimento.

Vieram-lhe à mente as profecias de Isaías, de Jeremias, os salmos de Davi, as “Lamentações”, páginas que descreviam com trágica clareza os sofrimentos do Messias, rasgando clarões de sangue em redor de sua figura.

Um só para todos

Em Jerusalém Maria via nos lábios de todos o eco do ódio que os chefes dos sacerdotes e os fariseus tinham jurado contra Jesus que, não se incomodando com suas ameaças, ensinava todos os dias no Templo. O povo simples ouvia-o com admiração, mas para os chefes israelitas cada milagre era uma provocação, cada ensinamento, cada advertência convertia-se em cego ressentimento.

No Sinédrio, a assembléia dos anciãos e dos chefes do povo, assim como Caifás, tinham condenado abertamente Jesus:

— Não estão vendo que todos correm atrás do nôvo “rabi” de Nazaré? Nosso prestígio cai dia a dia. Dentro de algum tempo ninguém mais dará ouvidos à nossa voz... “É bom, por conseguinte, que morra êle, um só homem, pela grandeza de nosso povo”.

Estas mesmas palavras Deus tinha-as inspirado a um profeta antigo sôbre o Messias, e eram narradas na Bíblia.



ATO ANGÉLICO

Florença, *Museu de S. Marcos*

Ingresso triunfal de Jesus em Jerusalém

Começa a grande semana

Domingo

Aplausos por alguém que chora

Na manhã de domingo Jesus deixou Betânia, onde costumava pernoitar, e aproximou-se de Jerusalém. Na cidade santa já se achava reunida a grande massa humana que costumava se aglomerar nas festas de Páscoa. Assim que souberam que ia chegar Jesus, o profeta que curava os enfermos e ressuscitava os mortos, o “rabi” que ensinava o perdão e a bondade, aquêle que com uma só palavra era capaz de serenar o mar tempestuoso e amainar os ventos impetuosos, a multidão esparramou-se pelas estradas. E êle entrou triunfante como um vencedor, levado pelo povo que o aclamava, agitando ramos de palmeiras e de oliveiras e estendendo seus mantos a fim de atapetar-lhe o caminho. Ouviam-se de todos os lados os brados:

— Hosana, viva!... Bendito seja o grande profeta, o filho de Davi! Viva!... Hosana!...

Comovido, Jesus correspondia a todo êsse entusiasmo, mas seu coração chorava amargurado ante a visão da cidade que dentro de dois dias tê-lo-ia traído. Por entre o estrépito festivo do cortejo, Jesus, que conhece o íntimo dos corações, via a grande sala do Sinédrio, onde os sacerdotes judeus naquele preciso momento decretavam sua morté. E enquanto seu rosto se revestia de tristeza, Jesus repetia:

— Jerusalém, Jerusalém, cidade ingrata que mataste tantos profetas..., quantas vêzes Deus procurou reunir teus filhos, como a choca reúne seus pintinhos: tu não quiseste... Por isso, de ti não ficará pedra sôbre pedra que não seja arrasada! Teus inimigos te apertarão com o cêrco, enfraquecerão tua petulante resistência, matarão todos teus filhos e destruir-te-ão até os alicerces... Tudo isso, Jerusalém, porque não quiseste ouvir a voz daqueles que Deus te enviou, porque não reconheceste seu Messias, o Salvador.

* * *

Jesus subiu mais uma vez ao Templo para tentar sacudir o ódio inveterado de seus inimigos. Tudo inútil. Suas palavras não admitiam réplica. Os fariseus, porém, os importantes do Sinédrio, não queriam render-se à evidência.

Maria viu o ingresso triunfante na cidade, assistiu às acaloradas discussões no Templo, e em seu coração orava a fim de que também os maus se convertessem. Via os homens dividirem-se diante de Jesus em dois grupos distintos, como tinha sido anunciado. Os bons aplaudiam-no, mas até quando? Os maus odiavam-no e procuravam-no para matá-lo: conseguiriam, afinal, atrair a si também os bons?...

Quarta-feira

Trégua em Betânia

Na quarta-feira da grande semana Jesus parou em Betânia. Escolheu o silencioso recolhimento da casa do ressuscitado Lázaro, para o último colóquio com Maria, sua mãe.

Oraram juntos por longo tempo. Depois Jesus revelou-lhe que tinha soado a hora da grande prova anunciada pelos profetas na Bíblia. A êle não lhe importava morrer. É para isso que tinha vindo ao mundo. O que lhe magoava profundamente o coração, porém, era pensar que seus inimigos, matando-o, iam manchar-se com horrível culpa, a mais grave da história: a morte do Filho de Deus. E que tantos homens, no curso dos séculos, teriam recusado o benefício de sua morte, preferindo a escravidão do pecado e da serpente infernal.

Também Maria estava bem preparada para a provação. Durante tôda a vida, desde que aceitou ser mãe do Messias, nunca mais teve um momento de plena e completa alegria. As profecias tinham-lhe tornado familiar o pensamento da dor. Ao aceitar a mensagem do anjo, ela sabia que ia tornar-se mãe daquele Messias do qual os profetas já anunciavam as terríveis torturas e a morte desonrosa.

Ela, porém, tinha aceitado generosa e herôicamente ser a mãe do célebre condenado; e por tôda a parte e a cada instante, o espectro da morte do Filho vinha perseguindo-a.

A última bênção

Antes de se afastar duma vez para sempre, Jesus pediu-lhe a última bênção. Maria apertou-o afetuosamente ao coração, beijando-o repetidas vêzes com efusão, enquanto os soluços sufocados lhe interceptavam a respiração. Entre lágrimas, disse:

— Meu filho, foi para isto que o Pai celeste confiou você aos meus cuidados de mãe. Eu novamente restituo você a êle, a fim de

que se realize a obra de salvação. Aceitando a suprema honra de ser sua mãe, eu sabia que minha tarefa era preparar a Vítima inocente do grande sacrifício de reconciliação de Deus com o nosso pobre mundo. Essa Vítima é você, meu Jesus, e agora você deve ser imolado pela salvação do mundo. Neste mundo todos devem sofrer: nós devemos sofrer mais que todos; você, Jesus, deverá sofrer mais que todos... Cumpra-se a vontade de Deus.

— Mamãe, — acrescentou Jesus. — Mamãe, rezemos ao Pai para que perdoe a todos aquêles que me odeiam; para que perdoe àqueles que vão condenar-me, àqueles que vão matar-me... Não sabem o que fazem! Não compreendem... estão obcecados pelo ódio... Que o Pai os perdoe...

— Meu Deus! — suspirou Maria. — Que responsabilidade horrrosa a dêles: vão matar o Filho de Deus!

— Sim, mamãe. Igual responsabilidade, porém, recai sôbre aquêles que ofenderam a justiça divina no passado, no presente e por todos os séculos futuros. Eu morro por todos, para reparar os pecados de todos os homens, de todos os tempos. Mas, o que acontecerá aos infelizes que não quiserem arrepender-se dos próprios pecados? Que sorte terrível aguardará àqueles que, desprezando meus sofrimentos, continuarem a ofender o Pai celeste e a desafiar sua justiça!...

— Seu sofrimento, Jesus, possa resgatar todos os pecadores da condenação eterna!

Quinta-feira

O banquete do nôvo Cordeiro

No dia seguinte bem cedo, Jesus entrou em Jerusalém. É a quinta-feira mais importante que a história registra. Na tarde dêsse dia costumavam os judeus imolar o cordeiro pascal. Era uma cerimônia com que o povo recordava a milagrosa libertação da escravidão do Egito. Esse rito tão significativo, realizava-se em trajes de viagem, de bordão na mão, para lembrar a ceia realizada na noite que precedeu a saída do Egito. Nessa noite Moisés tinha comunicado ao povo o mandado

de Deus: matar, sem quebrar-lhe os ossos, um cordeiro sem defeito, de um ano e com seu sangue marcar os umbrais e batentes das portas. Porque durante a noite passaria o anjo de Deus a fim de matar os filhos primogênitos dos egípcios, que se tinham recusado obedecer a Deus. O sangue do cordeiro era o sinal de salvação. E o anjo passou, sem ferir os filhos dos israelitas. Logo depois o povo escolhido, em liberdade, pôde pôr-se a caminho em busca da terra da promessa.

Nessa quinta-feira Jesus quis renovar o antigo rito. Não, porém, com o sangue de um cordeiro, mas com o próprio sangue. É por isso que João Batista o tinha apontado como “o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”.

O milagre do amor

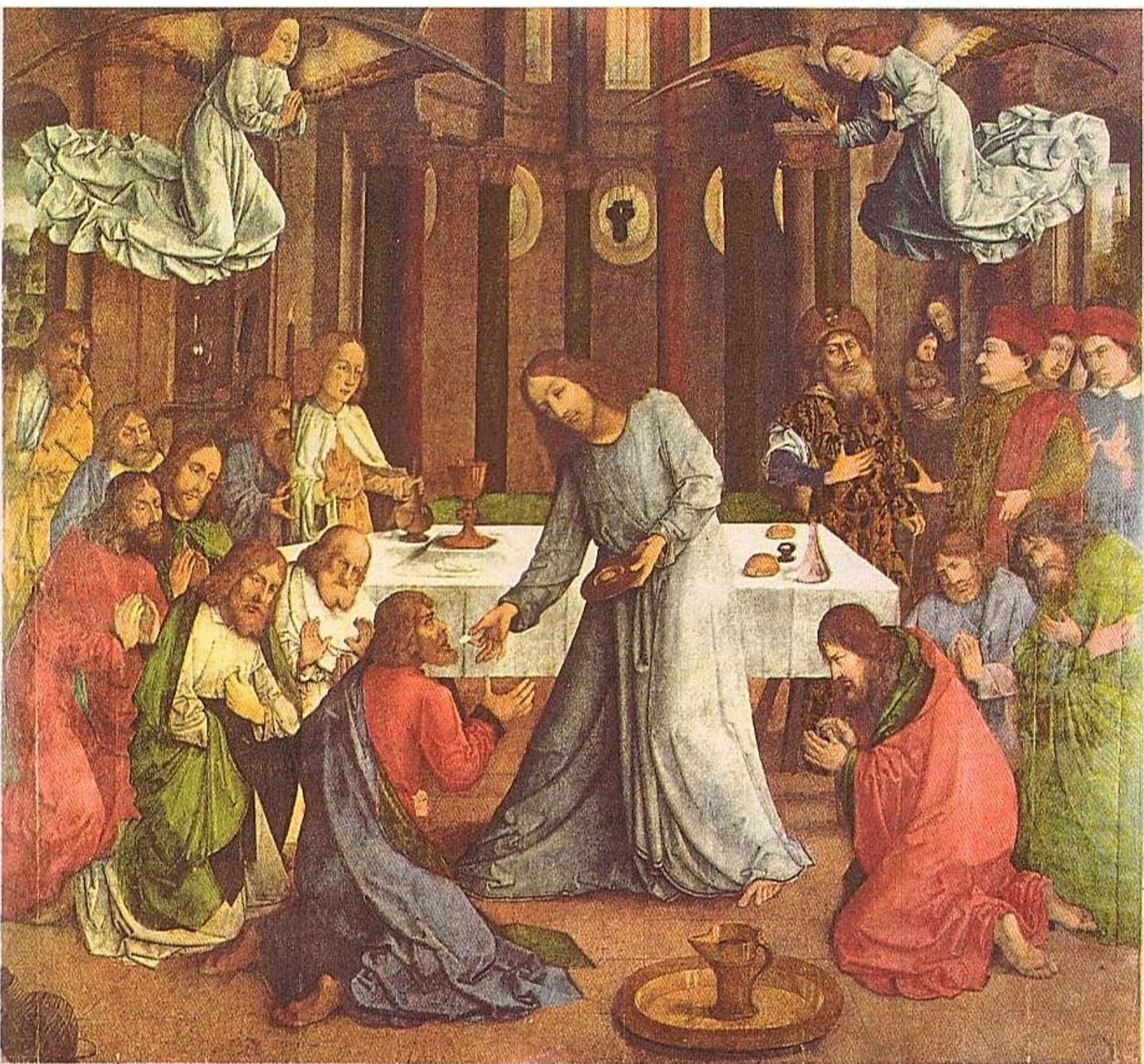
Jesus mandou dois discípulos preparar a sala para a ceia ritual. Ao entardecer pôs-se à mesa com os “doze”, os discípulos mais fiéis, chamados “apóstolos”, isto é, “enviados”, porque Jesus tinha-os enviado a pregar a sua doutrina. Estava presente também Maria, junto com outras mulheres que sempre acompanhavam Jesus em suas viagens apostólicas e que talvez tivessem preparado também a ceia.

Nessa memorável tarde Jesus instituiu o novo sacrifício, que devia substituir os sacrifícios do Templo, prescritos como sinal da velha aliança e nos quais era oferecido o sangue de animais. Ele, o homem-Deus, supremo intermediário entre o mundo e Deus, firmava agora uma nova e perene aliança com o Pai do céu, oferecendo o próprio sangue. Jesus era ao mesmo tempo sacerdote e vítima, porque se imolava a si próprio ao Pai para reconhecer-lhe a grandeza e supremacia sobre as criaturas todas.

Para dar exemplo de humildade, terminada a ceia, Jesus lavou os pés de seus discípulos. Em seguida, tomou o pão e depois de oferecê-lo a Deus, partiu-o e distribuiu aos presentes, com estas palavras:

— Tomai e comei todos: êste é meu Corpo, que será sacrificado por vós.

Depois tomou o cálice cheio de vinho, proferiu a bênção e apresentou-o, dizendo:



JUSTO DE GAND — JOOS VAN WASSENHOVE

Urbino, *Museu*

Última ceia e instituição da Eucaristia

— Bebei todos, porque êste é o cálice do meu sangue, que será derramado por vós e por todos os homens, como sinal da nova aliança de Deus, aliança definitiva e eterna, verdadeiro mistério de fé. Também vós, de ora em diante, repetireis êste sacrifício em minha memória.

Era a primeira celebração eucarística da história. Jesus tinha transformado o pão em seu Corpo e o vinho em seu Sangue. E deu aos apóstolos e através dêles a todos seus sucessores pelos séculos afora, o poder de repetir aquela milagrosa transformação.

Nessa primeira “quinta-feira santa”, enquanto seus inimigos travavam a traição e morte para afastá-lo do mundo, Jesus encontrava um meio misterioso e inconcebível para permanecer entre os homens: instituiu a Eucaristia, isto é, o milagre pelo qual o pão e o vinho são transformados no seu verdadeiro Corpo e Sangue, a missa, o sacrifício da nova aliança, no qual se renova através dos tempos a imolação de Jesus, Cordeiro místico, e o sacerdócio, isto é, o poder de consagrar o Corpo e o Sangue de Jesus.

Nasceu a nova aliança

Dessa forma, o rito do cordeiro pascal ficava definitivamente superado. A velha aliança feita por Deus com Abraão, com Isaac, com Jacó, com Moisés... ficava arquivada por inútil, porque era apenas figura e preparação da nova e eterna aliança que Deus tinha prometido desde os primórdios da humanidade, na pessoa do Messias.

O próprio Jesus quis dar à sua mãe um pedaço daquele pão transformado no seu corpo: a Virgem era a pessoa mais digna de recebê-lo.

Noite alta, Maria saiu com as outras mulheres da sala da ceia, e desceu para a casa vizinha, posta à sua disposição por Zebedeu, o pescador de Betsaida e pai dos apóstolos Tiago e João.

Pouco antes Judas, um dos “doze”, tinha fugido, enterrando-se na escuridão da noite, maquinando horríveis propósitos.

Jesus ficou no cenáculo com os onze apóstolos fiéis: tinha tantas coisas para lhes dizer...

Sexta-feira, o dia mais longo da história

Um dos doze

Enquanto nas famílias de Jerusalém ainda se prolongava o banquete do cordeiro pascal, Jesus — o Cordeiro da nova páscoa, — dirigia-se com seus apóstolos a um parque chamado Getsêmani. Tinha-lhes falado longamente, legando-lhes os últimos ensinamentos como se fôsse um testamento, chamando-os de amigos e manifestando-lhes tôda a afeição que lhes dedicava...

Assim que chegaram ao Hôrto das Oliveiras, depois de passar o vale e o regato do Cédron, todos caíam de sono. Jesus, ao invés, entregou-se a profunda oração. Notando próxima a hora da paixão, sentiu-se possuído por angústia terrível, pior que a própria morte: o coração martelava-lhe no peito, intumescendo-lhe as veias até produzir um doloroso suor de sangue.

Essa noite devia ficar tristemente famosa através dos séculos, como a noite da traição.

Judas, um dos doze escolhidos por Jesus como apóstolos, entrou no hórto à frente de uma turba de esbirros enviados pelos sumos sacerdotes e pelo Sinédrio, e... com um beijo traiu seu Mestre.

Sou eu!

Os fariseus e os chefes do povo resolveram agir nas trevas da noite, a fim de evitar um levante da multidão, que tinha Jesus em alta estima como profeta: para que os soldados pudessem reconhecê-lo na escuridão da noite, Judas guiou-os à fôska e sinistra luz de uma tocha.

Jesus manifestou seu poder divino com uma única frase:

— Procuram Jesus?... Sou eu!...

Àquela voz todos retrocederam e caíram atordoados. Era um aviso inútil, porém: êsses corações endurecidos só queriam a violência, que estavam acostumados. Amarraram Jesus, arrastando-o como malfeitor e, em triste cortejo, encaminharam-se para a cidade.

Queremos Barrabás!

Começava a paixão, o testemunho do sangue.

O Sinédrio reuniu-se em sessão plena e Jesus foi arrastado diante dele, interrogado, desprezado, batido e, depois de um indigno desfile de falsas testemunhas, foi declarado réu de morte como blasfemador de Deus, êle, o Filho do Pai dos céus.

Sòmente o representante de Roma, porém, podia lavrar sentença de morte. Jesus foi conduzido ante o tribunal de Pôncio Pilatos, que era o governador romano. Pilatos logo compreendeu que as acusações de



CIMABUE

Assis, Igreja superior de S. Francisco

O beijo de Judas

sacerdotes e dos fariseus eram falsas, por isso procurou de todos os modos livrá-lo.

Entrementes a multidão, essa mesma multidão que tinha aclamado Jesus triunfante na sua entrada em Jerusalém, instigada pelos fariseus e pelos chefes do Sinédrio, pedia a morte de Jesus, bradando:

— Crucifica-o!... Crucifica-o!... Sòmente o César é nosso rei! não queremos que Jesus reine sôbre nós!... Condena-o!... Seja crucificado!... Preferimos que seja pôsto em liberdade o assassino Barrabás!...

Fugiram todos

Onde estavam aquêles que Jesus tantas vêzes beneficiara, os bons? Onde estavam os enfermos milagrosamente curados? Onde estavam os endemoninhados libertados? Os leprosos limpos?...

Jesus ficou só, à mercê de uma turba furiosa, sedenta de ódio e de sangue...

Até os apóstolos tinham fugido e se tinham dispersado. Na madrugada daquela terrível sexta-feira santa, Pedro e João correram a levar a Maria a terrificante notícia:

— Jesus foi prêso e arrastado ante o Sinédrio, julgado e condenado à morte como blasfemo...

Maria recebeu a notícia trespasada de dor, mas sem demonstrar espanto. Com as lágrimas a deslizar pelas faces, disse simplesmente:

— Jesus já me tinha falado disso... Mas vocês, seus apóstolos, como se salvaram? Bateram em vocês?... E os outros, onde estão?

Pedro, então, aproximou-se de Maria e, sem coragem de erguer para ela seu olhar, começou a contar-lhe, embaraçado por não encontrar palavras apropriadas:

— Fugimos!... Fugimos todos!... Estávamos no hórto com êle e tivemos mêdo. Apanharam-nos de surprêsa. Não sei como, mas também eu fugi. Depois procurei aproximar-me, para ver como as coisas iam acabar no Sinédrio... — Pedro calou-se, envergonhado de si mesmo. João procurou animá-lo:

— Eu também estava lá, mas, o que podíamos fazer?

— Eu, porém, ultrapassei os limites: eu o reneguei... eu o reneguei, você entende?!

Pedro deu alguns passos, como que para descarregar a emoção e o tormento que o torturavam. Depois continuou:

— Maria! Eu o reneguei... eu disse que nem sequer o conhecia! E por três vezes, e a quem? a uma simples e inofensiva criada que me tinha reconhecido... Haverá ainda perdão para mim?... Sou pior que Judas: eu o traí três vezes!

— Pedro, Jesus já tinha avisado você disso!... Ele já sabia; e está disposto a perdoar, se você lhe demonstrar seu amor e sua fé. Não desespere!...

Pouco depois, Maria, acompanhada por Pedro, João e pelas outras piedosas mulheres, procuravam aproximar-se de Jesus.

O sol tinha apenas saído, mas em Jerusalém a trágica sexta-feira tinha começado muitas horas antes: com a paixão de Jesus vivia-se, realmente, o dia mais longo da história.

Uma "lição" injusta

Não foi difícil para Maria descobrir onde estava Jesus: seguiu o movimento da multidão, que se encaminhava barulhenta e agitada em direção ao pretório de Pilatos. Lá, no tampo da escadaria que dominava a praça, estava Jesus sendo acusado diante do procônsul romano. Os fariseus e os chefes dos sacerdotes não tinham ingressado no tribunal. Receavam "contaminar-se", entrando nas casas dos romanos, que eram pagãos. Sua altivez, por fazer parte do povo escolhido, levava-os a êsses exageros, enquanto que não se apercebiam de faltas bem mais graves: as acusações contra Jesus e o ódio mortal que nutriam contra êle.

Maria viu Jesus escarnecido, acusado; viu-o cheio de dignidade no seu procedimento e cheio de mansidão como o havia descrito a Bíblia: "manso e calado como um cordeiro levado ao matadouro".

Depois do dramático diálogo de Pilatos, durante o qual fariseus e

sacerdotes instigaram o povo a pedir de preferência a soltura do repugnante assassino Barrabás, Maria ouviu a voz do procônsul romano pronunciar medonha sentença:

— Eu não encontro em Jesus nenhuma culpa que lhe mereça a morte. Talvez tenha agitado um tanto a cidade com sua pregação, mas nem por isso deve ser condenado à morte. Mandá-lo-ei flagelar, e isso lhe servirá de lição; depois o soltarei.

Dessa maneira pensava Pilatos aplacar o ódio dos inimigos do Mestre de Nazaré. Maria, ao invés, viu a profunda injustiça dessa sentença sumária, com a qual era condenado aquêle que era declarado inocente. Seu coração refervia no peito, ao pensar no horrível suplício da flagelação.

Jesus foi amarrado a uma coluna e a seu redor assanhou-se a pior canalha de Jerusalém, a sôlido dos fariseus. Os flagelos de couro com ganchos e bolinhas de chumbo começaram a sibilar como um sinistro prenúncio de morte.

A lei mandava que o castigo não passasse de 40 golpes a fim de não matar o sentenciado, mas com freqüência os 39 golpes eram mais que suficientes para matar um homem. Para Jesus não houve lei. Sôbre êle a crueldade não teve limites, também porque sua resignação, seu silêncio heróico, era tomado como sinal de resistência que despeitava os algozes, enquanto a turba bramia com ódio sádico.

Maria sentiu um por um êsses golpes, que ao mesmo tempo que rasgavam as carnes do Filho, atingiam seu coração de mãe. Heróica em sua dor, ela resistiu à terrível cena e não quis afastar-se a fim de poder sofrer com Jesus.

Condenado

Jesus foi em seguida reconduzido a Pilatos. Êste ficou estarrecido àquela visão lastimável. Pensou que o povo se comovesse e apresentou Jesus do cimo da escadaria:

— Eis o homem!... Olhem a que estado foi reduzido! Recebeu uma lição bem dura. Agora chega!

A multidão agitou-se como um mar ameaçador. Sangue pede sangue; ódio gera ódio. Ninguém naquela turba se comoveu. E mais forte que antes, ecoou um brado:

— Preferimos que soltes Barrabás! Jesus seja crucificado! À cruz!... À cruz!...

Petrificada pela dor e sustentada por João, Maria viu Pilatos lavar simbòlicamente as mãos, como que para inocentar-se daquela morte que êle não aprovava, mas que permitia por fraqueza e vilania. Em seguida Jesus foi abandonado à mercê de seus inimigos.

O heroísmo de duas palavras

Coroado de espinhos, carregando fadigosamente a pesada cruz às costas, Jesus encaminhou-se para uma pequena colina fora da cidade, chamada "Calvário", isto é, lugar do crânio. Aí executar-se-ia o infame suplício.

Maria correu para a esquina da "via dolorosa", para onde se encaminhava o triste cortejo. Quando Jesus passou perto, com uma fôrça sôbre-humana ela se infiltrou por entre os soldados de escolta e se aproximou do Filho, que estava irreconhecível por causa das torturas. Os soldados não tiveram coragem de impedi-la. A multidão, maravilhada com tamanha coragem de uma mãe, calou-se por um momento.

Jesus olhou sua mãe.

Que poema de amor naquele olhar! Não houve palavras, porque qualquer palavra estragaria o encontro de dois corações por demais provados pelo sofrimento, mais acesos ainda, porém, de amor para com os homens que se mostravam tão ingratos e hostis.

— Coragem, Jesus! — segredou heròicamente Maria, quando o divino sentenciado retomou o caminho da morte. Jesus agradeceu com um olhar que traduzia ao mesmo tempo sofrimento e amor infinito.

Uns instantes depois Maria viu-se novamente empurrada por entre a multidão ululante.

Era quase meio-dia.

O preço do resgate

Três cruzes

No “lugar do crânio” foram erguidas três cruzes. No meio Jesus e, um em cada lado, dois ladrões condenados pelos seus crimes. Ao redor, muita gente, soldados, fariseus, peregrinos, mulheres compadecidas com o espetáculo desumano, desocupados...

Jesus é pregado à cruz: seu sangue de “nôvo Cordeiro pascal” jorra das feridas abertas pelos pregos fincados em suas carnes virginais. Debaixo da cruz seus piores inimigos insultam-no, antegozando a vitória sôbre o “rabi” de Nazaré que muitas vêzes tinha-os humilhado e feito calar com o vigor de suas palavras cheias de verdade.

— Se és verdadeiramente o Filho de Deus, como dizias no Templo, desce da cruz: assim também nós acreditaremos em ti!...

— Veja só! Salvou os outros, chegou até a ressuscitar mortos e não pode livrar-se a si próprio!...

Com essas palavras ofensivas, seus inimigos procuravam sublinhar o próprio triunfo aos olhos da plebe e nem desconfiavam que Jesus preparava uma vitória bem maior!

O céu reveste-se de luto

De repente, os insultos debaixo da cruz de Jesus cessaram. O sol escureceu, o dia mergulhou nas trevas, e todos ficaram apavorados. A turba começou a se afastar em silêncio. Um depois do outro, também os facínoras inimigos calaram e, cheios de terror, afastaram-se daquele lugar de morte. Infelizes! As trevas mais espessas eram as que tinham no coração, e dessas não podiam fugir...

No Calvário ficaram apenas alguns soldados e uns poucos amigos de Jesus.

Então a pobre mãe, acompanhada pelo apóstolo João e por Madalena, a pecadora convertida, aproximou-se da cruz para consolar e assistir até ao fim o Filho imolado pela salvação do mundo.

O testamento de Jesus

Jesus viu Maria e embora entre os tormentos da interminável agonia, quis demonstrar seu amor de Filho:

— Mulher, — disse-lhe, indicando com o olhar João, — de agora em diante este será teu filho!

Depois, dirigindo-se a João, continuou:

— Eis tua mãe!

Era o último testamento de Jesus: nesse instante supremo Jesus deixava ao apóstolo preferido o mais querido tesouro de seu coração: Maria. A Maria confiava um tesouro igualmente querido e precioso: o apóstolo que representava a Igreja tóda.

Um pouco além, os soldados que tinham comandado a crucificação dividiam entre si as vestes de Jesus. À desolada mãe não devia sobrar nem um pedaço daquelas vestes manchadas com o preciosíssimo sangue do Filho de Deus. Jesus morria na mais absoluta pobreza, como

tinha nascido na noite santa em Belém: não lhe sobrava nem uma veste.

Assim que tiveram nas mãos a túnica ensangüentada, os soldados notaram que a longa veste era tecida sem costuras, numa única peça. Para não rasgá-la, resolveram tirar a sorte com os dados, e assim ver a quem iria pertencer.

Aquêles belo traje que Maria tinha tecido com as próprias mãos e que Jesus usara tanto tempo, serviu para realizar mais uma profecia que Deus tinha mandado escrever na Bíblia, num salmo que reza: "Dividiram entre si minhas vestes, mas sôbre minha túnica lançaram às sortes".

A hora nona

Entrementes, no patíbulo mais infame reservado aos escravos e aos piores criminosos, Jesus — o nôvo Adão — se imolava a fim de reparar o primeiro pecado. A árvore do pecado, no centro do paraíso terreal, agora é substituída pela árvore da salvação, o lenho da cruz.

Imóvel na sua dor, aos pés da cruz, Maria sofre, reza, renova o oferecimento de Jesus e de si própria ao Pai do Céu pela salvação do mundo.

De repente, Jesus exclama:

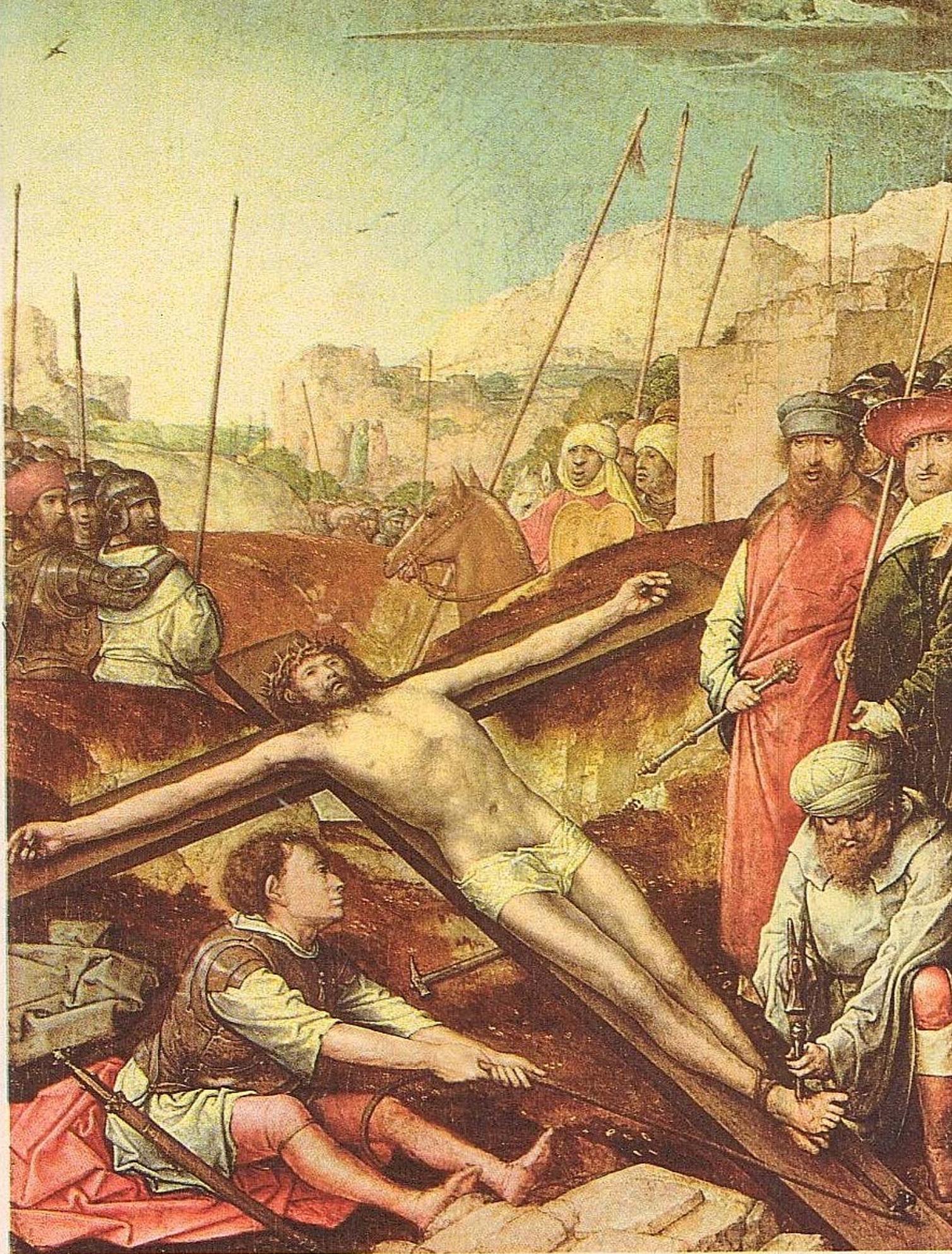
— Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!

Em seguida, acabado pelo ardor do suplício desumano, já esvaído em sangue, Jesus acrescentou:

— Tenho sêde!

Um soldado com uma cana, apresentou-lhe uma esponja embebida em vinagre. Mas a sêde de Jesus era sêde de afeto, sêde de amor, sêde de almas. O vinagre queimou-lhe os lábios ressequidos pela febre da agonia. Cumpria-se, assim, outra profecia que diz: "Em minha sêde deram-me só vinagre".

Era a hora de noa (perto das 15 hs.) quando Jesus, alquebrado pela interminável agonia, soltou um brado:



JUAN DE FLANDRES

Viena, *Kunsthistorisches Museum*

A crucificação

— Pai, em tuas mãos entrego meu espírito!...

Depois, inclinou pesadamente a cabeça sôbre o peito, e expirou.

A terra sentiu a gravidade do momento em que morria o Filho de Deus e um terremoto sacudiu Jerusalém. Muitos sepulcros abriram-se e até alguns mortos ressuscitaram e apareceram para encher de pesadelo a medonha escuridão. Naquele cenário aterrador, a multidão que tinha presenciado a crucificação, já amedrontada com a imprevista escuridão, precipitou-se para a cidade, enquanto a maioria batia no peito pedindo perdão.

— Êste homem era verdadeiramente o Filho de Deus!

Assim como uma estrêla tinha anunciado o nascimento de Jesus e guiado os magos a Belém, agora que êle morria, o sol, a terra e o firmamento anunciavam com seus prodígios a divindade do Messias crucificado.

No meio de tôda essa espantosa convulsão, imóvel em sua dor, Maria com João e os outros amigos de Jesus, ficou perto da cruz. Pelas profecias sabia que Jesus devia morrer a fim de vencer o demônio, e quando viu que êle expirava, manteve-se numa calma sôbre-humana, sem os excessos de desespero e desolação.

O seu querido Jesus tinha terminado de sofrer, e com os olhos da fé Maria contemplava-o agora glorioso, no trono de sua glória à direita de Deus.

Até a última gôta

Os sofrimentos de Maria não tinham ainda terminado.

Quando a calma voltou após o terremoto, pelo pôr do sol, chegaram alguns soldados com ordens para dar aos sentenciados o golpe de misericórdia e sepultá-los, porque com o pôr do sol começava a grande festa do sábadô de Páscoa.

Os dois ladrões foram mortos com uma barra de ferro. Maria estremeceu, ao pensar que Jesus tivesse a mesma sorte. Os soldados, porém, quando viram que êle já estava morto, respeitaram-lhe o corpo,

cumprindo-se assim a profecia que diz: "Não lhe quebraram nem um só osso".

Um soldado, para certificar-se da morte de Jesus, transpassou-lhe o coração com uma lança. Da chaga saíram algumas gôtas de sangue e um filete de água: não sobrou nem uma gôta do preciosíssimo sangue de Jesus. Tinha-se completado a imolação pela salvação do mundo!

Maria procurou, então, ter o corpo do Filho a fim de sepultá-lo. Um homem rico e nobre da Arimatéia, chamado José, juntamente com Nicodemos que tinha sido amigo de Jesus, procuraram ajudá-la e se apresentaram a Pilatos para fazer o pedido. Pilatos consultou o centurião e, informado por êste de que Jesus já tinha morrido, permitiu que o corpo fôsse entregue aos cuidados dos parentes e amigos.

A Virgem das Dores

Despregado da cruz, Jesus morto foi acolhido pelos braços de Maria. Com cuidados maternos ela, auxiliada pelas piedosas mulheres, lavou-lhe as chagas, beijou-lhe o rosto manchado de sangue e retirou-lhe da cabeça com delicadeza a cruel coroa de espinhos.

A Igreja atribui a Maria uma profecia que diz: "Oh! vós todos que passais pelo caminho, parai e contemplai se há dor semelhante à minha grande dor".

O corpo de Jesus foi lavado e ungido com bálsamos e aromas preciosos, conforme era costume entre os moradores da Palestina. Em seguida foi envolvido num lençol (a sagrada "síndone") e com faixas de cândido linho. Entardecia, e não havia tempo a perder. Maria beijou pela última vez aquêlê corpo que ela própria tinha preparado para o sacrifício, e enquanto terminava de envolvê-lo em faixas com ternos cuidados, quase receosa de ampliar-lhe as chagas, talvez pensasse na longínqua noite em que lá, na gruta de Belém, tinha enfaixado pela primeira vez aquêlê encantador recém-nascido.



GERARDO DE S. JOÃO

Viena, *Kunsthistorisches Museum*

Pranto em tórno do corpo de Jesus

Um sepulcro nôvo

Acompanhado por um pequeno cortejo, o corpo de Jesus foi levado para um gruta aberta na rocha e que devia servir de sepulcro para a família de José de Arimatéia. Nesse momento as trombetas anunciavam o comêço do solene descanso sabático da Páscoa.

À luz de uma tocha, Jesus morto foi estendido sôbre a pedra colocada no centro da pequena câmara mortuária. Em seguida, foi rolada uma grande pedra para fechar a entrada da gruta.

Ao redor de Jesus não foram ouvidos os lúgubres cantos e as tristes nêrias que os israelitas costumavam cantar sôbre seus mortos. Maria não quis que fôsse quebrado aquêle silêncio sagrado, onde falavam os corações. Ela própria, com fôrça sôbre-humana, encorajava os demais, enquanto se afastavam do lugar da sepultura para voltar à cidade.

— Jesus está morto, mas vive em Deus. Tudo o que aconteceu nesse dia estava escrito na Bíblia sôbre o Messias e devia verificar-se literalmente. Jesus, porém, prometeu ressuscitar. Agora terminou de sofrer. Nós choramos sua partida, mas em breve êle estará novamente entre nós para nunca mais morrer.

As lágrimas de Pedro

Perto das portas da cidade encontraram Pedro, o apóstolo a quem Jesus tinha prometido as chaves do seu reino, isto é, a chefia da Igreja. Tinha acompanhado o cortejo da crucificação e estêve por perto da cruz, mas ficou isolado a fim de chorar arrependido a tríplice negação daquela terrível noite. Seu olhar tinha-se encontrado com o doce olhar de Jesus que era conduzido à morte. E êle entendeu que o olhar do mestre não era uma censura mas sômente um amargo apêlo.

Reconhecido no meio da plebe dos inimigos que vociferavam e desprezado como amigo do sentenciado, êle não tinha fugido. Com

seu dorido silêncio e com amargas lágrimas, quis testemunhar ao Mestre divino sua fé.

Após o sepultamento de Jesus, Pedro juntou-se a Maria, a João e aos demais que em triste cortejo, voltavam para a cidade, já mergulhada na escuridão.

Jerusalém tinha caído numa espécie de torpor, coberta de silêncio e de medo, devido aos estranhos fenômenos que haviam acompanhado a morte de Jesus. Trancado em casa, o pessoal falava em voz baixa como se temesse a tocaia de inimigos invisíveis. Todos, na cidade, percebiam que o verdadeiro vencedor era êle, o sentenciado, o "rabi" poderoso que com sua morte tinha sacudido a terra e escurecido o sol. Todos sentiam no íntimo a sensação inexplicável de que, embora com o coração rasgado pela lança, Jesus estava mais vivo do que nunca.

* * *

O tristonho grupo de amigos do crucificado passou apressadamente pelas ruas desertas e alcançou a sala da ceia, perto da casa de Zebedeu. O cenáculo estava ainda preparado: tudo tinha ficado como estava na noite precedente, quando Jesus tinha saído para ir ao Hôrto das Oliveiras.

Tinha passado apenas um dia: mas, como parecia fazer tanto tempo!... Os trágicos acontecimentos daquela interminável sexta-feira santa tinham mudado o curso do mundo. Com a morte redentora de Jesus, tinha começado a nova era, a era da salvação, na qual todos os homens podem tornar-se filhos de Deus.

Sábado, o dia de Maria

Luto e esperança

Ao raiar da manhã de sábado, o grande dia da Páscoa, Jerusalém não sentiu jeito de festejar. Nunca houve Páscoa mais triste. Jerusalém estava enlutada. Os ânimos ainda andavam agitados e os moradores preferiram ficar trancados em casa.

Sòmente os chefes do Sinédrio e os fariseus, insensíveis até às prodigiosas advertências da natureza, quiseram dar uma última prova de seu entranhado ódio contra Jesus. Apresentaram-se a Pilatos e disseram-lhe:

— Lembramo-nos de que aquêlê impostor, quando ainda vivia, disse mais vêzes que teria ressuscitado três dias depois de morto.

Num forçado tom sarcástico que não conseguia esconder a embaraçosa preocupação que a todos invadia, continuou outro:

— Sabemos que é uma patranha certa e sem fundamento, todavia seria bom que mandasse soldados guardar o sepulcro durante três



RAFAEL SANZIO

Roma, *Galeria Borghese*

Jesus levado ao sepulcro

dias, para impedir que roubem o corpo e depois digam que o morto ressuscitou.

O procônsul romano, já bastante desgostoso com o pérfido comportamento d'esses hipócritas que o haviam constrangido a condenar Jesus, respondeu-lhes aborrecido:

— Vocês não têm esbirros às suas ordens? Pois bem, façam o que bem entenderem, mas desapareçam da minha frente! Eu já ando cheio com esta história!

Os odientos deicidas puseram, então, alguns guardas fiéis para vigiar o sepulcro de Jesus, a fim de que ninguém, nem mesmo sua Mãe, pudesse aproximar-se.

Era evidente que, mesmo no sepulcro, Jesus lhes causava medo!

* * *

Naquele triste sábado de espera, Maria ficou em companhia das mulheres fiéis e dos poucos amigos de Jesus, na casa onde se tinha hospedado.

Às escondidas, um depois do outro, tristes e amedrontados, foram chegando também os outros apóstolos, todos igualmente envergonhados por terem fugido e abandonado Jesus nas mãos dos inimigos.

A Virgem Mãe, calma em sua dor, vivia com o coração unido a Jesus morto, que jazia na fria pedra da gruta sepulcral. Sua fé ditava-lhe confiante esperança na ressurreição que não podia tardar.

Nem a incerteza e decepção dos amigos, nem o terror e a confusão dos inimigos, conseguiram abalar a fé que só Maria conservava firme naquele desolado sábado de Páscoa. Por isso, os cristãos consagraram de modo especial à Virgem o sábado, porque naquelas horas de tristeza ela, que tinha acompanhado tôda a paixão ficando inacessível a qualquer dúvida sobre a divindade de seu Filho, já vislumbra-va no hórto do Gólgota um sepulcro vazio e iluminado.

Para Maria aquêlê sábado enlutado não foi dia de lágrimas por causa da sexta-feira que o precedeu, mas dia de ardente desejo e expectativa do domingo da ressurreição.

O domingo da nova Páscoa

Em primeiro lugar sua Mãe

Ainda não tinha clareado o dia de domingo. Maria foi despertada por um leve ruído. No quarto estava só ela. Mas, tinha a sensação de que alguém passara a seu lado. Levantou-se, arranjou as vestes, depois passou a mão para ajeitar os longos cabelos que lhe desciam sobre os ombros. Seu coração acalentava uma grande prece. O sofrimento da sexta-feira santa parecia-lhe tão distante...

De repente, viu Jesus, ressuscitado, belo, divinamente resplandesciente. Suas chagas tinham-se transformado em luminosa glória. Os sinais do martírio apareciam qual precioso diadema.

Jesus tinha ressuscitado para não mais morrer. Tinha vencido a batalha travada com o demônio, com o mal, com a morte. Tinha quebrado o domínio da serpente infernal, destruindo o decreto de morte, fruto do primeiro pecado. Nôvo Adão, Jesus ressuscitado era o primeiro dos Filhos de Deus, sinal da nova aliança, firmada no Calvário com o sêlo de seu sangue. Também para Maria, a nova Eva, mãe do

primeiro ressuscitado e de todos os irmãos dêle até o fim dos séculos, não restava senão a felicidade do triunfo.

Jesus enlaçou sua mãe num comovido abraço. Quantas coisas tinham para se dizer... Mas, não falaram com palavras: foi acima de tudo um colóquio de corações. À dor da paixão, à ansiedade confiante da expectativa, substituíam afinal a mais íntima alegria.

Quando Jesus desapareceu à vista de Maria, no cenáculo contíguo todos os amigos fiéis estavam de sobressalto.

Ao alvorecer do dia, Maria Madalena, a pecadora convertida, correu ao sepulcro, mas encontrou-o vazio. Assustada tinha voltado para a cidade a fim de dar o alarme.

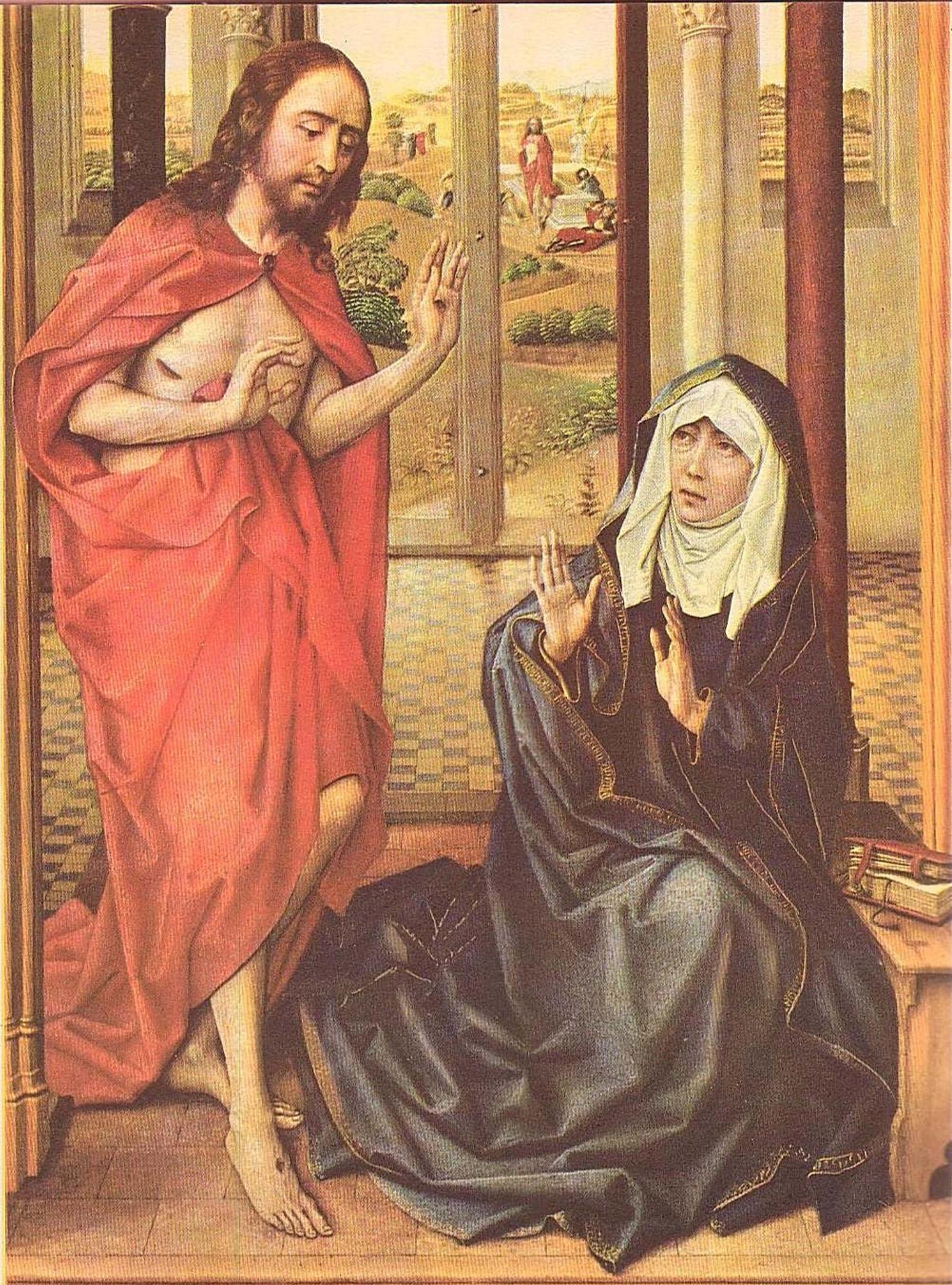
Os guardas não puderam agarrá-lo

Não era, porém, a primeira a chegar. Os guardas já estavam lá, resfolegando e ansiosos para dizer aos sonolentos homens do Sinédrio, aos fariseus, aos chefes do povo, que Jesus tinha ressuscitado, sacudindo com seu poder divino as bases da colina onde se encontrava o sepulcro.

A inesperada notícia provocou nos inimigos de Jesus uma reunião de emergência. Chamaram depois os guardas e pagaram-nos règeiramente, dizendo-lhes:

— Tomem êste dinheiro, mas ai de vocês, se disserem que Jesus ressuscitou. Digam, ao invés, que enquanto vocês dormiam, vieram seus discípulos e roubaram o corpo... Procurem outras desculpas, mas a ninguém digam o que sabem. Diversamente, que papelão não faremos nós!?...

Essa resolução não passava de um recurso insuficiente e ridículo. O ódio, porém, e a maldade dos perversos muitas vèzes impedem-lhes a clareza do raciocínio. Os guardas podiam, acaso, afirmar que tinham visto enquanto dormiam? Quem dorme não vê! De mais a mais, porque fugiram? Por mêdo, talvez, de umas mulheres inofensivas?... A verdade é que o dinheiro que já tinha comprado a traição de Judas,



ROGER VAN DER WEYDEN

Cristo ressuscitado, aparece à sua Mãe

Wiesbaden, Neues Museum

fechou também a bôca dessas testemunhas que, espezinhando a verdade, esconderam ciosamente a ressurreição de Jesus.

Não devem procurá-lo entre os mortos

Todavia, não faltavam ao divino ressuscitado meios nem ocasiões para deixar-se ver. Depois de Maria Madalena, também as outras mulheres amigas de Jesus foram ao sepulcro levando perfumes e bálsamo para terminar o embalsamento do corpo, interrompido na tarde de sexta-feira. Falavam entre si:

— Quem retirará a pesada pedra do sepulcro?... Nós quatro não temos fôrças suficientes para rolar uma pedra tão pesada.

Chegadas à entrada da gruta sepulcral, encontraram-na escancarada. No interior havia sòmente as ataduras dobradas e arrumadas num canto. O corpo de Jesus não podia ter sido furtado, porque os ladrões não iriam incomodar-se com dobrar e deixar arrumado aquilo que não lhes interessava...

As piedosas mulheres entreolharam-se assustadas. O que teria acontecido? Repentinamente apareceram dois anjos de vestes cândidas e deslumbrantes. Estavam para fugir amedrontadas, quando um dos anjos lhes falou:

— Porque procuram entre os mortos aquêle que vive? Não está mais aqui, ressuscitou!... Não se lembram quantas vêzes êle falou durante a vida, dizendo que devia partir, ser morto, mas que depois ressuscitaria?... Não está mais aqui, ressuscitou! Agora corram dizer isso a Pedro e aos outros discípulos... Corram!...

Sou eu!

As piedosas mulheres, cheias de júbilo e de entusiasmo, não deram tempo ao anjo de repetir a ordem. Voltaram às carreiras para a cidade. Antes, porém, que alcançassem os muros, apareceu-lhes na estrada Jesus em pessoa. Elas adoraram-no, enquanto seus corações explodiam de emoção. O ressuscitado falou-lhes:

— Salve! Não tenham medo! Sou eu! Vão avisar meus discípulos, que são meus irmãos, e digam-lhes que vão para a Galiléia: lá ver-me-ão.

Jesus reservou a primeira de suas aparições pascais a Maria Madalena, a pecadora convertida que tanto o tinha amado e que no banquete em casa de Simão lhe tinha ungido os pés. Depois, antes de aparecer aos discípulos, que na hora do perigo o tinham abandonado e fugido, quis aparecer às humildes e piedosas mulheres. Sem chamar a atenção de ninguém, elas tinham-no acompanhado com amor e dedicação para servi-lo, e foram fiéis até aos pés da cruz.

Quando as mulheres chegaram ao cenáculo, os discípulos estavam reunidos em redor de Maria, que lhes relembrava as promessas de Jesus:

— Quantas vezes Jesus lhes falou de seus sofrimentos, de sua morte? Mas disse que ao terceiro dia teria ressuscitado?... Estava anunciado nas profecias que o Cristo, isto é, o escolhido de Deus, devia sofrer e morrer, mas creiam: Jesus está vivo e logo ve-lo-ão!

Paz também para os fracos

Os discípulos já não podiam duvidar. Maria, as piedosas mulheres, Madalena afirmavam ter visto Jesus ressuscitado. Pedro e João tinham visto com os próprios olhos o sepulcro vazio... Jesus devia ter realmente ressuscitado!

Algumas horas depois, quando se achavam reunidos no cenáculo, Jesus apareceu, finalmente, também a êles. Não os censurou pela fraqueza de fugirem na hora da provação, nem lançou em rosto a Pedro sua tríplice negação... Teve somente palavras de alento e de paz para todos. A dura prova terminara. Êle vencera! Agora sua vitória devia ser concretizada com a fundação da Igreja, a sociedade de seus seguidores, na qual êle vive através dos apóstolos e de seus herdeiros.

Jesus apareceu ainda outras vêzes depois da ressurreição, mas — como tinha falado às piedosas mulheres na madrugada de Páscoa — quis que seus discípulos regressassem à Galiléia, a risonha região onde tinha transcorrido a maior parte de sua vida.

Nazaré mudou

Acompanhando os discípulos à Galiléia, Maria parou uns dias em Nazaré. Seus conterrâneos tinham ouvido falar dos acontecimentos de Jerusalém. Nos dias de Páscoa, muitos moradores de Nazaré que lá se encontravam, viram como Jesus era odiado e como fôra brutalmente condenado à morte. Diante disso, passaram a sentir uma simpatia fraterna pelo conterrâneo que antes tanto tinham desprezado. Afinal, era um seu conterrâneo... Os fariseus e os magnatas de Jerusalém não tinham querido ouvi-lo precisamente porque era um pobre carpinteiro de Nazaré.

Ninguém ignorava que o filho de Maria tinha sido morto por inveja, apesar dos milagres com que tinha favorecido tôda a Palestina. Os estrepitosos prodígios ocorridos com sua morte eram de domínio público: o sol que escureceu, a terra que tremeu... Muitos tinham também ouvido falar que Jesus tinha ressuscitado.

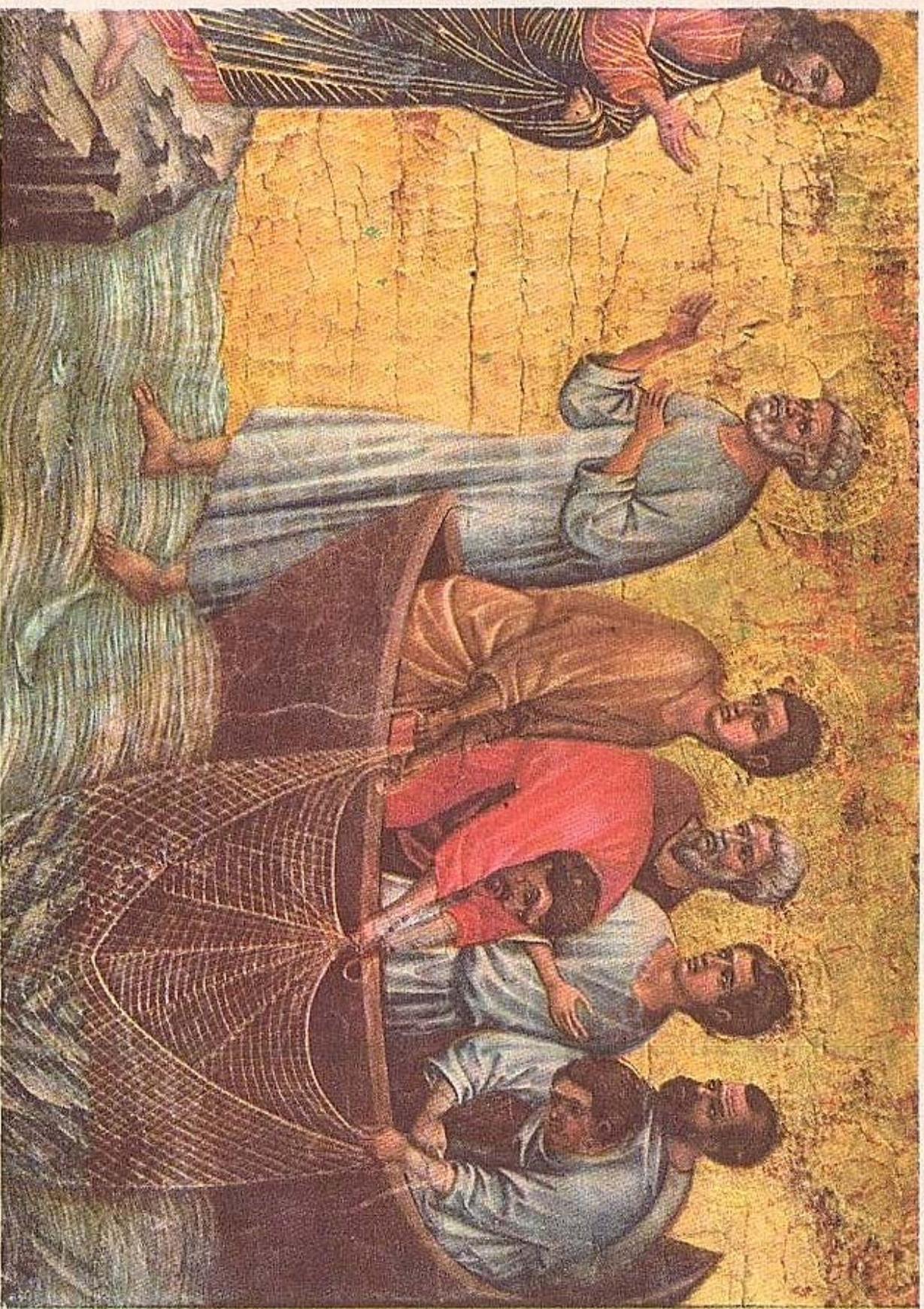
Voltando para sua casinhola na encosta da colina, finalmente Maria encontrou em seus conterrâneos certo respeito e sincera admiração.

Provavelmente também Jesus reviu sua casa de Nazaré. Talvez fôsse por isso que mandara os discípulos voltarem à Galiléia. Êle quis rever com seus olhos de ressuscitado a terra que amava acima de qual-

quer outra, a cidade onde escolhera sua mãe, onde vivera os anos da infância, da adolescência, de homem feito, a inesquecível oficina onde José o iniciara nos segredos do ofício, que êle próprio tinha exercido com mestria e entusiasmo...

Finalmente, depois de tantas lágrimas, de tantas incertezas maternas, de tanta ansiedade, na casinha de Nazaré, Maria provava somente a alegria de rever Jesus vencedor de todos os seus inimigos, triunfante sobre a própria morte. Agora nada mais podia preocupá-la! Depois da longa provação, chegava para ela a felicidade.

A felicidade que cedo ou tarde Deus sempre faz desabrochar ao redor de quem o ama sinceramente.



Pedro após a pesca milagrosa

Missão difícil

O pescador volta ao mar

Os apóstolos de Jesus foram morar na própria cidade, Betsaida, nas margens do Mar de Galiléia. Uma tarde Pedro resolveu “matar” as saudades de sua velha barca. Era perito pescador, e adorava ser embalado pelas ondas do lago que conhecia a fundo, palmo a palmo.

Os demais apóstolos acompanharam-no entusiasmados. Foi uma noite bem azarada: em suas rêdes não caiu nem um peixinho!

Clareava o dia quando, desanimados, voltavam à praia. Aí esperava-os Jesus, mas à distância êles não o reconheceram. Jesus, levando as mãos à bôca, à guisa de porta-voz, gritou-lhes:

— Moços, vocês não têm nada para comer?

Com um amplo sinal de mão, Pedro respondeu que não. Então Jesus sugeriu:

— Lancem as rêdes à direita: aí há peixes...

Pedro olhou um tanto desconfiado para o desconhecido da praia, estava por demais convencido de que não havia peixes aí, pois êle co

nhecia a fundo o lago, ainda que nada tivessem apanhado nessa noite!

Entretanto, os outros já tinham lançado as rêdes e, para maravilha de todos, notaram que em poucos instantes elas se atulharam de peixes. João, então, encarou melhor o desconhecido da praia, e gritou:

— Pedro, é Jesus!... É o Senhor!...

Chegando à terra, encontraram o fogo já aceso e, na mais santa alegria, saborearam dos frutos da pesca milagrosa. Também Jesus comeu, para mostrar-lhes que não era nenhum fantasma.

Três provas de amor

Terminada a rápida refeição, Jesus levantou-se e aproximando-se de Pedro, perguntou-lhe:

— Simão, filho de João, você me ama mais do que todos êsses daí?

— Sim, Senhor; vós sabeis que vos amo — respondeu espontaneamente o pescador.

Jesus repetiu mais duas vêzes a mesma pergunta:

— Pedro, você me ama mais do que todos êsses daí?

O pescador da Galiléia protestou por três vêzes seu amor, mas sentia um nó na garganta: voltava-lhe à memória a trágica noite da traição, a noite em que por três vêzes renegou seu Mestre, êsse bom Jesus que lhe tinha prometido “as chaves dos céus”, isto é, a chefia suprema da Igreja.

Jesus confirmou-o no cargo de chefe de sua Igreja:

— Então você será o pastor de meus cordeiros; você será o pastor de minhas ovelhas! A você confiarei todo o meu rebanho.

Em contraposição à tríplice negação, Jesus exigiu de Pedro uma tríplice declaração de amor: porque no reino de Deus sòmente a lei do perdão tem valor. Os pecados de quem pede humildemente perdão e sabe repará-los com amor sincero, são completamente perdoados.

“Ide pelo mundo afora!”

Jesus apareceu mais uma vez aos onze apóstolos reunidos num monte perto do lago de Genesaré. Com palavras solenes, transmitiu-lhes sua própria missão e autoridade:

— Foi-me dado todo o poder, no céu e na terra. Pois bem, ide em meu nome pelo mundo afora e transformai todos os povos em meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-lhes a observar tudo quanto eu vos mandei. E eis que eu estarei convosco todos os dias até o fim do mundo!

Depois Jesus marcou um encontro com seus fiéis em Jerusalém.

A pequena comitiva cristã retomou a estrada que levava à cidade deicida, teatro da paixão, da morte e da ressurreição de Jesus.

Maria estava sempre com êles. Desde a tarde de sexta-feira santa, cumprindo o testamento de Jesus agonizante, João tornara-se seu nôvo filho e ela era para êle e para tôda a pequena comunidade, uma mãe, porque na Igreja todos são irmãos de Jesus e, por conseguinte, filhos de Maria.

A terra não basta para o Ressuscitado

Adeus a Jerusalém

Em princípios de junho do ano 30, Jesus visitou ainda uma vez seus amigos no cenáculo. O cenáculo tinha-se tornado o lugar de suas reuniões costumeiras. Nesse lugar, onde Jesus tinha celebrado seu banquete místico, instituindo a Eucaristia, êles se reuniam para rezar e conversar irmanados.

Jesus entrou como sempre, com as portas fechadas. Apareceu no meio dêles e comunicou-lhes sua partida definitiva. Com palavras aca-loradas e com expressões muito afetuosas animou os continuadores de sua obra e prometeu-lhes o Espírito Santo, o "Paráclito", o Consolador, que os teria assistido com o próprio poder de Deus, explicando-lhes tudo aquilo que ainda não estavam em condições de compreender.

Dizia-lhes Jesus:

— Com a descida do Espírito Consolador, vocês receberão em si fôrça e coragem suficientes para dar abertamente testemunho de mim,

apesar das perseguições, e não só em Jerusalém, mas em toda a Palestina e nas demais nações, até às extremidades da terra.

As oliveiras apontam para o céu

Terminadas essas instruções, Jesus encaminhou-se com seus fiéis para o monte das oliveiras, que se ergue um pouco além do Hôrto onde, com a traição de Judas, tinha começado a paixão.

O verão palestinese sorria com seu cálido fulgor por entre o verde prateado das oliveiras. Jesus transmitiu sua última despedida, repetindo a ordem que o tempo jamais conseguirá apagar:

— Ide pelo mundo afora e pregai o evangelho, a boa nova de salvação, a todas as criaturas. Batizai e ensinai. A fé que tendes, nunca deve desfalecer. Eu estarei sempre convosco, até à consumação dos séculos.

Bem perto do seu Jesus glorioso, Maria irradiava alegria sobre-humana. Nessas palavras ela via cumprida a missão de seu Filho, o Messias. Depois de pagar o doloroso resgate de seu sangue por todos os homens, êle instituíra oficialmente o novo reino, a Igreja, comunidade dos filhos de Deus, místico rebanho confiado a Pedro e aos apóstolos e por meio deles a todos os seus sucessores pelos séculos a fora.

Maria teve apenas tempo de abraçar Jesus e dar-lhe um afetuoso beijo. Em seguida Jesus começou a subir lentamente rumo ao céu.

Os discípulos ficaram assustados: Jesus subia sempre mais, com amplos gestos de saudação. Com os braços erguidos, parecia querer envolver num único abraço todos os povos que os apóstolos deviam evangelizar como portadores de seu evangelho de verdade.

Uma nuvem cobriu a seus olhos a doce e amada figura que ascendia. Jesus tinha desaparecido.



ANDRÉ MANTEGNA

Florença, Galeria Uffizi

A Ascensão

Todos com Maria

No Monte das Oliveiras parecia que o tempo tivesse parado. Todos contemplavam o céu como que arrebatados pelo desejo de acompanhar Jesus.

Nisso, apareceram dois anjos vestidos de branco, e disseram:

— Homens da Galiléia, porque olhais para o céu? Jesus que agora se afastou e subiu ao céu, voltará somente no fim dos tempos para julgar o mundo.

Os amigos de Jesus ficaram como que paralisados: tinham ficado sós, com a difícil missão de evangelizar o mundo todo!...

Agruparam-se instintivamente ao redor de Maria, a mãe que Jesus lhes deixara. Ela compreendeu seus temores, e teve para com todos palavras de animação:

— A partida de Jesus não deve amargurá-los. Não percebem a alegria que lhes vai no coração? Jesus está em espírito aqui no meio de nós; êle nos assiste ainda que já não apareça visivelmente. Não percebem como êle fala no coração?... Foi preparar um lugar para todos os seus irmãos, para vocês todos, mas não nos deixou sós. Entretanto vamos para Jerusalém, porque lá êle prometeu mandar-nos o Espírito Santo, o Consolador.

A pequena comitiva encaminhou-se para a cidade santa: não se percebia nêles a mínima sombra de tristeza, mas somente uma grande saudade daquele céu azulado onde Jesus tinha desaparecido.

O desejo de receber o Espírito Consolador enchia a todos de alegre esperança.

Maria resolveu invocar a descida do Espírito Santo com a oração e o recolhimento.

Dessa maneira, no cenáculo, ao redor da mãe de Jesus, fazia-se a primeira "novena" da história cristã.

O fogo do céu

Só Maria no vazio deixado por Jesus

A calma voltara a Jerusalém. Pouco a pouco, a vida voltou à normalidade após os dramáticos acontecimentos da semana de Páscoa, que tinham aturdido o povo todo. De Jesus quase não se falava mais. Até seus inimigos, sabedores da efemeridade da própria vitória encerrada no mistério de um sepulcro vazio, evitavam com a máxima atenção lembrar os fatos em que se tinham envolvido tão vergonhosamente.

Cinquenta dias após a Páscoa, a cidade santa estava novamente abarrotada por avalanchas de peregrinos que de todos os lados subiam a Jerusalém para a festa de Pentecostes e também atraídos pelo mistério da morte de Jesus, de quem se tinha ouvido falar até nas regiões mais longínquas.

Entrementes no cenáculo os apóstolos, cada dia mais unidos a Maria, perseveraram na invocação do Espírito Consolador. Após o

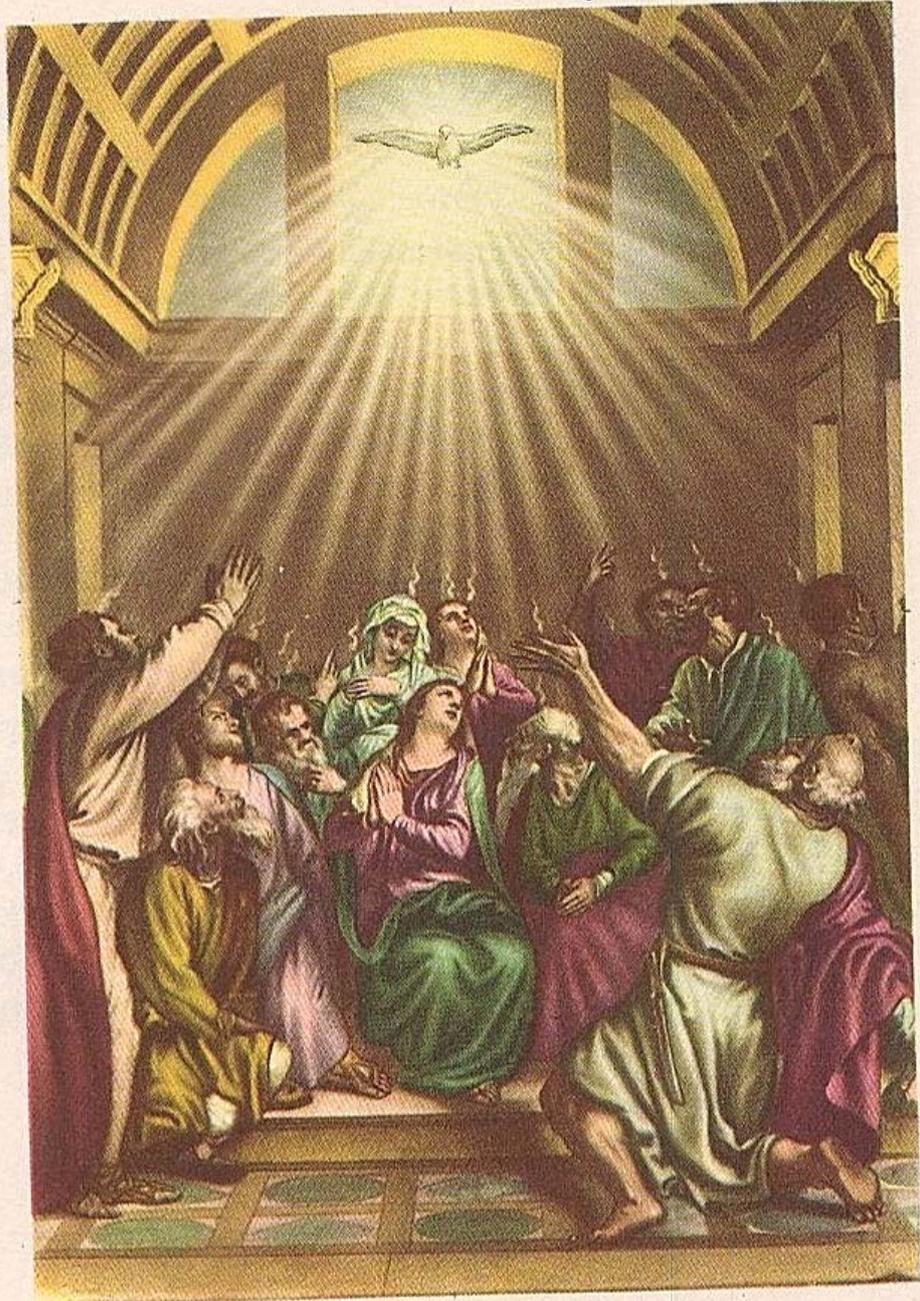
entusiasmo com a triunfal subida de Jesus aos céus, na pequena comunidade todos sentiam o vazio imenso que êle tinha deixado, e procuravam na convivência com Maria um remédio para a própria tristeza.

Sòmente agora percebiam o quanto ela se assemelhava a Jesus. Seu semblante traduzia as mesmas linhas, sua palavra era eco daquela voz que centenas e centenas de vêzes ouviram através das estradas poeirentas da Judéia, nas margens verdejantes do Mar da Galiléia, nas rissonhas colinas dos arredores de Nazaré, ali mesmo, entre as paredes dêsse cenáculo já sagrado com sua lembrança...

A novena da espera

A comunidade dos fiéis já era bastante numerosa: apóstolos, discípulos, mulheres pias, em tudo quase cento e vinte pessoas. Pedro era o chefe reconhecido por todos, a quem Jesus tinha confiado o rebanho inteiro, dando-lhe “o poder das chaves”, isto é, a máxima autoridade. Em tôdas as questões, porém, em todos os problemas, a última palavra cabia sempre a Maria.

Durante essa “novena” de orações, os apóstolos elegeram o sucessor de Judas, que traíra o Mestre. Tinham sido apresentados dois discípulos igualmente virtuosos e capazes. Maria convidou todos a rezar a fim de que Deus manifestasse a quem dos dois escolhia, porque para ser apóstolo é preciso ter vocação, isto é, ser chamado por Deus. Depois de ter rezado, a sorte caiu sôbre Matias, que foi associado ao número dos apóstolos. O grupo contava novamente doze membros, como Jesus tinha querido, talvez para lembrar os filhos de Jacó, os chefes das doze tribos do povo da Antiga Aliança, imagem da Igreja.



TIZIANO

Descida do Espírito Santo sôbre
os apóstolos e Maria

No cenáculo nasce a Igreja "docente"

Na manhã de Pentecostes um ruído como que de vento impetuoso invadiu a casa onde estavam reunidos com Maria os amigos de Jesus. O prédio foi sacudido desde os alicerces e toda a cidade percebeu o estranho fenômeno. No cenáculo o Espírito Santo tinha descido visivelmente sobre o grupo dos primeiros cristãos. Em cada um deles pousou uma língua de fogo para significar a renovação que o Paráclito ia realizar nos corações.

Tinha nascido a Igreja "docente", isto é, capaz de ensinar a verdade.

Uma verdadeira chama de zelo invadiu o medroso grupo dos apóstolos e dos discípulos. Uma coragem inexplicável apagou nêles toda sombra de medo, uma nova sabedoria iluminou-lhes a mente sobre as verdades que Jesus tinha pregado e as profecias que tinha vindo cumprir.

Deixou de existir o esconderijo no cenáculo, o medo dos fariseus e dos homens do Sinédrio, as incertezas e perplexidades ante o mundo todo a evangelizar. O Espírito Santo enviado por Jesus sobre a Igreja nascente tinha realizado uma verdadeira transformação.

As línguas do Espírito

As ruas perto do cenáculo regurgitavam de gente. Moradores de Jerusalém e peregrinos vindos das mais remotas regiões, atropelavam-se para verificar com os próprios olhos o que tinha acontecido. Um rumor surdo como de impetuoso vendaval havia sacudido a casa, mas tudo continuava em seu lugar, sem o mínimo sinal de desmoronamentos ou destruição.

Nesse momento exato, os apóstolos saíram às ruas e começaram a falar de Jesus ao povo. Ficaram todos maravilhados ao ouvir êsses po-

bres pescadores, até então medrosos e sem preparo, explicarem corajosamente a vida, paixão e morte de Jesus, assim como as profecias da Bíblia.

Um prodígio singular impressionou, porém, a multidão: Pedro, Tiago, João, Mateus, Bartolomeu e os outros apóstolos, por obra do Espírito Santo, falavam línguas diferentes e que nunca tinham estudado: peregrinos procedentes do Ponto, da Mesopotâmia, da Panfília, do Egito, da Frígia, da Ásia... até prosélitos vindos de Roma, todos ouviam a pregação dos apóstolos na própria língua.

Entretanto, êsses acontecimentos fora do comum chegaram aos ouvidos dos fariseus, dos homens do Sinédrio, os inveterados inimigos de Jesus: à admiração do povo, êles opunham sua costumeira e pertinaz incredulidade. Comentavam:

— Êsses não passam de bêbedos! Não percebem que falam línguas diferentes?!

Pedro, porém, respondeu-lhes corajosamente, demonstrando-lhes como já o profeta Joel havia anunciado êsse milagre. Nesse primeiro dia de evangelização houve cêrca de três mil conversões.

A Mãe da Igreja

Pentecostes deixou de ser o dia das colheitas, para tornar-se o dia sagrado da vinda do Espírito Santo. Com o divino Paráclito nasceu a Igreja missionária, com sua mensagem dirigida abertamente a todos os homens, sem distinção de raça ou nação.

No cenáculo Maria, a mãe de Jesus, tornou-se a Mãe de tôda a Igreja.

Nada mais poderia deter o ardor indômito dos apóstolos que haveriam de evangelizar para sempre tôdas as regiões da terra, anunciando as verdades ensinadas por Jesus.

Maria, a mãe de Jesus, tinha-se tornado a mãe de seus apóstolos, porque no Cenáculo ela os tinha preparado para receber o Espírito Santo, alcançando-lhes com sua valiosa intercessão essa copiosa infusão de graça.

Mais tarde os apóstolos deixaram Jerusalém a fim de espalhar a boa semente da verdade por tôdas as regiões da terra então conhecidas. Cada um dêles levava gravados no coração o nome e o exemplo de Maria, porque o apostolado é uma renovação de sua missão materna de comunicar Jesus ao mundo.

Maria é a rainha dos apóstolos, porque na noite santa de Belém ela deu Jesus Menino ao mundo: sua missão materna continua através do ministério dos apóstolos modernos, alcançando para as almas, com sua infalível intercessão, a vida do seu Jesus, isto é, a graça.

Uma mulher vestida de sol

Recordações sem lágrimas

Nada de certo sabemos sôbre os últimos anos de vida de Maria. De acôrdo com os desejos de Jesus, ela ficou com o discípulo preferido, João. Os outros apóstolos tinham-se espalhado pelo mundo a fim de pregar a fé em Jesus. Cada um dêles, porém, antes de deixar Jerusalém, tinha pedido a Maria sua bênção de mãe. Maria tratou a todos com o máximo carinho, e recomendações, como tinha feito com Jesus em Nazaré no comêço de sua vida missionária. Encorajou-os a enfrentar as perseguições com galhardia, como tinha encorajado Jesus no adeus de Betânia, na quarta-feira de Páscoa. Acompanhou-os com suas orações, como tinha acompanhado Jesus durante a paixão e aos pés da cruz.

Maria ficou em Jerusalém, na casa que João tinha herdado de seu pai Zebedeu. Sua maior alegria consistia em voltar com freqüência ao cenáculo, ajoelhar-se extasiada diante da mesa em que Jesus tinha instituído o sacramento do amor, a Eucaristia.

É impossível descrever os transportes celestiais da Virgem, quando recebia das mãos de João o pão consagrado, no qual ela via com os olhos da fé o seu Jesus!

Maria ia com freqüência ao Templo. As mais carinhosas e místicas lembranças ligavam-na àquelas construções! Ali estivera quando criança, apresentada por Joaquim e Ana. Muitas vêzes voltara aí para rezar. Foi aí que, ao trazer Jesus, encontrou Simeão, ouviu a profetisa Ana. Aí encontrou Jesus depois de seu desaparecimento, ali vira-o falar ao povo anunciando sua boa nova...

A vida terrena de Maria entrelaçava-se de recordações, mas sem lágrimas. Com a ressurreição de Jesus ela deixou de sofrer e agora, a graça que a sustentou durante os horrores da paixão, enchia-lhe o coração de calma e paz.

Talvez Maria tenha voltado mais vêzes também a Nazaré a fim de rever a casa onde o anjo lhe tinha falado e o quintal onde José e Jesus tinham trabalhado durante tantos anos... Quem sabe: numa esplêndida noite estrelada teria voltado a Belém, à gruta do Natal, para desafogar os ardores de seu coração inflamado de amor!...

Certamente percorreu muitas vêzes a "via sacra" até o Calvário, visitou o sepulcro, subiu o Monte das Oliveiras... Nesses lugares sagrados da redenção ela revia seu Jesus, percebia-o perto, bem perto de si, e renovava em seu íntimo o oferecimento do grande, do supremo martírio que havia redimido o mundo.

Um sepulcro vazio

Narra uma gentil lenda que um dia os apóstolos foram misteriosamente avisados de que Maria estava prestes a deixar êste vale de lágrimas para voar ao encontro de Jesus. Das mais longínquas regiões, encaminharam-se todos para Jerusalém e chegaram apenas em tempo de se despedirem de Maria antes que ela fechasse os olhos ao desagradável cenário terreno, pelo desejo de se unir ao Filho divino.

Nesse encontro — continua a lenda — faltava sòmente Tomé, o

mesmo que tinha chegado atrasado no dia em que Jesus ressuscitado aparecera aos apóstolos pela primeira vez, e duvidara de sua ressurreição.

Ninguém chorou, porque todos sabiam que Maria já não vivia com o pensamento na terra, depois que Jesus subira aos céus. Seu corpo imaculado, que tinha trazido no seio o Menino Jesus, foi ajeitado num lindo sepulcro.

Quando o apóstolo retardatário chegou a Jerusalém, o sepulcro de Maria já estava fechado. Tomé reclamou seu direito de rever pela derradeira vez a mãe do Senhor. Implorou, insistiu, até que resolveram abrir o sepulcro para que êle também pudesse ver Maria pela última vez.

Milagre!

O sepulcro estava vazio e no lugar do corpo virgíneo, havia flôres, perfumadas flôres...

Esta carinhosa lenda foi escrita para explicar um fato que aconteceu realmente.

Pode-se morrer também de amor

Não sabemos com certeza se Maria chegou a morrer, ou se foi levada diretamente para o céu. Uma coisa, porém, sabemos com certeza: seu corpo virginal e imaculado em que o próprio Deus quis morar em criança, foi levado pelos anjos para o céu, sendo assim poupado à corrupção do sepulcro.

Maria, a nova Eva, não tinha contraído a mancha original, porque foi dela preservada por singular privilégio de Deus. Por conseguinte, não estava sujeita à morte, consequência que esta é do pecado. Talvez seu coração tenha cessado de pulsar, incapaz de resistir ao imenso amor de Maria, ansiosa por se unir a Jesus.

No paraíso terreal Deus tinha prometido inimizade mortal e absoluta entre a Mulher e a serpente infernal. A vitória de Maria, portanto, devia ser definitiva e completa, e nem por um instante a serpente infernal teve poder sobre ela. Por isso, a morte e a corrupção tiveram que respeitar essa criatura privilegiada.



JUAN DE VALDES LEAL

Assunção de Maria

Sevilha, Museu prov.

Maria, levada para o céu em corpo e alma, tornou-se a rainha do céu e da terra. Ninguém tomou parte na redenção de Cristo mais do que ela, ninguém tinha sofrido como ela, ninguém como ela se tinha oferecido ao Pai, vítima pela salvação. Era justo, por conseguinte, que seu trono de glória, na bem-aventurança eterna, fôsse o mais brilhante depois do trono de Deus.

A "Mulher" que encerra a história

No Apocalipse, o último livro da Bíblia, o apóstolo S. João ao descrever os derradeiros acontecimentos do fim do mundo, fala da glória de uma "Mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e uma coroa de doze estrêlas na cabeça".

A Igreja aplica essa profecia a Maria. Quando se encerrar a história, quando tôdas as criaturas do universo participarem do triunfo definitivo de Deus, diante dos bilhões de homens que através dos milênios passaram pela terra, Maria aparecerá como o maior prodígio da onipotência de Deus.

Os astros do firmamento não passam de pálidos reflexos de sua luz gloriosa; as mais fúlgidas expressões da história humana são apenas um lampejo de sua grandeza.

A gloriosa visão da "Mulher vestida de sol" encerra a história humana, essa história que se iniciou no alvorecer do sétimo dia, no paraíso terreal, com a promessa da "Mulher inimiga da serpente".

A presença de Maria envolve todo o curso da história humana: desde o jardim de delícias onde brotou a expectativa da "Mulher" poderosa, até a mensagem do arcanjo S. Gabriel em Nazaré; desde a noite santa de Belém, até a tenebrosa e convulsionada sexta-feira santa; do alvorecer da Ressurreição até o primeiro Pentecostes; desde o começo da Igreja até o derradeiro dia da história humana, quando ela aparecer no fulgor de sua glória de vencedora da serpente infernal "vestida de sol, com a lua a seus pés e com uma coroa de doze estrêlas à cabeça": é sempre a "Mulher" prometida que realiza o plano providen-

cial pelo qual o próprio Deus se tornou homem a fim de que todos os homens pudessem tornar-se filhos de Deus.

A nova Eva

Mãe dos viventes

Maria é realmente a nova Eva, como Jesus é o nôvo Adão. Os primeiros homens pecaram e todos os seus descendentes foram condenados à inimizade de Deus e à morte. Jesus, o Filho de Deus, quis tornar-se homem a fim de dar ao Pai dos céus uma reparação proporcionada e para isso tornou-se filho de Maria.

A nova Eva já não gera os homens para a morte e sim para a vida eterna do céu, a fim de que todos possam salvar-se tornando-se cristãos, isto é, irmãos de Jesus, o primeiro entre os ressuscitados.

Maria é a mãe de todos. A ela recorrem os cristãos de todos os tempos e de tôdas as nações. Ela consola, socorre, ajuda, protege cada um em particular, como um dia velou sôbre o primeiro de seus filhos, Jesus.

E Maria representa o mais fúlgido exemplo para todo homem de boa vontade. Correspondendo com fé firme e generosa ao chamado especial de Deus, ela cumpriu missão altíssima e agora ocupa no céu o trono mais glorioso entre os anjos e os santos.

Nossa vida conduz à felicidade sômente se fôr como a da Virgem, uma generosa resposta à vocação que Deus dá a cada um. A lógica de Deus não muda jamais: chega-se à felicidade através da cruz, à glória mediante a humilhação, pelo sofrimento no tempo curto e fugidio da vida mortal alcança-se a alegria e o repouso eterno do Paraíso.

A humilde jovem de Nazaré exaltada como rainha do céu e da terra, rainha dos anjos, dos apóstolos, dos profetas, rainha dos mártires, das virgens, santa mais que todos os santos, revela o segrêdo de sua grandeza nas palavras inspiradas com que um dia cantou sua gratidão:

“Minha alma glorifica ao Senhor,
e meu espírito exulta de alegria
em Deus, meu Salvador,
porque olhou para a humildade de sua serva.
De fato, desde êste momento
hão de me chamar ditosa tôdas as gerações,
porque me fêz grandes coisas o Todo-poderoso...
que êle mesmo predissera aos nossos pais,
em favor de Abraão e sua descendência, para sempre”.

ÍNDICE

pág.	5	Introdução
	7	A promessa do sétimo dia
	17	A Antiga Aliança
	24	O retrato da mulher prometida
	29	Um ramo vigoroso como um cedro
	33	Maria, a "amada de Deus"
	37	Deus escolheu-te um espôso
	42	Um anjo aparece em Nazaré
	49	Palavras e cantos misteriosos numa viagem a Karém de Judá
	55	Deus precisa do carpinteiro de Nazaré
	59	O Messias deve nascer em Belém
	64	Natal, noite de luz
	73	Chamá-lo-ás Jesus
	79	Aparecerá uma estrêla
	87	A fúria inútil de um rei ludibriado
	94	Afinal, em Nazaré
	99	A vontade do Pai do céu
	110	A morte do justo
	116	João, aquele que batiza
	122	A estranha hora de um banquete de núpcias
	128	Uma pátria de rebeldes
	133	A verdadeira grandeza de uma mãe
	138	Um sepulcro em que ninguém pensava
	142	Começa a grande semana
	149	Sexta-feira, o dia mais longo da história
	156	O preço do resgate
	165	Sábado, o dia de Maria
	168	O domingo da nova Páscoa
	176	Missão difícil
	179	A terra não basta para o Ressuscitado
	183	O fogo do céu
	189	Uma mulher vestida de sol